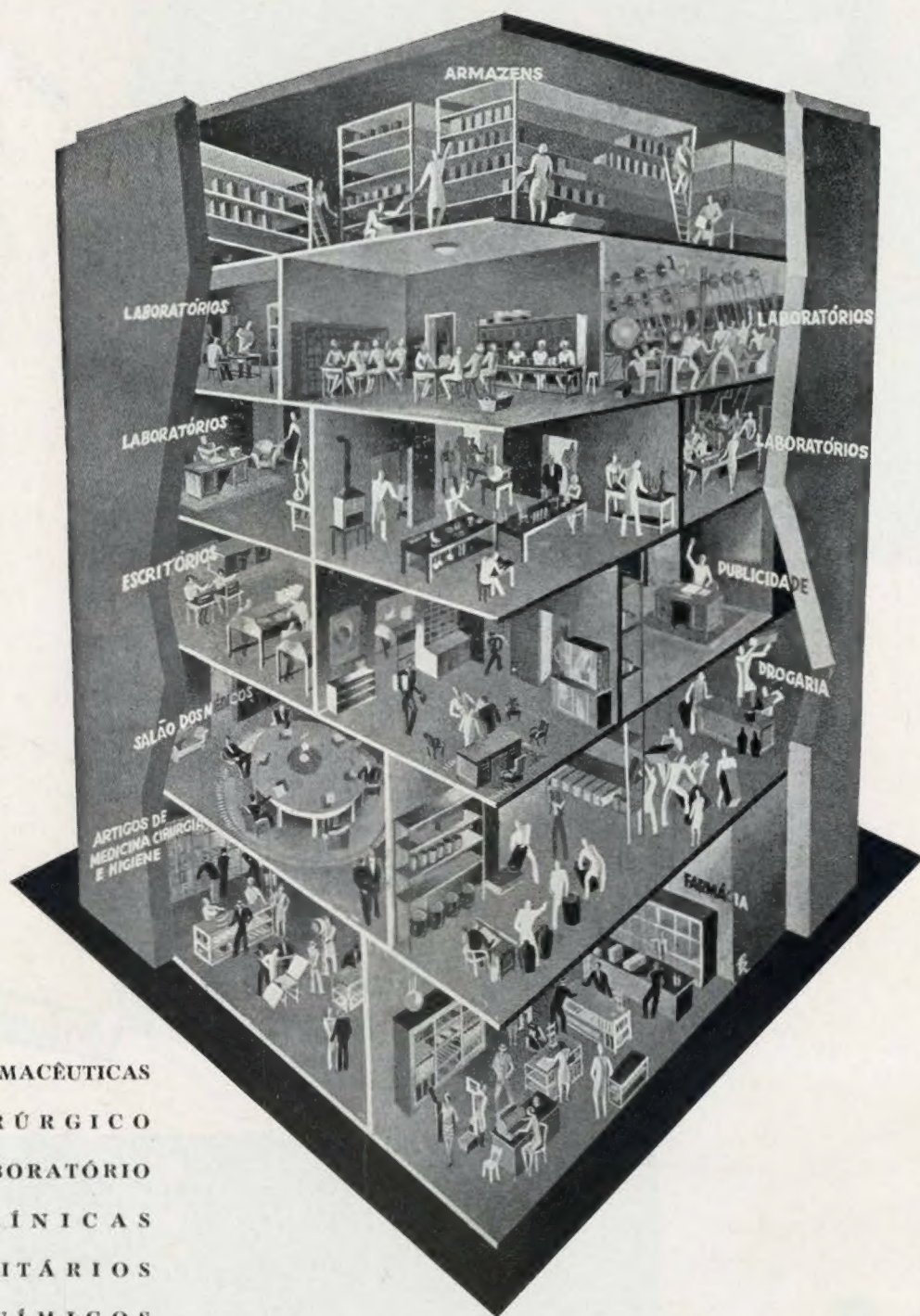
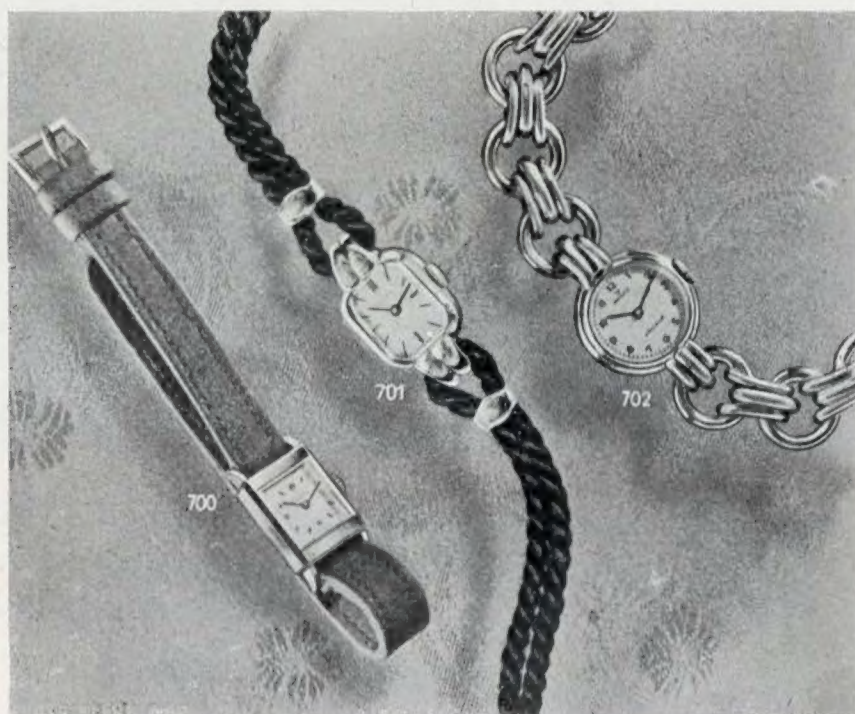
REVISTA PORTUGUESA DE ARTE E TURISMO
PANORAMA
paisagem
arte
ninho
oceano
romaria
alentejo
mangerico
alvorada
NUMEROS 15 E 16 ★ ANO 3.º ★ 1943

ARMAZENS
LABORATÓRIOS
LABORATÓRIOS
LABORATÓRIOS
LABORATÓRIOS
ESCRITÓRIOS
PUBLICIDADE
DROGARIA
ARTIGOS DE
MEDICINA CIRURGIA
E HIGIENE
FARMÁCIA

A Página da Beleza

VELASQUEZ

As Meninas

Este fragmento de uma das mais belas obras do grande mestre espanhol representa a Infanta Margarida-Maria e a sua côrte no «atelier» do pintor, que se vê no segundo plano, defronte da sua tela, com a paleta na mão. Esta obra prima data de 1656 e encontra-se no museu do Prado.

ROLEX

700 *Princesinha "Sport"*

Para a vida ao ar-livre. Seguro movimento com 17 rubis. Em ouro maciço 18 ct. e em aço «Staybright».

701 *Princesinha*

A mulher elegante usá-la-á com a sua «toilette» de passeio. Movimento com 18 rubis. Caixa em ouro rosa, maciço, com duplo cordão de seda.

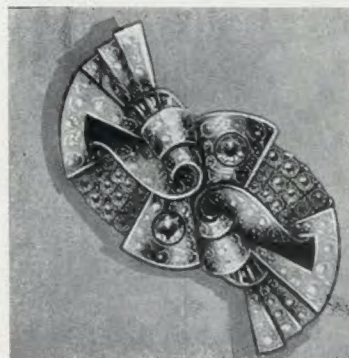
702 *Princesinha Real*

Esta bela criação, inteiramente em ouro rosa, 18 ct. salientará a elegância da vossa «toilette» de noite. Movimento «Precisão». Com pulseira de ouro, lisa no interior, muito cómoda e agradável.

"A Beleza ao serviço da Precisão"

Casino de Espinho

A sociedade "Espinho-Praia" não se tem poupado a esforços para tornar êste Casino um dos mais civilizados da Península, introduzindo-lhe sucessivos melhoramentos — como o novo **BAR,** *à entrada do "hall", recentemente inaugurado. — São constantes as festas que animam o* **SALÃO NOBRE** *e o* **DANCING,** *com o valioso concurso de duas orquestras magníficas e um esplêndido conjunto de artistas de variedades. — Óptimo serviço de restaurante. — Freqüência selecta e numerosa.*

Aqui se aconselha...

Foi a JOALHARIA LORY & C.ª, no Rossio, 40, que há 41 anos introduziu em Portugal o fabrico de jóias em platina. Desde então firmou crédito e vem mantendo-o através de tantos anos com a apresentação de jóias e pratas de apurado gôsto, óptima execução e preços moderados. Porque dispõem de oficinas próprias, gostosamente darão a quem lhos pedir, sem quaisquer encargos, desenhos e orçamentos para transformação e reparação de jóias.

INSTANTA — a moderna casa de artigos fotográficos na Rua Nova do Almada, 55-57, Lisboa, em cujos laboratórios se executam, com a possível brevidade, máximo cuidado e perfeição, todos os trabalhos de fotografia — revelagens, cópias, ampliações, etc. — e onde presta serviço pessoal especializado em *Leica*, *Contax*, *Retina* e *Cine 8 m/m*, publica esta foto (negativo do Sr. Constantino Varela Cid) premiada no concurso que mantém aberto.

Não se inquiete mais com a sua caixa de pó de arroz! É encantadora, mas causa-lhe tantos embaraços... A tampa nem sempre se fecha bem... O pó espalha-se pelas mãos e pelos vestidos... Substitua-a pela nova borla JUVA-TEX, compacta e automática, que encerra pó para 10 dias e só permite a sua saída, pelos milhares de pequeníssimos poros, quando em contacto com a pele.

A presença no lar de um excelente divã, de um bom colchão de arame, de sumaúma, lã, cortiça ou crina, que provoque um sono reparador é sempre um motivo agradável pela comodidade. Por isso aqui se aconselha uma visita à casa VIEIRA CAMPOS (antiga Casa Figueiredo), na Rua da Prata, 215 a 217, em Lisboa, especializada desde 1864 no fabrico de DIVÃS, COLCHÕES DE ARAME e outra COLCHOARIA.

que leia, veja e compre

O candeeiro eléctrico, pela sua necessidade de uso, toma obrigatòriamente parte no conjunto duma casa. Assim, ao comprá-lo, escôlha um que constitua um motivo valioso de decoração. Antes de se decidir por qualquer, visite a FÁBRICA DE CANDEEIROS ELÉCTRICOS, COSTA & MORAIS, LDA., na Rua Serpa Pinto, 1, Lisboa, onde encontrará lindos candeeiros de cristal, ferro forjado, cromados, dourados e *abat-jours* de modelos modernos para todos os géneros.

ENTRE as casas que em Lisboa têm à venda a melhor e maior variedade de produtos de beleza destaca-se a PERFUMARIA DA MODA, na Rua do Carmo, 5 e 7. Confirmam o que dizemos as numerosas senhoras de bom gôsto que preferem fazer ali as suas compras dos PRODUTOS HARLÉSS, de que aquela perfumaria é depositária. HARLÉSS — são perfumarias de grande classe e, por isso, se explica a enorme procura que têm.

TABOT apresenta nesta foto um modêlo de penteado para um certo tipo de rosto. Só um cabeleireiro que reüna à sua competência a sensibilidade de artista, sabe realçar a beleza da mulher com o seu penteado próprio, criando um conjunto de linhas e de côres de contraste harmonioso. E *Tabot* sabe procurar o penteado adequado à expressão de beleza de cada mulher. TABOT, cabeleireiro *visagiste*, Rua do Ouro, 170, Lisboa. Telefone 2 2072.

MAIS LUZ E MENOR CONSUMO é o que os consumidores de energia eléctrica pretendem obter e sem saber como. Mas, nada mais fácil! Resume-se afinal a plena satisfação dêsse desejo no uso das lâmpadas TUNGSRAM KRYPTON. Esta lâmpada deve sem dúvida ser preferida, não só pela sua extraordinária economia de consumo, mas, também, porque dá uma luz intensa e brilhante.

SANOGYL

Qual fortaleza maior do que aquela que se vence a si mesmo!

(ZURARA — Crónica da Guiné, cap. VI)

Colégio Infante de Sagres

QUINTA DAS PALMEIRAS (ÀS LARANGEIRAS) — LISBOA

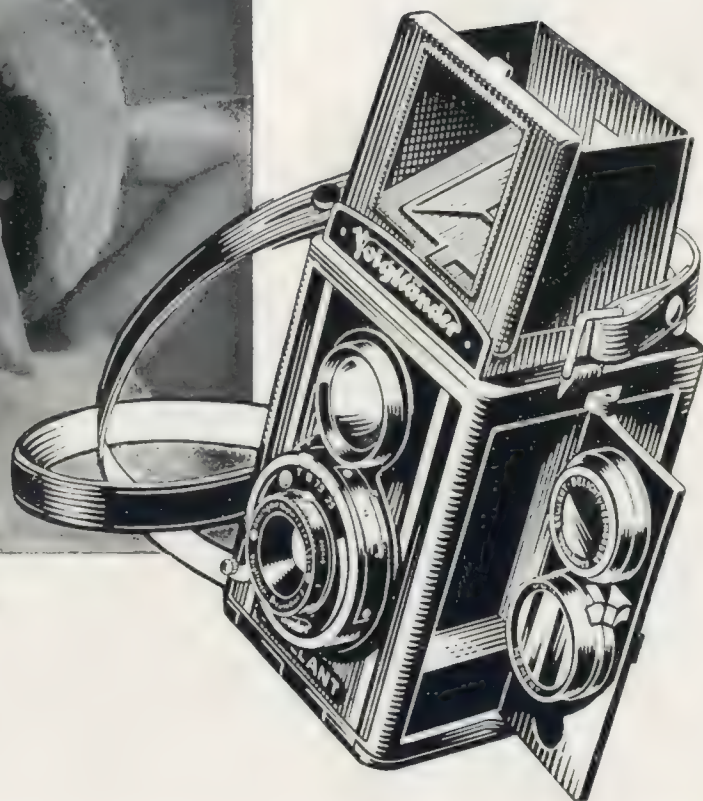
A educação é um património de valor inestimável. Desenvolvê-la nos filhos, ainda que à custa de grandes sacrifícios, é um dever imperioso dos pais. A falta de um espírito largo na educação dos filhos privá-los-á de enormes possibilidades quando tiverem de enfrentar as vicissitudes da vida.

Na modelação do carácter dos rapazes deverão pôr-se em jôgo as noções de responsabilidade e consciência moral, única maneira de se transformarem em homens.

Em boa verdade e como conclusão final, quási podemos afirmar que não há rapazes verdadeiramente estúpidos, há alunos mais ou menos dotados.

Não podemos viver sòmente do passado; liguemos o passado ao presente. Uma nação que se limite a viver do seu antigo tesouro, nunca poderá ser uma nação viva. Para viver é indispensável que se apodere do espírito do passado e se ponha em marcha para o futuro. A educação faz tudo isto.

SANDFRSON

A educação moderna deve basear-se em princípios fisiológicos e psicotécnicos e visar a higiene do corpo e do espírito, a formação do carácter e do sentido social. Cultura física, aeroterápia, helioterápia e endocrinologia são elementos essenciais.

DEPOIS DO SOL É A "TUNGSRAM"
QUE MELHOR ILUMINA PORTUGAL
V. DO CASTELO
BRAGA
BRAGANÇA
PORTO
V. REAL
AVEIRO
VIZEU
GUARDA
COIMBRA
LEIRIA
C. BRANCO
SANTAREM
PORTALEGRE
LISBOA
SETUBAL
EVORA
BEJA
FARO

O PETRÓLEO PIVER — verdadeiro bálsamo do couro cabeludo — é o grande estimulante da nutrição do bolbo piloso, eliminando completamente a caspa
O PETRÓLEO PIVER evita, como nenhum outro produto, a queda do cabelo, e activa o seu crescimento dando-lhe beleza, saúde e vigor

L. T. PIVER

PITORESCO E BOM SENSO

No artigo que inserimos no presente número com o título de *Rodízio — Bairro dos Arquitectos*, o nosso colaborador Américo Nogueira põe em relêvo o pitoresco da zona turística *Sintra-Azenhas do Mar*, fazendo o elogio (embora com uma evidente ponta de ironia) do meio de transporte que a serve.

É o que se chama focar o objecto pelo ângulo optimista... Que êsse *eléctrico*, abstractamente considerado, é um carrinho engraçadíssimo, capaz de fazer evocar com ternura e saüdade as férias grandes do colegial, só o negará quem fôr destituído de fantasia e de alegria de viver, o que, já de si, são coisas bem raras nos tempos correntes.

Acontece, porém, que essas mesmas virtudes, ainda que fôssem acrescidas de uma estóica resignação, não resistiriam a meia dúzia de carreiras diàriamente praticadas por quem tenha de fazer a sua vida na capital.

Em lógica proporção, maior e mais justo é o descontentamento dos que escolhem para residência normal, ou sòmente para veraneio, qualquer das localidades que adornam a belíssima zona: Galamares, Colares, Praia das Maçãs, etc. Sabemos não ser êste o caso do nosso estimado colaborador e, por isso, o felicitamos...

Pitoresco é uma coisa; outra coisa é o *bom senso*. De ambas se alimenta o turismo, mas sem que qualquer delas exclua a outra. Vamos mais longe, na certeza de que defendemos o mais são dos critérios, dizendo que, a ser preciso sacrificar-se alguma delas, deverá ser a primeira.

Neste ponto objectivo, se está certa a *linha* em que o pequeno *eléctrico* àsperamente deslisa — por nos proporcionar em todo o trajecto os mais diversos e risonhos panoramas — está erradíssimo o *veículo!* Erradíssimo pela incomodidade, o anacronismo, a velhice do material, a escassez de lugares, a demasiada lentidão, os perigos que oferece aos passageiros, o preço exorbitante dos bilhetes, etc., etc.

CONDIÇÕES TURÍSTICAS DE MOLEDO DO MINHO

Esta deliciosa praia minhota — a que dedicamos neste número um artigo assinado por António Pedro — possui uma Pensão limpa e aceitável. Casas mobiladas para alugar, desde 700$00 a temporada. Água encanada, luz eléctrica, telefone. Dunas magníficas para acampamentos campistas. Tenis. Pesca do robalo, à linha, nos penedos da praia; no rio Minho, salmão, lampreia, sável, e sôlha à fisga; trutas no Coura. Caça: além do coelho e da perdiz, rôlas de passagem, com o leste, no Camarido, patos no Minho, narceja nos juncais do rio Coura, a três quilómetros. Canoa em ambos os rios. Vela e remo no maior, com um estuário de quási dois quilómetros. Caminho de ferro. Ainda não insultaram a paisagem com nenhuma «esplanada» de balaústres românticos de cimento armado. Outros informes, dá-os a Comissão de Turismo a quem os pedir.

GARGOYLE
Mobiloil
1981
SOCONY-VACUUM OIL COMPANY, INC.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
R. DE S. PEDRO DE ALCÂNTARA 45, 1.° - TEL. 29311 - LISBOA

PREÇO: 10$00

PANORAMA

Revista Portuguesa de Arte e Turismo

EDIÇÃO DO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL
NÚMEROS 15 e 16 ★ JULHO 1943 ★ VOLUME 3.º

Realizações e Iniciativas

Arte

Alentejo

Praias e Termas

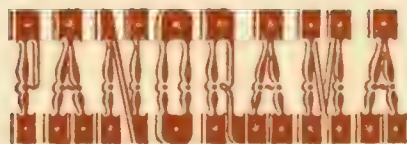
Bom Senso e Bom Gôsto

Indústrias Nacionais

★ ★ ★

CAPA DE BERNARDO MARQUES — DESENHOS DE ROBERTO ARAUJO, MANUEL RIBEIRO DE PAVIA E BERNARDO MARQUES — FOTOGRAFIAS DE: A. PINTO ESTEVES, ALVAO, ANNE MARIE JAUSS, BELEZA, EDUARDO PORTUGAL, FERNANDO VICENTE, FRANCISCO CALDEIRA CABRAL, FRANCISCO SANCHES, HORACIO NOVAES, MANUEL SANTOS, MARIO NOVAES, OTTO AUER E RASTEIRO.

Condições de assinatura: Continente e Ilhas adjacentes, 6 números 30$00, 12 números 60$00 — Colónias Portuguesas, 6 números 35$00, 12 números 70$00 — Estrangeiro, 6 números 50$00, 12 números 100$00

Capa e Fotolitografias: Litografia de Portugal e Fotogravura Nacional — Tricromia: Bertrand (Irmãos) — Composição e Impressão: Tipografia E. N. P - Gravuras: Bertrand (Irmãos) e Fotogravura Nacional

PANORAMA, com o presente número, entra no seu terceiro ano de publicação. Não sublinhamos o esfôrço, decerto evidente, que representa a continuïdade editorial de uma revista desta natureza, nos tempos árduos que decorrem. Achamos, no entanto, legítimo e oportuno expandir a satisfação que nos causa a consciência de termos cumprido, através de tôdas as dificuldades e com desconto de algumas inevitáveis deficiências (em primeiro plano, o atraso na saída de alguns números), o programa anunciado na apresentação do número inaugural.

Aí prometemos que PANORAMA seria um repositório, sempre que possível actualizado, do que existe de mais vivo e característico no País, imprimindo-lhe, portanto, fisionomia própria, expressão diferenciada; que a par do pitoresco da PAÏSAGEM, das produções de ARTE — tanto culta, como popular — se registariam, em artigos e imagens, tôdas as manifestações do espírito realizador, da capacidade construtiva, dos recursos vitais da nossa terra: OBRAS PÚBLICAS, TURISMO, INDÚSTRIAS NACIONAIS, etc.

Ora, quem possua a colecção dos números publicados e queira, agora, folheá-la, com facilidade verificará que não foi gratuita a nossa promessa, nem totalmente ineficaz o nosso desejo de servir. Vejamos, num rápido resumo.

Païsagem: — As fotografias, quadros, gravuras e desenhos dos variadíssimos aspectos päisagísticos que temos reproduzido, tanto do campo como da beira-mar (serras, planícies, vales; parques e jardins; termas e praias; aglomerados urbanos, etc.), são já em número suficiente para que resulte dessa consulta uma elucidativa visão de conjunto da fisionomia plástica do nosso país.

*A*rte: — Não seria pequeno o índice dos artigos e gravuras consagrados a* Museus, Exposições, Monumentos *e obras portuguesas de* Arquitectura, Pintura, Escultura, Artes gráficas e decorativas, *por escritores e artistas especializados nos vários assuntos, como: Aarão de Lacerda, Alfredo Guimarães, Armando de Matos, Diogo de Macedo, Matos Sequeira, João Couto, Jorge Segurado, Luís Chaves, Luís Reis Santos, Mário Chicó, Miguel de Oliveira, Moreira das Neves, Raúl Lino, Salvador Feyo, Ventura Porfírio e Vergílio Correia.*

Quanto às produções plásticas do nosso tempo, manifestámos sempre (esta foi, na verdade, uma das nossas campanhas), em artigos, notas e simples legendas, o critério que define e orienta, artìsticamente, esta revista: — descobrir, focar e estimular os valores plásticos vivos, *isto é: integrados nas correntes da estética moderna, mas tanto quanto possível inspirados numa tradição de espírito ou de estilo nacional, em temas estruturalmente portugueses. Para esta orientação (filiada, aliás, no programa de divulgação cultural do S. P. N.), encontrou António Ferro a fórmula justa, nos seguintes têrmos: —* «Nacionalizar a arte popular; arte que não deve interessar pelo seu aspecto anedótico, mas sim pelo seu espírito, pelo seu valor racial.»

Turismo: — Além dos artigos ilustrados que especialmente dedicámos a diversas povoações (Aveiro, Nazaré, Monsanto, Figueira-da-Foz, Pôrto, Viana-do-Castelo, Guimarães, Caldas-da-Rainha, Évora, Leiria, Coimbra, Setúbal, Santarém, Évora-Monte, Arouca, Beja, Faro, etc.), e de impressões de conjunto sôbre várias províncias, serras e zonas do litoral, esforçámo-nos por facultar aos nossos leitores, no Boletim *da revista, indicações práticas, informações objectivas e úteis sôbre as condições e os atractivos principais de numerosas regiões e localidades de interêsse turístico.*

Não foi esquecida, também, a promessa inicial de focarmos alguns aspectos do PORTUGAL INSULAR E ULTRAMARINO, publicando artigos ilustrados àcêrca de Angola, Guiné, Açores, Cabo-Verde, Lourenço-Marques, Madeira e Macau, com a colaboração dos escritores: Castro Soromenho, Vitorino Nemésio, José Osório de Oliveira, António de Navarro, João Cabral do Nascimento e Jaime do Inso — que assinaram, respectivamente, os referidos trabalhos.

Inaugurámos e demos continuïdade, em todos os números, a uma campanha que só não tem a exacta designação de BOM SENSO, por nos parecer mais clara e directamente apontada ao nosso objectivo a de BOM GÔSTO. Todavia, quem ler com atenção os breves textos que acompanham as gravuras insertas nessa secção, fàcilmente observará que não concebemos o significado de «bom gôsto» sem a existência primordial e activa do «bom senso»...

Que mais fizemos? Sirvam, já agora, estas páginas de índice resumido da nossa actividade de três anos, acrescentando-se que obedeceram ao mesmo critério de vulgarização sistemática dos valores nacionais e de incitamento ao progresso turístico: — a rubrica ROTEIRO DO VINHO PORTUGUÊS, assinada por António Batalha Reis (que deverá constituir, em edição especial, a primeira separata da revista); a série de crónicas de Augusto Pinto, sob o título de FABULAS E PARABOLAS DE TURISMO; a campanha EM DEFESA DA NOSSA PAÌSAGEM, a cargo de Francisco Caldeira Cabral, e a secção OS GRANDES VALORES TURISTICOS NACIONAIS, dirigida por Augusto Cunha.

Lançámos dois concursos: O PASSEIO IDEAL e A CASA PANORAMA. — Publicámos, fora do texto, várias reproduções policromadas de obras de arte portuguesa, e três mapas, consagrados aos MONUMENTOS DE PORTUGAL, às ROMARIAS e ao CAMPISMO. — A par da propaganda feita a favor dêste saüdável desporto, iniciámos e temos prosseguido na do FIM DE SEMANA. — As principais obras e acontecimentos que interessam ao turismo têm sido regularmente registados na secção INICIATIVAS E REALIZAÇÕES. — Finalmente...

Finalmente, resta-nos agradecer a todos os que contribuíram, directa ou indirectamente, para o bom têrmo a que supomos ter levado, até agora, a nossa tarefa. Em especial, àquêles que mais de perto ou com maior assiduïdade colaboraram connosco: — escritores, pintores, fotógrafos e profissionais das Artes Gráficas. Sem o seu sentido de colaboração, a sua boa vontade e o seu talento, PANORAMA estaria muito longe de ser... o que desejávamos que fôsse.

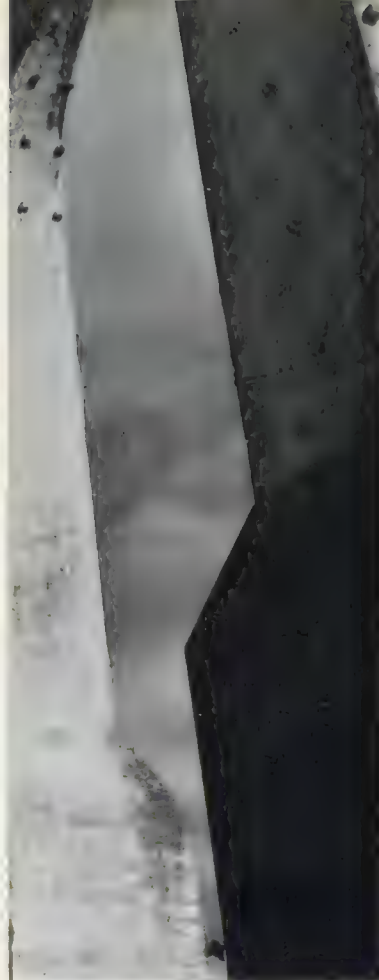
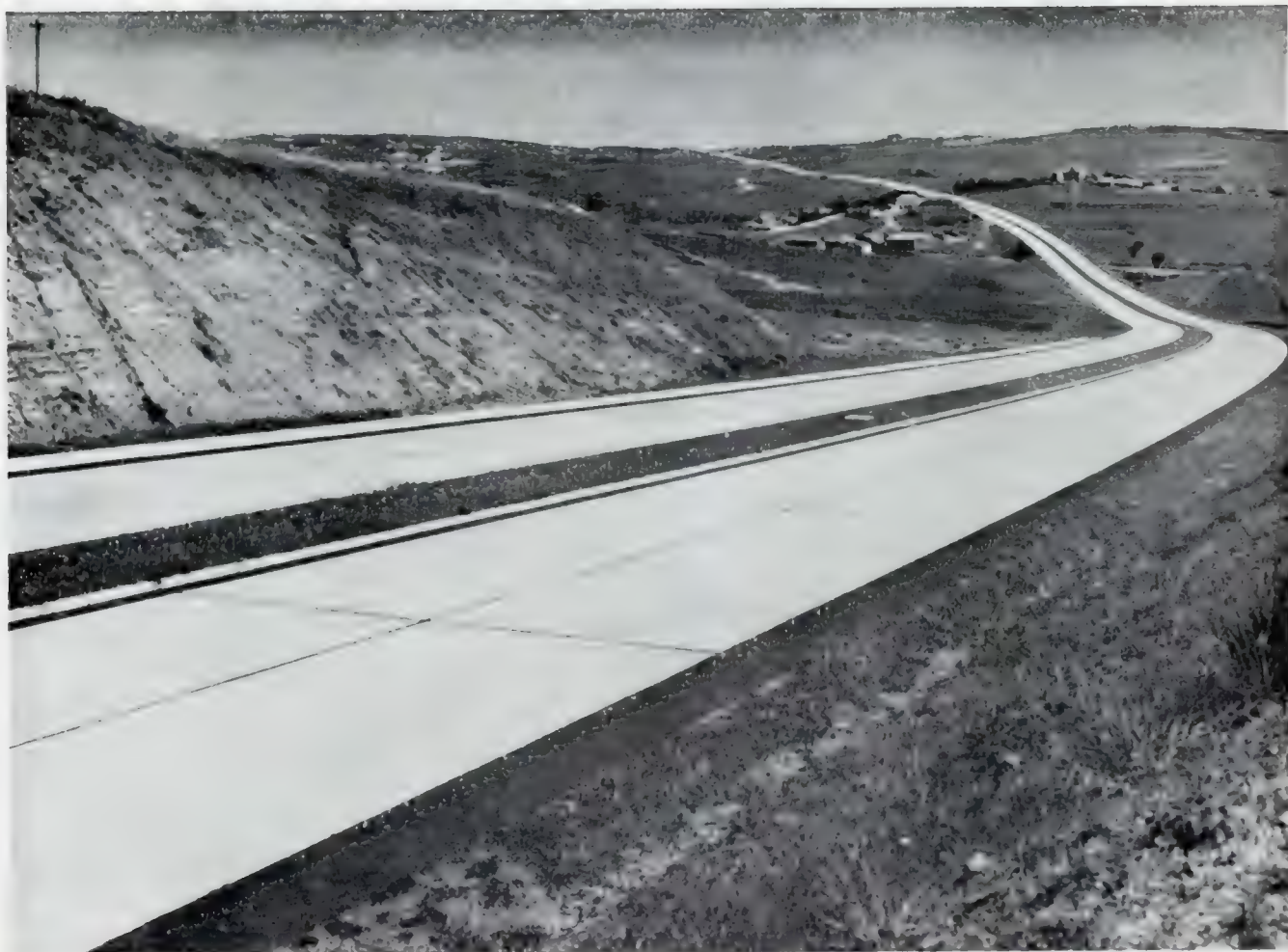
Realizações e Iniciativas

de de progresso de uma nação
: parte, pelas *OBRAS PÚBLI-*
da estabilidade política e do
los Governos. Assim, quando
›na todo o organismo. A sua
ındo não a morte do progresso
ito, sob a superior chefia de
e Pacheco, é verdadeiramente
›speita à quantidade, à gran-
Também pela *qualidade* —
;, desde início, render culto.
artigos e imagens, as mais
últimos anos: — Os melho-
ıDA MARGINAL LISBOA-
HIDRÁULICA AGRÍCOLA.
TE, o PÔRTO DE LEIXÕES,
UPERIOR TÉCNICO, nova-
NACIONAL DE ESTATÍS-
JANELAS VERDES — além
:luídas no plano-conjunto das
que *PANORAMA* prossegue
tanto, voltar a página...

FOTO DE J. BENOLIEL

A capacidade de progresso de uma nação e o seu grau de vitalidade medem-se, em grande parte, pelas *OBRAS PÚBLICAS*. São elas, ainda, o índice mais evidente da estabilidade política e do equilíbrio económico firmados e garantidos pelos Governos. Assim, quando mal funciona êsse orgão do Estado, mal funciona todo o organismo. A sua paralizia implica, necessàriamente, o colapso, quando não a morte do progresso nacional. Ora, o que neste capítulo se tem feito, sob a superior chefia de Salazar e a especial orientação do Eng.° Duarte Pacheco, é verdadeiramente extraordinário. E isto não apenas pelo que respeita à quantidade, à grandeza e à importância dessas realizações. Também pela *qualidade* — virtude essencial a que esta revista se propôs, desde início, render culto. Daí o termos registado, sucessivamente, em artigos e imagens, as mais importantes *OBRAS PÚBLICAS* efectuadas nos últimos anos: — Os melhoramentos no PÔRTO DE LISBOA, a ESTRADA MARGINAL LISBOA-CASCAIS, os BAIRROS ECONÓMICOS, a HIDRÁULICA AGRÍCOLA, a ESCOLA NAVAL e o ARSENAL DO ALFEITE, o PÔRTO DE LEIXÕES, o ESTÁDIO NACIONAL, o INSTITUTO SUPERIOR TÉCNICO, novamente o PÔRTO DE LISBOA, o INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA, o NOVO ANEXO DO MUSEU DAS JANELAS VERDES — além de outras realizações de iniciativa municipal, incluídas no plano-conjunto das obras de interêsse público. É facílimo verificar que *PANORAMA* prossegue no cumprimento desta missão. Basta, para tanto, voltar a página...

A AUTO-ESTRADA

por

J. Nunes Ribeiro

UMA longa fita branca estendida na paisagem, caprichosamente ondulada, como feita a giz por um gigante habilidoso, é a súbita impressão que a Auto-Estrada pode dar a quem, pela primeira vez, a veja de um ponto alto. De Monsanto, principalmente.

Coisa majestosa e bela, no entanto. Apetece ir lá a baixo, para a ver de perto.

Agora, um automóvel por ali, é coisa rara. Lembra uma formiga num rio de leite. ¿Ou será um carrinho de criança largado na montanha-russa de um Luna-Parque? Apetece lá ir, e vamos. De automóvel, a caminho do Estádio Nacional...

Não se resiste a mandar fazer alto. Apeamo-nos. Há um desejo infantil que nos assalta: pôr a mão no chão, para afagar aquela lisura impecável.

Ao mesmo tempo, duas pessoas soltam esta frase: — «Podia-se patinar aqui»! Isto há-de ser dito milhares de vezes, e milhares de vezes se há-de ouvir: — «Já não morremos hoje...».

E não. Aquela estrada não foi feita para se morrer hoje. Mas para se patinar, sim, podia muito bem ter sido!

Quem andou, em tempos, por aquêles lados de Linda-a-Pastora, já não se lembra como eram.

A paisagem é outra. A fita branca foi-se desenrolando, como um cilindro monstro que tudo espalmasse no chão: árvores bonitas, casas feias, morros e pedras. Ficou tudo liso, tudo rendido à majestade daquela fita.

Mas será uma só fita? Mais perto, vê-se que são duas, rigorosamente paralelas.

A Auto-Estrada tem duas pistas independentes para cada sentido de trânsito, separadas por relvado. Podem ali instalar-se floridas plantas, sem dúvida.

Em cada pista, as faixas de circulação e de ultrapassagem são demarcadas a preto, com veios cobertos de alcatrão.

Passam-se pontões marginados de parapeitos de ferro. Tudo geométrico, simples, sólido e asseado.

Quanto a esta impressão de asseio que a obra nos dá, basta dizer que mal se tem coragem de atirar para o leito da estrada uma ponta de cigarro ou um fósforo queimado. Tal qual como nas passadeiras das casas apalaçadas...

O leitor há-de querer, agora, saber coisas mais concretas. É legítimo — e é, também, função desta revista. Vamos, portanto, resumir o que aprendemos, consultando o n.º 48 (Dezembro de 1940) do *Boletim da Ordem dos Engenheiros,* e o *Relatório da Junta Autónoma de Estradas* (1936-1941).

Destina-se a Auto-Estrada a ligar a parte alta de Lisboa com a Estrada Marginal, a servir o Parque Florestal de Monsanto e, também, o Estádio Nacional.

A largura total da sua plataforma é de 22 metros, dividida, como dissemos, em duas pistas.

Duas pistas independentes para cada sentido de trânsito, separadas por relvado. — Em baixo: *Uma das curvas da Auto-Estrada, vendo-se o Estádio Nacional, à esquerda da gravura.*

A zona enrelvada que as separa, mede 3 metros. Cada uma das pistas é de $7^{m},5$, sendo o espaço restante absorvido pelas guias de betão de cimento revestidas por asfalto que limitam as faixas de rolagem.

As trincheiras foram abertas por máquinas escavadoras e o recalque mecânico do terreno fêz-se segundo o processo «Proctor», que exige ensaios relativos ao teor da humidade do terreno em diferentes estados de compressão.

O pavimento é de betão, com duas camadas de fundação e desgaste, assente sôbre almofada de areia. (Estas camadas foram executadas uma logo a seguir à outra, tendo-se-lhes deixado juntas de dilatação, longitudinal e transversalmente).

Tôda a construção do pavimento se fêz com um conjunto mecânico formado por betoneira, distribuïdor de betão e apiloadora-vibradora, conjunto que deslisava em carris assentes nas guias longitudinais que bordejam as pistas.

Para defender do sol e da chuva o betão já recalcado, utilizou-se uma barraca móvel, debaixo da qual se executavam os trabalhos de acabamento das lajes e das juntas respectivas. A esta barraca sucedia um combóio de telheiros móveis, para protegerem o betão nas primeiras 24 horas, o qual em seguida se resguardava com esteiras húmidas.

Além da obra importante do viaduto de Alcântara, outras obras de arte se fizeram para cruzamento e acesso de outras vias à Auto-Estrada — que pela sua excelente planta e perfil, permite uma circulação automóvel rápida, segura e intensa.

Perto de Linda-a-Pastora, uma das povoações que mais ficam a beneficiar desta obra grandiosa.—Em baixo: *Um troço da Auto-Estrada, visto de um dos pontões marginados com sóbrio e resistente gradeamento.*

FOTOS DE HORACIO NOVAES

VERDE-GAIO, a companhia de bailados do S. P. N., tambem foi a Espanha, exibindo-se em Barcelona e Madrid, com entusiástico agrado do público, da crítica e dos artistas — como testemunham êstes impressivos e movimentados apontamentos do jovem pintor espanhol Luiz Alfonso Noblon. Neles se reconhecem os bailarinos Francis e Ruth, em várias das suas admiráveis interpretações corègráficas.

A sala vista do palco. — A tribuna presidencial na gala da reabertura — Guilhermina Suggia e Malcolm Sargent. — Tito Schippa e Pedro de Freitas Branco, com a Orquestra Sinfónica Nacional.

O TEATRO NACIONAL DE S. CARLOS

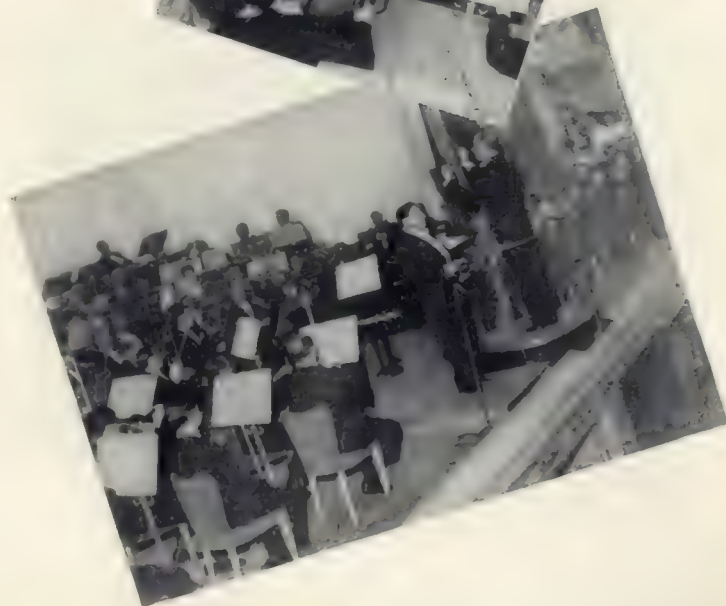
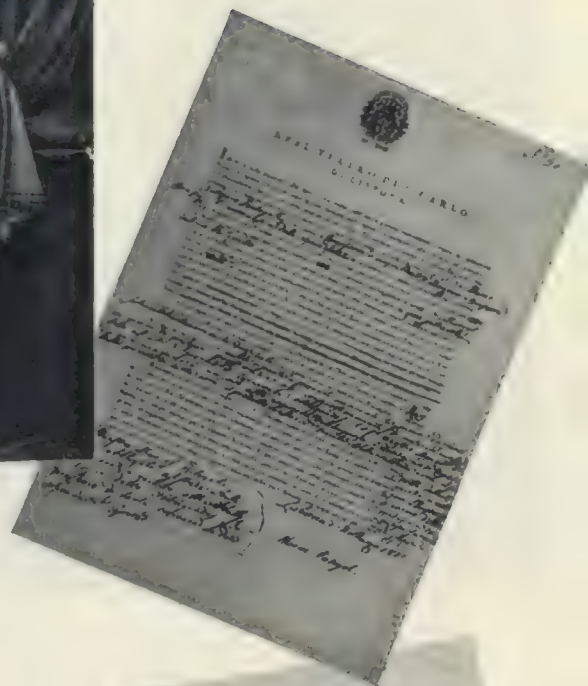
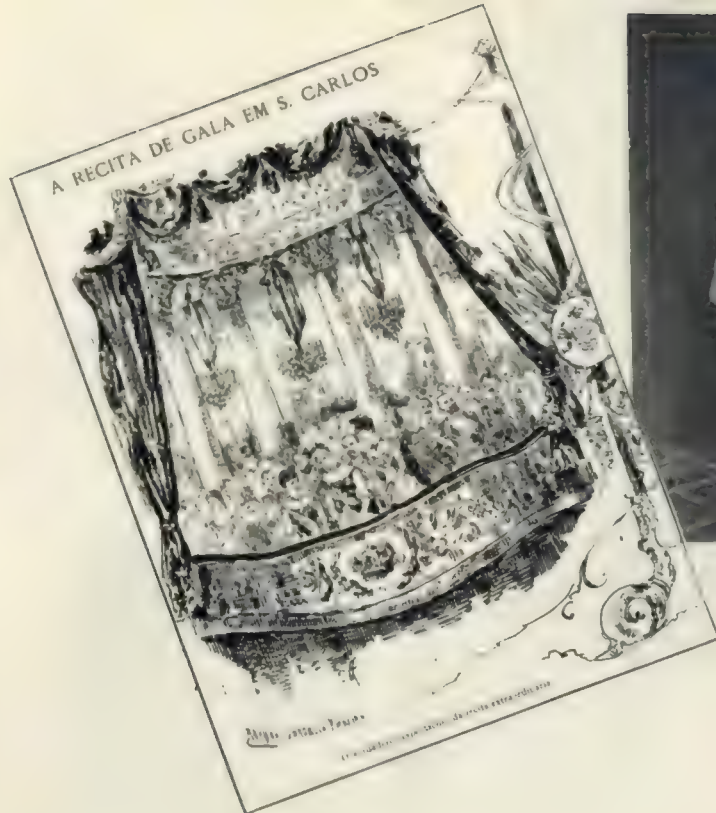
NO ANTIGO E NO NOVO «PANORAMA»

por FERNANDO GARCIA

«O teatro de S. Carlos, nesta capital, é por suas dimensões, conveniente fábrica e óptimas decorações, notado como principal entre os da segunda ordem que na Europa se numeram, destinados a essas representações que pela música e canto, e pelo aparato cénico enlevam os sentidos e conquistam os aplausos dos apreciadores das artes agradáveis, cujo amor e cultura tanto manifestam o apurado gôsto e civilização de um povo.»

É por estas palavras que começa o artigo consagrado a S. Carlos no número de 25 de Fevereiro de 1843 do antigo e tão valioso quanto pitoresco «Panorama», saído, como o teatro, da actividade incansável de Farrobo.

Segundo o risco do arquitecto José da Costa e Silva e inspirado na traça do celebrado «Teatro de S. Carlos de Nápoles», devida à iniciativa de um grupo de comerciantes empreendedores «e poderosos capitalistas à frente dos quais se contavam o barão Quintela, Anselmo, José da Cruz Sobral, Bandeira, Machado e outros», a obra era dada como pronta ao fim de seis meses passados sôbre o comêço dos trabalhos.

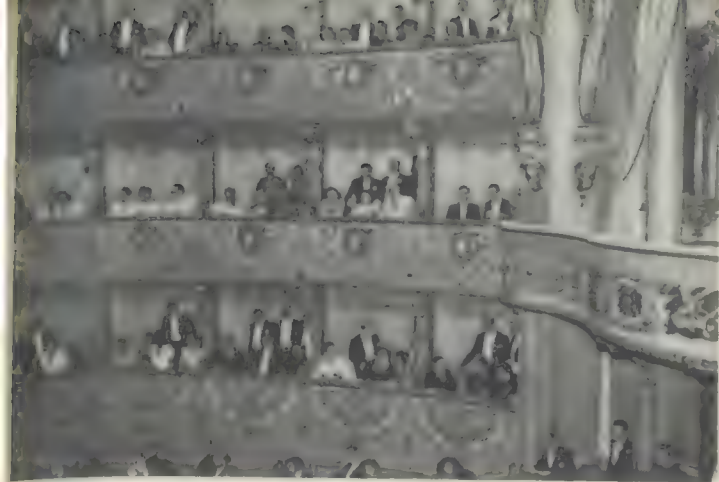
Ainda com cobertura provisória de madeira «foi a abertura a 29 de Abril de 1793 para festejar o nascimento da Sr.ª D. Maria Teresa, tia de S. M. F., e,

então, herdeira presuntiva do trono». Mas só dois meses mais tarde, em 30 de Junho, è com a ópera de Cimarosa «Ballerina Amante» se inaugurou definitivamente.

Logo celebrado pelas maravilhosas condições acústicas, e de um valor único, desde que o incêndio de Fevereiro de 1816 destruiu o seu modêlo de Nápoles, o «Real Teatro de S. Carlos», assim chamado por proposta de Pina Manique, transformou-se, ràpidamente, pela sua platéia culta e exigente, no passo de carreira que mais gostavam de vencer com brilho os cantores líricos de várias épocas.

«As vozes mais peregrinas, habilíssimos professores de orquestra, pintores abalizados na perspectiva teatral — conjuntamente desde a criação desta casa» ali proporcionaram «ao público lisbonense o gôzo de todos os delicados encantos da ópera italiana».

Mas «S. Carlos» adormeceu. Continua «assentando quási no foco da concorrência da capital, entre o largo do Loreto e o sítio do Paço Antigo», cheio da palpitação de gerações, cheio de recordações e tradições, mas fechado, silencioso e cinzento na tristeza do abandono. Portas e janelas ressequidas e sem pintura traduziam ruína. Voltou novamente a faltar «o edifício apropriado à ópera e à ilusão mágica do cenário», como quando a côrte «ouviu a famosa Zamperini e cantores célebres», como quando era no velho e desportivo teatro da Rua dos Condes que, às vezes, se apresentavam dramas líricos.

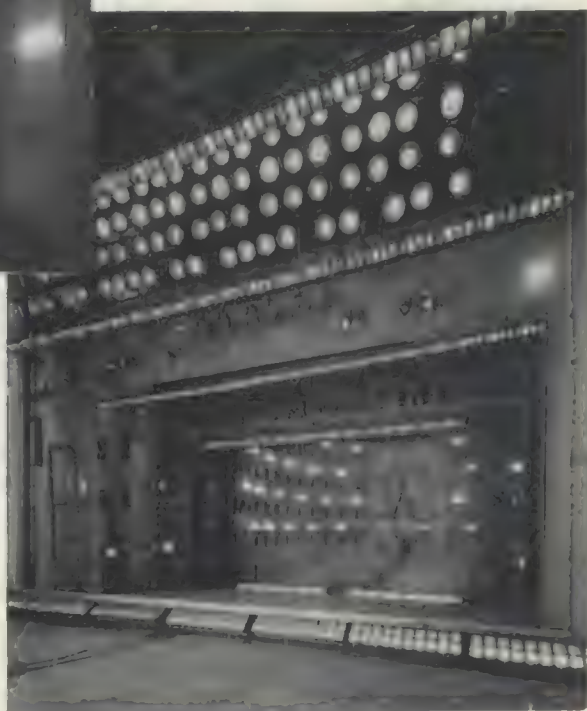
No ano dos Centenários, «S. Carlos» não podia continuar adormecido, sem viver o momento, sem o compartilhar e sem voltar ao convívio de Lisboa. O sr. Eng.º Duarte Pacheco, ministro das Obras Públicas, chamou Guilherme Rebêlo de An-

A tribuna real vista por R. Bordalo Pinheiro (1886). — A famosa Condessa d'Edla. — Um contrato assinado por Marcos Portugal (1801). — A célebre cantora Boucabadatti (1841). — O melhor retrato de F. Regoli,

Vários aspectos do Teatro, depois das notáveis obras de restauro e dos importantes melhoramentos feitos nos seus interiores. Na última gravura: pormenor da complexa aparelhagem eléctrica instalada nos bastidores.

drade e o Eng.º Perestrelo, e mais Amadeu Gaudêncio, e a centena de obreiros e artífices portugueses que mestre Gaspar comandava, e mandou-os quebrar o doloroso encantamento. Atrás dos tapumes que logo se lavantaram, trabalharam-se as vinte e quatro horas de todos os dias.

Em 1 de Dezembro de 1940, «S. Carlos» ofereceu ao público lisbonense, na mais luzida gala dos últimos tempos, durante a apresentação da ópera «D. João IV», o espectáculo de milagrosa ressurreição.

Alma, fisionomia e musicalidade mantinham-se intactas, apenas novamente animadas. Ainda, como no tempo do velho Panorama, *«apresenta três pavimentos na frente que deita para uma praça quadrada, e de suficiente capacidade para o trânsito das pessoas e carruagens», ainda «as três portas do frontispício, que o são também do salão, ficam protegidas por um corpo saliente, que forma uma passagem coberta, sustentada sôbre três arcos em frente das portas e dois laterais». Mas retirou-se, felizmente, «a gradaria de ferro, que há pouco tempo foi colocada, mas que se abre como cancelos, em noite de espectáculo».*

O salão conserva no teto «uma soberba pintura do hábil Cyrilo Wolkmar Machado, representando o precipício de Phaetonte». Mas desapareceu a pesada e complicada decoração. Sem as colunas que lhe roubavam a grandeza, pintado num creme delicado e escolhido, onde casam bem os doirados e os motivos da sala de um fino Luís XVI. O pavimento é de um vidraço quási mármore, tal como as pilastras. Os guarda-ventos e as sôbre-portas todos de espelho, reflectem a luz de dois soberbos lustres de Temudo.

A um lado e outro do salão, estão, como antigamente, «a casa da venda dos bilhetes» e «um botequim» — o célebre, o famoso, rico de histórias e saüdades, botequim de S. Carlos, agora desafogado da «casa em que se guardam os chapéus de chuva e bengalas».

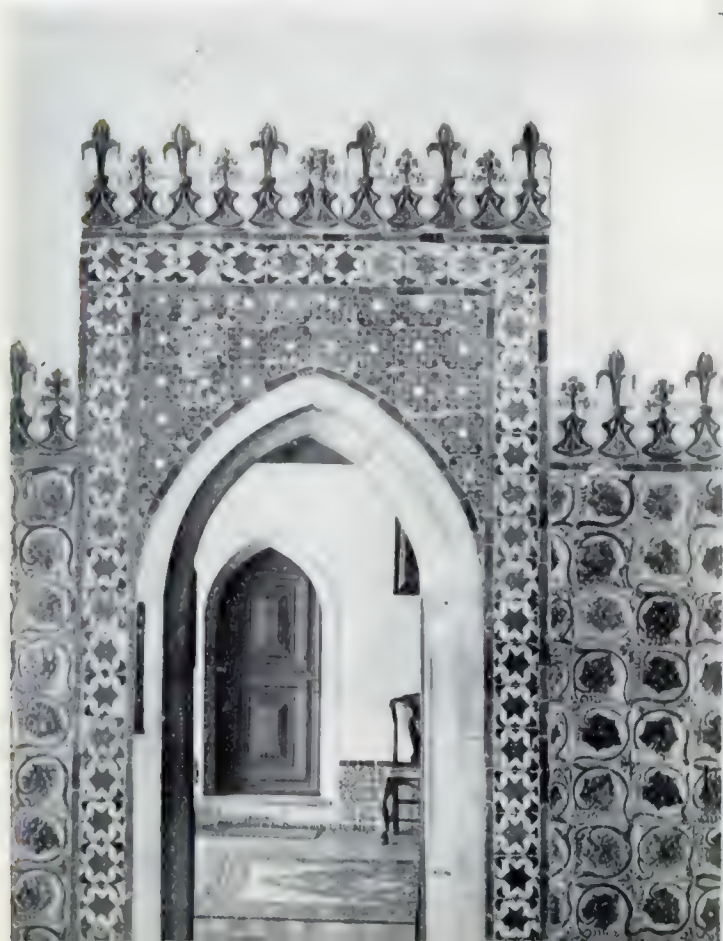
«O segundo pavimento consta de outro salão que foi destinado para o concêrto de música» mas que há muito se não via, ocupado por aulas de esgrima. Deitaram-se abaixo divisões anexas e surgiu, em tôda a sua grandeza, o novo «foyer», muros cobertos de brocado creme, com placas de meios-lustres, espelhos de cristal, perfis das celebridades da música nos camafeus das sôbre-portas e colunas de mármore verde, capitéis doirados e base de pedra de Estremoz, e dois lustres de Temudo de mais de cinqüenta braços.

(Continua na pág. I)

EXPOSIÇÃO DE ARTE POPULAR PORTUGUESA EM MADRID

S. P. N. *prosseguindo na sua acção de intercâmbio cultural luso-espanhol, apresentou em Madrid alguns dos mais belos exemplares da arte popular portuguesa, encarregando da organização do certame — cujo êxito foi largamente assinalado pela Imprensa do país vizinho, em notas críticas e reportagens ilustradas — o escritor Francisco Lage e os artistas Tomaz de Mello, e Jorge Segurado.*

Três aspectos da Exposição nas salas do «Mercado Nacional de la Artesania Española».

Sala das Sereias e Sala de D. Sebastião

AZULEJOS PORTUGUESES

por Luís Reis Santos

Os azulejos portugueses, que constituem, em parte, a fisionomia do País, na opinião do distinto diplomata polaco e famoso crítico de Arte Conde de Raczynski, foram os elementos de arte decorativa mais empregados na nossa arquitectura religiosa e civil, a partir do século XV.

Provável produto de evolução do tejolo árabe, colorido e vidrado, que substituía, no solo, o desenho geométrico e ornamental dos tapetes, tal como se vê no raro espécime ainda existente na capela do Paço de Sintra, o género mais antigo de azulejo que se encontra em Portugal está ìntimamente relacionado, tanto no ponto de vista ornamental como no técnico, com os *ladrillos* mosárabes, de tipo sevilhano — corda sêca e *cuenca* — fabricados nos séculos XV e XVI, e de que possuímos os belíssimos, variados e característicos espécimes do Paço de Sintra, e das colecções da Sé Velha de Coimbra (êstes actualmente no Museu Machado de Castro), e da Igreja de Santa Maria do Castelo, em Abrantes, oferecidos pelo magnânimo D. Jorge de Almeida.

Do desenho relevado a cinco côres — geralmente azul, verde, castanho e tom de vinho, sôbre fundo branco — passa o azulejo português do século XVI para as combinações geométricas e simples de ladrilhos azues ou verdes e brancos, e para

Figura ornamental ★ *Palácio de Sintra: Sala das Sereias e Sala de D. Sebastião*

Composição do século XVII, *na Casa Nobre dos Marqueses de Fronteira. — Lisboa*

o ornato liso que reproduz, no segundo quartel da centúria, *grotteschi* e outros motivos ornamentais renascentistas que então se divulgaram na arquitectura, na escultura, na pintura e, de forma geral, nas artes decorativas.

Francisco de Matos, nos azulejos do surpreendente recheio do Palácio da Bacalhôa, em Azeitão (1565) e da Igreja de S. Roque, em Lisboa (1584), traduz à sua maneira, com larga visão, elegância e delicadeza na factura, o estilo da Renascença italiana.

Inspirados nas composições e no desenho de tecidos europeus e orientais, os azulejos azues e amarelos sôbre fundo branco, ou policromos, do século XVII, imitam e desenvolvem, dentro de largas cercaduras de volutas, óvulos e rectângulos de fitas entrançadas, sêdas de brocado e padrões barocos de tapete.

Constituem êstes belos ornamentos cerâmicos, revestimentos de paredes, «lambris», e frontais de altar, como os magníficos espécimes do Museu das Janelas Verdes, e os da Capela de Nossa Senhora de Brotas, no Alentejo, datados de 1660.

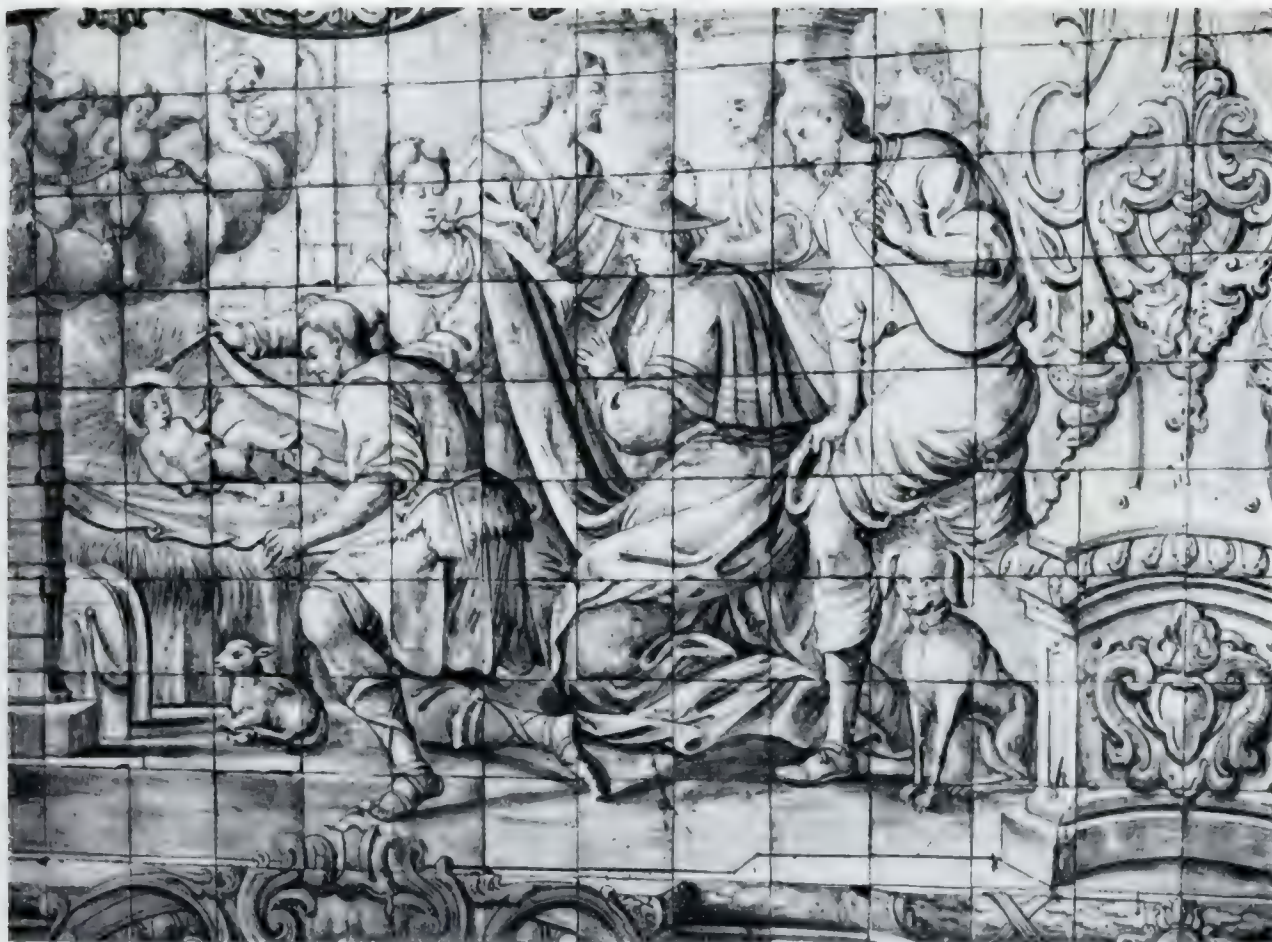
Na preciosa colecção dos alizares do Palácio dos Almadas, em Lisboa, pode disfrutar-se a mais extensa vista de conjunto, do azulejo português baroco, do século XVII.

Outras espécies datadas, dispersas pelo País, foram criteriosa e pacientemente catalogadas por José Queiroz e Vergílio Correia, desde as do edifício da Biblioteca Nacional, de Lisboa (1600 ?) às da Igreja de Santa Iria, próximo da Póvoa (1695), e outras executadas no último lustre de seiscentos. Entre os mais belos padrões dêste período interessantíssimo, devem destacar-se os da nave, da sacristia e do corredor da Sé de Elvas, executados por Manuel Martins, entre 1626 e 1636, durante o episcopado de D. Sebastião de Matos Noronha.

Do desenho farto dos ornatos barocos, como na ornamentação pesada e abundante da talha, das molduras e dos escudetes, das volutas, das plumas e das conchas, das cornucópias e das grinaldas, passa para o desenho fino, elegante e gracioso do rócócó, dos quadros poéticos, alegóricos e descritivos do século XVIII, com as imagens e as vidas dos santos, as modas e os costumes da época, em painéis emmoldurados, entre balaústres, florões, grinaldas e anjinhos.

Essa transcrição é dada, por exemplo, pelo talentoso Gabriel del Barco, nas decorações das igrejas de S. Bartolomeu, da Charneca, de S. Tiago, de Évora (1699), e dos Lóios, de Arroios (1700), em que o seu pincel previlegiado conta a «História do Filho Pródigo».

Manuel Borges, com as «cenas da Vida de Cristo» (1716), na nave da Igreja da Misericórdia, em Évora; António Pereira, com os azulejos da capela-mor da Igreja da Vidigueira; Manuel dos Santos, com as «cenas bíblicas» e as «obras de misericórdia» (1723), na Igreja da Misericórdia, em Olivença; António e Policarpo de Oliveira Bernardes, o primeiro entre outros, com os episódios das vidas «de S. Lourenço» (1711), na Igreja dos Lóios, em

FOTO DE RICARDO DE OLIVEIRA

Um painel da Capela da Senhora da Piedade, em Castelo Branco.
Composição alegórica do claustro da Igreja de S. Vicente, em Lisboa.

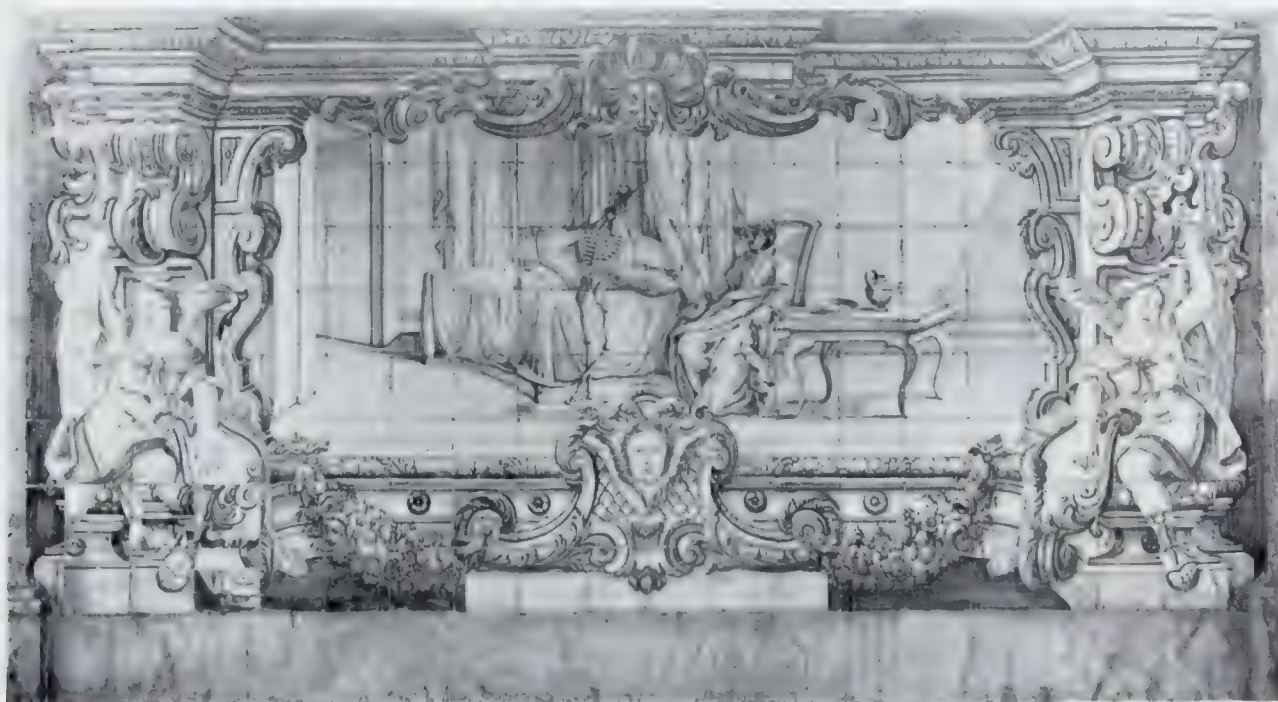



FOTO DE E. PORTUGAL

FOTO DE HORACIO NOVAES

Évora, «do Primeiro Arcebispo de Braga», na capela de S. Pedro de Rates, na Sé de Braga, e «de Santo Agostinho», na Igreja do Pópulo, em Braga, e, além dêstes, os azulejos da Ermida de Pôrto Salvo, próximo de Paço de Arcos, da Ermida da Senhora da Cabeça, em Évora (1736), e da Senhora dos Remédios, não longe de Peniche; e o segundo, além de outros, com os trabalhos existentes na Igreja da Misericórdia (1714) e no Museu de Viana do Castelo (êstes últimos representando cenas de caça e pesca, as quatro partes do mundo, recepções, passeios, etc.), «passos da vida de S. Filipe» e «cenas da vida da Virgem», no Castelo de S. Filipe, em Setúbal, e, finalmente, a decoração da Igreja da Conceição, em Vila Viçosa; êstes artistas são os que mais se distinguem entre os conhecidos pintores que executaram e assinaram azulejos portugueses, no século XVIII.

Já longe das sugestões italianas, os nossos azulejos aproximam-se mais, no estilo, dos modelos cerâmicos holandeses. Pitorescos e muito divulgados em Portugal, na segunda metade do século XVII e no comêço do século XVIII, são os de figura avulsa, com ornatos ou pintas nos cantos, com manchas trilobadas ou sem pintas, decerto inspirados nos pequenos e mimosos ladrilhos de Delft, de ornamentação semelhante, embora mais delicada.

Os azulejos portugueses cobrem agora as paredes dos conventos e das igrejas, forram de rodapés e de «lambris» as salas dos palácios, as quintas e os muros dos jardins, com pitorescas cenas, passadas na Côrte e nas casas nobres, nas cidades, nas vilas e nos campos, nos montes, nas florestas e nos rios, motivos de caça e de pesca, batalhas e duelos, jogos, danças e divertimentos, reüniões, merendas, entrevistas amorosas, figuras de nobres, milita-

A curiosa fachada de um prédio de Lisboa, com motivos alegóricos e ornamentais de azulejos do século passado. — Azulejos de figura avulsa do do século XVII, no Museu Machado de Castro, em Coimbra.

A arte de pintar em azulejo, de técnica e de estilo nìtidamente diferenciados, enriqueceu o património cultural do nosso país, sobretudo nos séculos XVII *e* XVIII. *A ela se aplicaram, anònimamente, muitos pintores e artífices portugueses, interpretando, com intenção decorativa, curiosos motivos alegóricos — como o dêste painel setecentista.*

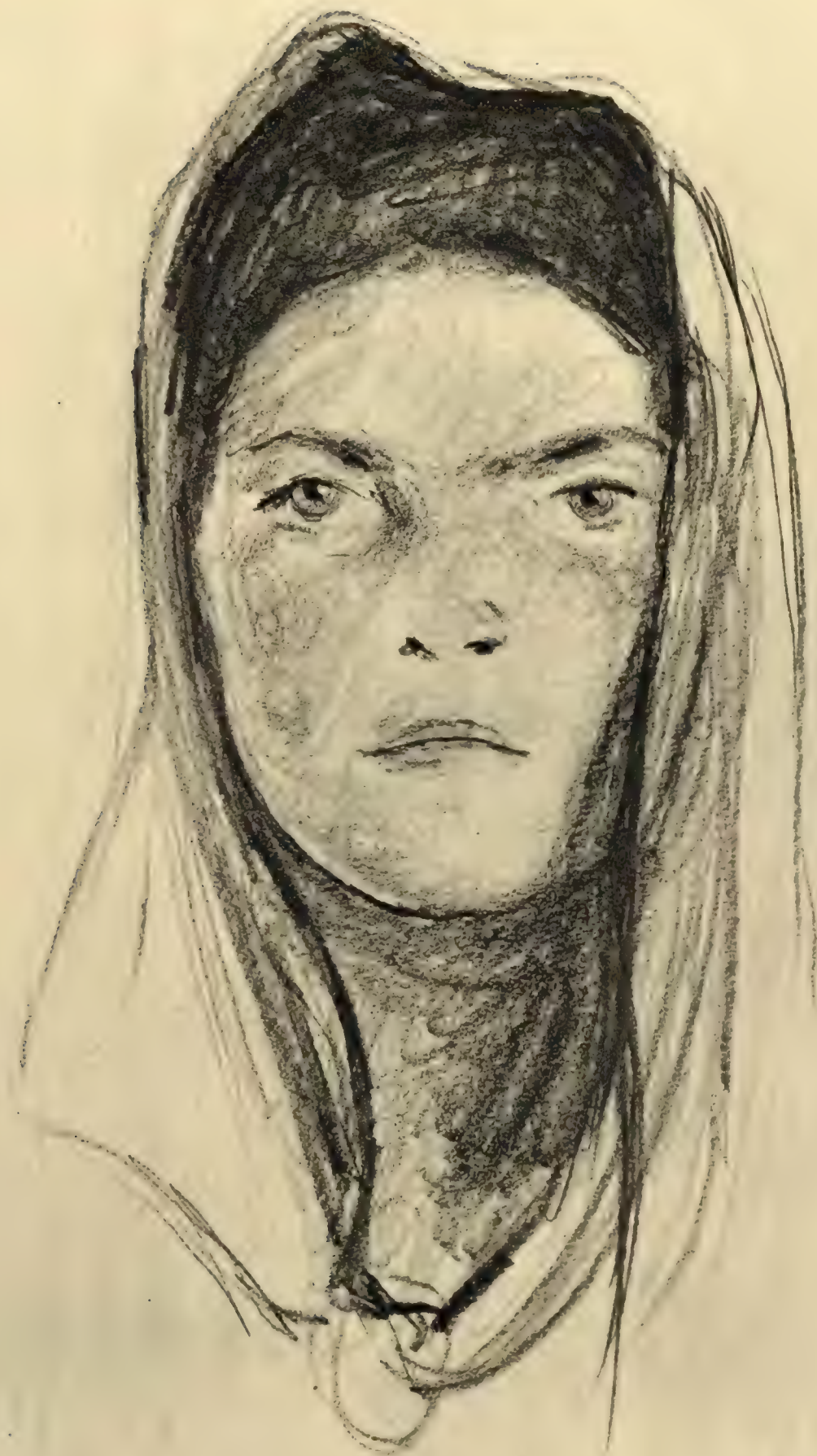
Propriedade do Dr. Fernando de Abranches Ferrão

Figura ornamental. — Estranha composição decorativa na Casa Nobre dos Marqueses da Fronteira.

res, sacerdotes e gente do povo, documentários pormenorizados e saborosos de costumes, indumentária, mobiliário, armas e utensílios, etc., etc., etc. Evoca então, singelamente, num piedoso «registo» a imagem, o martírio de um santo, almas suplicantes, ou, aparatosamente, uma coroação e uma batalha; recorda factos, doações, e fornece, com discreção e segurança, datas e documentos para a História.

São, por exemplo, valiosíssimos documentários urbanos e dos costumes da época, o «Panorama da Cidade de Lisboa e seus arrabaldes», do fim do século XVII, silhar azul e branco procedente do Palácio dos Marqueses de Ferreira, e pertencente ao Museu das Janelas Verdes; os «Monumentos e aspectos pitorescos da Cidade», painéis do primeiro quartel do século XVIII que ornamentam as paredes da Câmara Municipal de Braga; bem como o alizar da sala de entrada do palacete da Quinta das Areias, próximo de Vila Franca de Xira, com «cenas campestres e aspectos da lavoura ribatejana, cultivo de cereais e criação de gado».

Do néo-clássico engrinaldado e gracioso, policromo, exuberante e delicado, é bem representativo do fim do século XVIII, o revestimento de azulejos do cláustro do Convento de S. Francisco de Estremoz.

Na sua extensa e variada evolução, desde os singelos mosaicos esmaltados do Paço de Sintra, que possui, no género, a colecção mais rica, aos sumptuosos painéis da Casa Nobre dos Marqueses da Fronteira, incomparável museu de azulejos portugueses dos séculos XVI, XVII e XVIII em que residiu a Marquesa de Alorna, com os seus alizares da Capela, de 1584, as suas musas helénicas da Galeria, os seus padrões policromos da Casa da Água ou do Frêsco, e da frontaria que dá para o jardim, os seus «guapos emplumados, cavaleiros em grande galopada de altivo e marcial arranque», no dizer de Ramalho Ortigão, os seus conjuntos da Câmara e da Sala dos Painéis, finalmente das suas movimentadas batalhas da Restauração, passando pelo prodigioso núcleo do Palácio da Bacalhoa, em Azeitão, constituído por assuntos mitológicos e alegóricos, os nossos azulejos, enriquecendo os interiores e os exteriores arquitectónicos, a que dá frescura e graça muito características, representam, afinal, mais do que uma parte da fisionomia do País, são «a expressão da alma portuguesa» como disse e muito bem o culto e espirituoso Conde de Sabugosa.

DESENHO DE ANTÓNIO DUARTE

Neogravura, Ld.ª — Lisboa

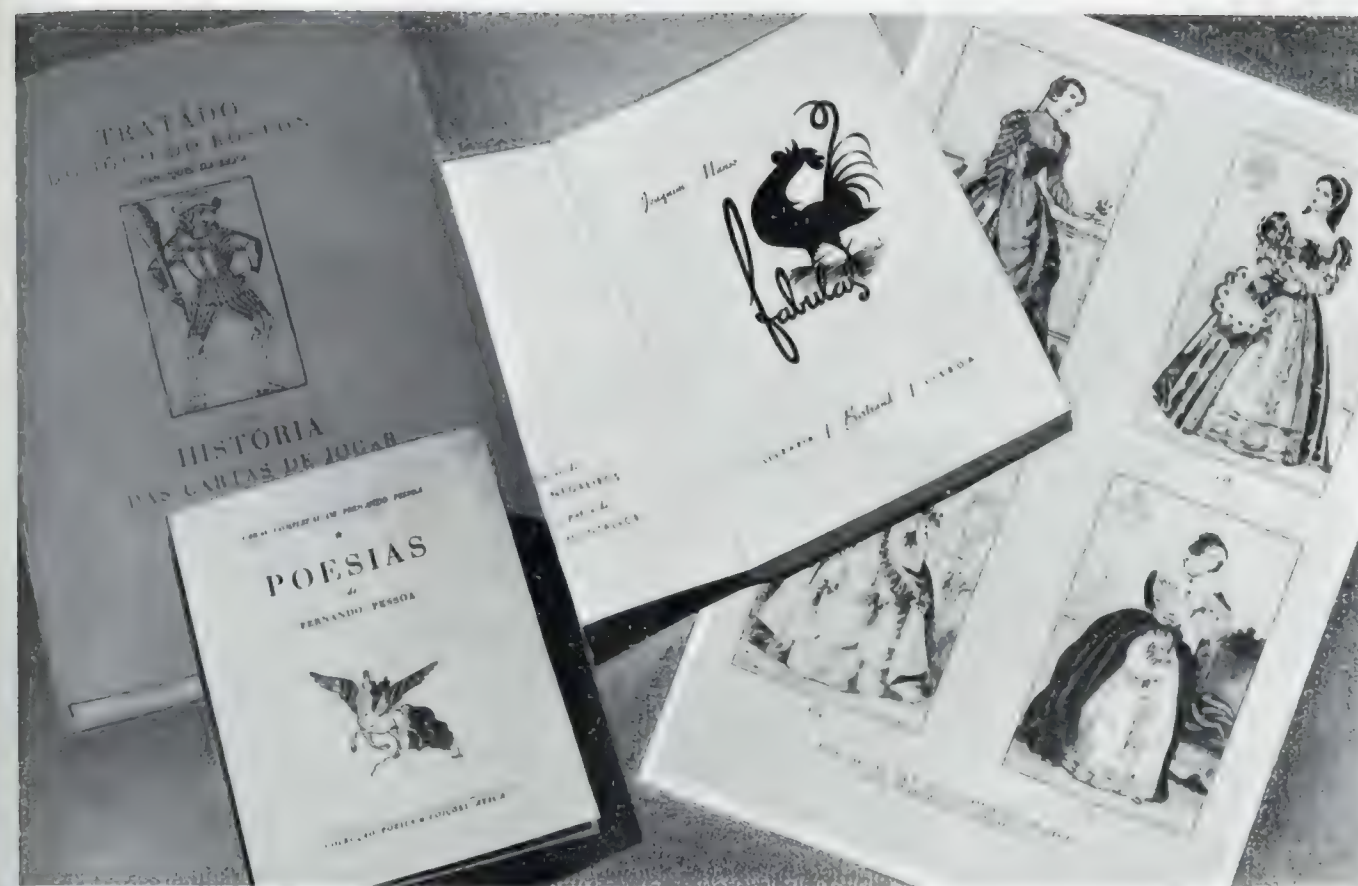
A EXPOSIÇÃO DE MANUEL BENTES NO S. P. N.

Manuel Bentes não é um artista novo. Nem mesmo moderno, no sentido restricto em que os profissionais da crítica habitualmente empregam o têrmo. Manuel Bentes é um artista jovem. Quem o conhece, sabe que êle pertenceu à geração — até certo ponto heróica e precursora — dos Humoristas *portugueses de antes da guerra de 14. Mas a sua pintura de hoje não nos diz nada disso. Diz-nos sòmente, numa linguagem clara, directa, luminosa e enternecida, que êle é um artista do nosso tempo; um pintor sincero, consciente dos valores plásticos, e de sensível visualidade. Portanto, jovem — porque esta, em Arte, é que é a verdadeira juventude.*

Nasceu em Serpa, mas a capital atraíu, muito cedo, a sua vocação. Depois, foi Paris: — longos anos de convívio com o escol da boémia artística do século, na roda-viva dos ateliers, *dos cafés, dos* museus, *das exposições. Fecunda experiência, a que a invasão da França só aparentemente pôs têrmo, forçando-o a regressar a Portugal.*

A exposição dos novos trabalhos de Manuel Bentes, realizada em Maio no estúdio do S. P. N., foi excelente lição de arte viva, porque veio mostrar aos artistas do seu país como se pode evoluir em seriedade sem deixar de ser moderno, e colher os ensinamentos de alheias técnicas sem deixar de ser português e original.

C. Q.

Três óleos de Manuel Bentes, que nos dão — embora sem a côr — a síntese do seu temperamento de plástico: sensibilidade lìricamente portuguesa; curiosidade aberta para todos os temas pictóricos; afinado gôsto de composição; equilibrado sentido ornamental — e graça.

A Arte do Livro

O livro, instrumento espiritual, na significativa frase de um grande poeta francês, é o intermediário natural entre duas espécies de actos da vida do espírito: o do pensamento e sua expressão na equivalência dos caracteres gráficos, e o do conhecimento ou revelação que a outrem ou a outros se oferece.

Assim, a palavra impressa é, pois, representação e correspondência do puro jôgo das idéias, do acto gratuito da criação intelectual que informa o escritor, o artista, o pensador, até mesmo o simples narrador ou comunicante simplista, uns e outros buscando na letra de fôrma a voz denunciante da sua mensagem interior.

Nas páginas de um livro, entre uma frase, conceito ou período (no que se relaciona com o seu conteúdo essencial, as idéias) e a natureza plástica que as vive, os caracteres tipográficos, determina-se um movimento específico, que a atenção do leitor capta (para que dissimular a magia?) reactivando a zona inerte e obscura do seu espírito.

Que buscais, leitor, senão o repovoamento dessa zona obscura vossa, quando ledes? Senão a tentação de partirdes do vosso particular para o geral? Ides e tentais, para aprazamento da alma vossa e vossa diversão, ou pelo vosso ainda austero desejo de saber, buscar no livro o contentamento dos sentidos, a perfeita sabedoria, ou, finalmente, ainda, por consolação ou devaneio, a prática dos sonhos?

«Um livro é antes de tudo um texto».

Que quís dizer, neste breve conceito, Édouard Pelletan, mestre ido e insigne da tipografia francesa? Que a tipografia, em sua natureza gráfica, é a razão de ser de um texto.

Devemos, portanto, antes de mais nada, distinguir o essencial do acessório. E o essencial reside principalmente na plenitude da realização gráfica, isto é, na harmonia da sua composição, pela beleza e forma dos seus caracteres, pelo acêrto e equilíbrio da sua aplicação, movimento, côr, legibilidade, o que numa palavra se define por um texto impresso.

A realização gráfica dum livro implica a existência de uma técnica, como princípio basilar da sua execução mecânica, mas importa, para que o objectivo da presença do livro ganhe um sentido espiritual, que a mesma técnica sirva uma expressão plástica, enuncie uma arte. A arte do livro é uma arte de ajustamentos, de domínio, um enquadramento de elementos distintos, em substância e forma, subordinados a uma unidade de *efeito*, referidos a um estilo de conjunto.

Por isso mesmo, a liberdade de imaginação, o estilo criador de um *metteur-en-page*, é dificultado pela escassez de normas fixas ou definitivas que condicionem uma verdadeira estética do livro.

O conhecimento de *estilos gráficos*, um poder de equilíbrio, e um sentido de escôlha e aproveitamento, orientam e regem, com perfeita segurança, o bom gôsto na execução de um livro.

O chamado *acôrdo subtil* consiste em estabelecer no livro a relação ou acôrdo entre o espírito do texto escrito e o caracter, forma ou desenho do tipo impresso.

Mas para nós, êste acôrdo vai mais longe, domina a arquitectura do livro. A distribuïção dos *claros* e dos *negros*, a largura e altura das margens em relação à mancha de composição, a fôrça do caracter tipográfico, o seu estilo, as proporções da superfície de composição, devem harmonizar-se, na execução do livro, com o género literário do texto, época, etc.

A boa tipografia requere, pois, uma solução gráfica para cada caso particular da sua aplicação.

Um cartaz, um folheto, um programa, um jornal, um livro, as mil e uma utilizações tipográficas, diferindo, entre si, pela aplicação a que são destinadas, exigem, por isso mesmo, cada uma delas, uma solução gráfica diferente e particular.

Mas restringir-se-á a arte do livro, tão prodigiosa em seus recursos, à essencialidade exclusiva de uma boa tipografia, e da sua disciplina técnica? Pensamos que não. Basta que nos lembremos do papel que desempenha na sedução, poesia, e valorização de um texto, a ilustração. Ela é como acessório da *tipografia*, a parte rica, decorativa, por excelência, do livro.

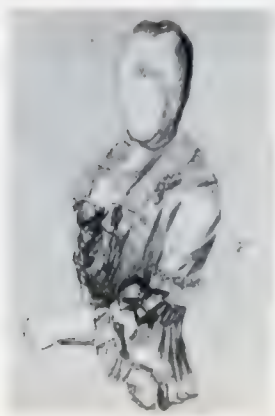
A sua consagração está feita. O prestígio do livro de arte está ligado à carreira gloriosa da ilustração ou gravura, através de gerações célebres de artistas decoradores. As regras de conjugação entre as várias espécies de ilustração, e o texto, estão, de há muito, estabelecidas.

Eis um capítulo de artes gráficas que, pela sua importância capital, merecia um largo estudo dos seus métodos e aplicações. Mas a exigüidade do espaço, impede-nos, presentemente, de o fazer.

Encerramos estas breves notas, voltando ao motivo inicial, *a arte tipográfica*, para subscrever como se nossas fôssem as justíssimas palavras do Fournier Le Jeune:

«Celui qui grave ou taille des caractères est un graveur, celui qui les fond est un fondeur et celui qui les imprime est un imprimeur; mais il n'y a qui celui que réunit la science de trois parties que l'on puisse appeler un typographe».

LUIS DE MONTALVOR

Com um talento e probidade dignos de serem relevados, o artista MANUEL LAPA desenhou dezenas de notáveis figurinos para o filme *Amor de Perdição*, realizado por António Lopes Ribeiro e que se estreará brevemente.

FIGURINOS PARA O FILME "AMOR DE PERDIÇÃO"
DESENHOS DE MANUEL LAPA

Neogravura, Ld.ª — Lisboa

DOIS NOVOS VALORES ALENTEJANOS

CAPÍTULO DE UM ROMANCE

POR MANUEL DA FONSECA

com desenhos de Manuel Ribeiro de Pavia

CAMINHO velho fora, galopando no Malhado já dentro da herdade da Casa Vã, os olhos de Adriano ora corriam pelos plainos ora penetravam pelo fundo sobreiral. Como tudo agora era diferente! Sentia-se outro; até tivera ânimo de pedir, na véspera, aos primos, o cavalo para dar um passeio. Ali ia, com a vaga impressão de que era senhor de tudo quanto os seus olhos abarcavam. O odor pesado das estêvas e dos restolhais dilatava-lhe as narinas. Tôda aquela terra, larga e sem fim, o repassava de uma ternura a um tempo doce e selvagem. E a alegria do sol, subindo sôbre a planície, invadia-o. Até o Malhado parecia partilhar do mesmo sentimento. As orelhas, agudas, mexiam-se cheias de vivacidade e, numa cadência certa, enrolava as patas, impetuoso.

Adriano jogava os olhos para a frente e a cada novo aspecto, quási imperceptível na monotonia da paìsagem, acudiam-lhe acontecimentos recuados. Caminhos da infância! Abandonava agora a berma do sobreiral e o plaino abria-se, mais ondulado e bravio, com aquela côr amarelada das searas quási completamente ceifadas. Perto, à esquerda, alvejava a cal do «monte». E, à porta, estava Zabela com um sorriso aberto debaixo do lenço.

O cavalo abriu mais o galope. Passou o barranco bordado de silvas e piteiras e entrou no terreiro de chão duro. Galinhas e pintos bateram asas assustadas debaixo das patas do alazão. Porcos

grunhiram, trocando as pernas, e pombos, que debicavam entre a «criação», subiram na manhã. Houve um rumor de ruídos campestres que se foi perder na espessura dos sobreiros erguidos na encosta de lá do barranco.

As crinas do cavalo eriçaram-se no pescoço arqueado e luzidio. Direito sôbre a sela, Adriano fitou, por momentos, tôda a extensão daquela terra brava. Na quebrada, entre dois cabeços, enquadrava-se o perfil escuro de Cerromaior.

Saltou para o chão:

— Viva, Zabela!

A mulher fitou-o sorrindo. Tinha qualquer coisa de infantil o seu rosto avelhentado.

— Mas que lhe sucedeu que nunca o vi tão alegre?

Adriano olhou-a, sério, e encolhendo os ombros riu-se de gôsto.

— Nada...

Foi prender o cavalo e voltou.

— O Francisco?

— Está lá para baixo, com os homens da ceifa.

Desandou pelo carreiro fora. E nesse dia, Adriano esteve na Casa Vã até um pouco antes do sol-pôsto. As horas da folga dos ceifeiros passou-as de conversa com o Maltês e Tóino Revel. Conhecia o Maltês desde criança. Ainda em vida do pai muita vez o ouvira, à noitinha, sentado à porta da casa da malta. Agora, na barba e na cabeça do Maltês, já despontavam cabelos brancos.

Mas, lá para o fim da planície, o sol quási tocava a terra. Voltou ao «monte». Apressado, largou para Cerromaior. Atravessou a vila, e ao entrar no grande pátio da cocheira que os primos traziam arrendada, saltou para o chão antes do cavalo parar e atirou-lhe uma forte palmada, na anca. Malhado, firmando-se nas mãos, desferiu uma parelha de coices. Mas Adriano já estava distante.

Vagaroso, caminhou acendendo um cigarro. Ia desatento, olhando o chão, como quem cumpre

o hábito de um enfadonho passeio. No entanto, via-se forçado a reprimir o desassossêgo que cada vez mais o impelia a alargar as pernas altas. Foi subindo, meteu por uma travessa, e procurando as ruas mais solitárias, tomou a direcção do Castelo. Ao chegar, olhou em volta. Mas o gesto rápido que fêz, ao atirar fora o resto do cigarro, desmentia aquela quietação. Voltou a caminhar por entre as duas muralhas. Espreitou cautelosamente para dentro do quintal de Dona Céu e, instantes depois, saltou da muralha.

*

* *

Quando voltou para casa era noite fechada, mas clara e com uma lua tão luminosa que apagava as estrêlas ao redor. Uma ternura esparsa inundava a vila; era alva de leite a cal das paredes, onde o luar batia. Um vago amolecimento tomava os membros de Adriano. Cruzou-se com Aníbal Cansado, que nem o viu; estava de cara para o céu, mirando as estrêlas, enlevado, e dizia para uma janela:

— Está uma noite maravilhosa...

Havia famílias gozando o fresco, sentadas pelas portas. E, dentro de uma janela, à luz de um candieiro, uma rapariga, cabeça inclinada e mãos preguiçosas, fazia serão.

Mas Adriano desviou os olhos e, guinando para o lado da sombra, caminhou rente à parede, de modo a não ser visto. Descobrira a velha «madame» muito esguia e sêca, entre a Lena e a Zeli. Passeavam ao luar, falando em francês. E a Zeli, vaidosa, erguia a voz para que todos a ouvissem!

— Oh! Oui, j'adore le clair de lune, madame!...

Zé da Água, um pouco atrás de Adriano, descia em direcção ao largo. Vinha bêbado, desiquilibrava-se a cada passo, em grandes ziguezagues, e tentava ganhar firmeza abanando os braços estendidos. As senhoras afastaram-se, apressadas, que a rua era estreita para o aguadeiro.

— Bêbado.

— Oh! Oui, madame!

Adriano, pelo quintal, subiu para a varanda e entrou na casa de jantar. Abriu tôdas as janelas.

Nem a mais leve brisa perpassava. Ana veio servi-lo. Havia muito que não comia com tanto apetite. A velha sorria de satisfação. E, animada pela loquacidade do rapaz, demorou-se, conversando de gôsto. Quási com alegria desenterrava coisas do passado. Falava da mãe de Adriano que conhecera ainda menina. Um mundo perdido.

Por fim, Adriano fazia um grande esfôrço para a ouvir. Diluída e vaga como a noite, vinha do largo, uma canção. Misturava-se com as palavras da velha. Rua fora, distinguiram-se passos e uma voz branda, cariciosa, tocou nos ouvidos de Adriano:

— Oh, oui, j'adore!...

Encostou a cabeça nos braços estendidos sôbre a mesa e sentiu que ia adormecer.

Lá fora, a vila despegava-se da planície como uma paìsagem de sonho. Decerto, em qualquer lado, qualquer menino ensonado mexia os braços e falava coisas sem nexo. Vila quieta, debruçada no sono, e adormecida antes dos olhos se fecharem.

Capítulo de um Romance, a sair.

NA PEDRA DA CAMPA

Monforte de Alentejo, nobre vila,
com grandes tôrres no brasão cimeiro,
à tua sombra rústica e tranqüila
eu dormirei o sono derradeiro!

Darei à tua argila a minha argila,
meu barro quere o teu por companheiro.
A paz final eu lá irei dormi-la,
já que foi lá que vi a luz primeiro!

Lá onde dorme tôda a minha gente,
mesmo na morte sendo seu parente,
eu não serei um nome sem sentido!

Ali, naquela solidão imensa,
há-de passar alguém que me pertença,
— sempre serei lembrado e conhecido!

António SARDINHA

ALENTEJO tem em Dordio Gomes o seu primeiro pintor do nosso tempo. Uma paisagem forte, ardente, por vezes bárbara, como é aquela, exigia uma pintura viril, de laboriosa e, ao mesmo tempo, apaixonada construção, que a interpretasse fielmente. Essa pintura é a do mestre Dordio Gomes — como deve dizer-se. Êle sabe o que se entende por interpretar fielmente uma paisagem. Não é tirar-lhe o retrato com jeitos de boniteza: é senti-la por dentro, amá-la e lutar com ela. A tela, depois, tem de contar-nos tudo isso, sem retórica, sem sibilinos subterfúgios, sem habilidades de artista cábula. Tôdas estas fraquezas são alheias à personalidade amadurecida dêste pintor, habituado a vencer as dificuldades da sua arte com a mesma bravura, a mesma paciência e o mesmo talento com que a paisagem alentejana vence a aridez estival. Daí resulta que as árvores, os bichos e os seres humanos que as suas composições abarcam, em jogos magistrais de luz e côr, cheiram sempre a úmus, a campo, a verdade.

SINFONIA ALENTEJANA

A terra e o céu, até perder o tino, confundem-se num abraço.

Lá, onde a névoa violácea os irmana, dir-se-ia que o Mundo acaba.

Luz quente, a modos que toldada por vaga poalha de oiro...

Na planície, falha de sombras convidativas, as coisas esfumam-se, em atitudes estáticas que a brisa não perturba, como vistas através de cristais embaciados. Julho moço!

O sol brilha, o sol queima, o sol traspassa. E a seara, ao sol, é um mar calmo, verde, da côr da esperança no trigo que dará pão.

Já as doze badaladas do meio-dia, vindas de longe, mais longe se perderam.

Sufoca-se... O canto continuado das cigarras convida à sonolência. E deixam-se adormecer os próprios elementos; dorme a própria paìsagem.

Para além, no montado, dos contorcidos troncos erguem-se, súplices, os braços descarnados dos sobreiros, sangrentos, de côr terrosa, mendigando uma sêde de água.

Perto, uma vara de porcos, afocinha, grunhindo, na bùsca da bolota. E à sombra, sentado no chão, o pastor — de pelico surrado e velhos ceifões de pele de borrêgo — saca do tarro de cortiça, lavrado a preceito, colheradas de açorda de poejos, que saboreia de espaço, de mistura com o tri-

FOTOS DE OLIVEIRA FERNANDES, A. MARIE JAUSS, FRANCISCO SANCHES E TOM

Jovem pastor alentejano FOTO MARIO NOVAES

gueiro pão de centeio, nacos de toucinho frito e as azeitonas da corna.

Garridos, guizalhantes, na faina do leva e traz — cruzam na estrada os carros de varais, puxados por parelhas de mulas possantes com suas cabeçadas vistosas até mais não!

FOTOS DE A. MARIE JAUSS e MARIO NOVAES

A calma é tanta que o *monte* da herdade parece deserto, com suas paredes muito caiadas, de um branco tão branco que fere a retina.

A terra inteira é um braseiro! Fecham-se portas, fecham-se janelas, rega-se o chão de tejolo vermelho e faz-se por dormir a sesta a que o silêncio convida, no quieto recolhimento próprio de monges afeitos à solidão.

Planície alentejana! Ermo infinito onde o silêncio mora, por vezes só quebrado às trindades com as *modas* plangentes das *companhas*, de regresso ao *monte*, depois das mondas, das ceifas, da apanha da azeitona: — que saüdades eu tenho tuas!

E os tipos populares alentejanos! — O abegão, o maioral, o capataz, cada qual com seu modo, com seu jeito, com seu quê de autoridade, tão típicos no vestir, tão expressivos no falar!

No Alentejo tudo é grande. Só o homem é pequeno, mormente se deixa de ser *ganhão* e, por capricho da sorte, de degrau em degrau, chega a *proprietairo*...

Então, sim! Então, à semelhança do lavrador abastado, também já pode dormir a sesta — o mais alto de todos os seus sonhos! — nas duras horas da tarde em que, com o sol a pino, impera a mais estranha quietação nas coisas e nas almas.

SILVA TAVARES

FOTOS DE FRANCISCO SANCHES

ALENTEJANA • DESENHO DE ESTRÊLA FARIA

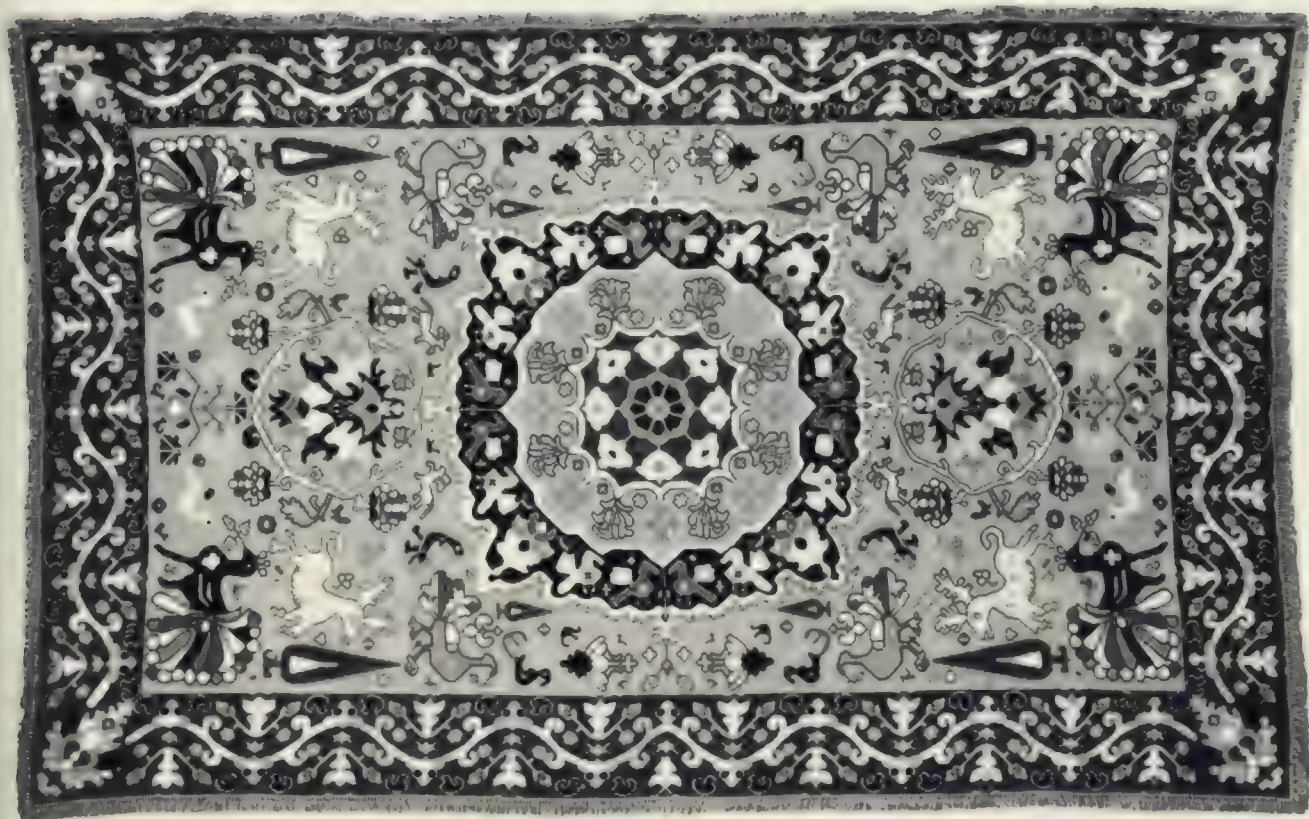
Neogravura, Ld.ª — Lisboa

FOTO DE A. PINTO ESTEVES

As feiras de gado no Alentejo têm fisionomia própria. Os negócios são feitos lealmente, sem espertezas saloias. Os bois, os porcos e as cabras integram-se no ritmo sereno, compassado, majestoso da planície, que o sol abraza e entorpece — mas fecunda e vivifica.

FOTOS DE FRANCISCO SANCHES

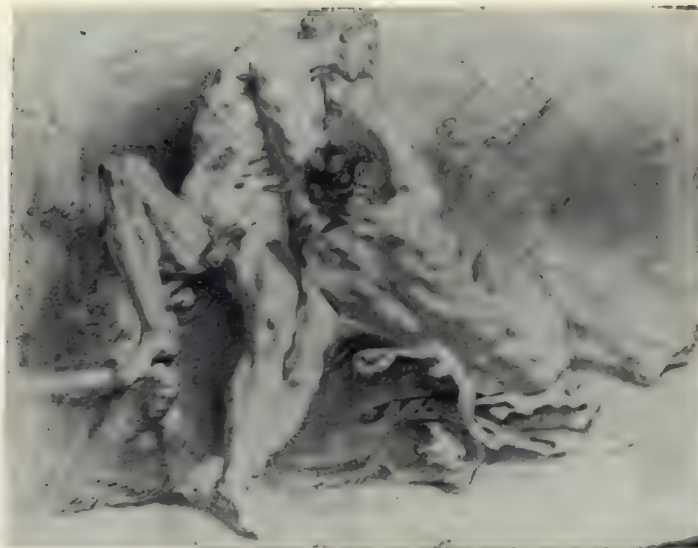
FOTO DE A. MARIE JAUSS

T[illegible] O homem [illegible] e orgulhoso da [illegible] quebrar que [illegible] com [illegible] com ânimo [illegible]

EXPOSIÇÃO DE

Tapetes de Arraiolos

NO ESTUDIO DO S. P. N.

ARRAIOLOS, uma das mais vetustas e típicas povoações do Alentejo, tornou-se particularmente célebre nos séculos XVII e XVIII com a indústria caseira de tapetes policromados. «O ponto da tapeçaria (escreveu Fialho de Almeida) é muito simples, jiroglífico, com ramarias e florões de corte extravagante, cercaduras de pássaros hieráticos, mas tão originalmente decorativo, que ainda hoje seria de um gôsto raro armar com panos de Arraiolos as recâmaras e salões de qualquer confortável casa portuguesa. Os tapetes bordavam-se sôbre trama de calhamaço da estôpa que as tecedeiras locais faziam ao tear, com o fio que as outras segregavam das rocas, à lareira, durante as noitadas do inverno alentejano.»

Esta bela e preciosa Indústria, que entrou depois em decadência, promete agora renascer, graças à corajosa e louvável iniciativa de Irene de Sousa Barbosa Ferreira, que dirige uma oficina onde se copiam os mais interessantes modêlos antigos — como os que reproduzimos nestas páginas, recentemente expostos no estudio do S. P. N.

Desenho atribuído a Domingos António de Sequeira. (Inédito).

DESENHOS DE ARTISTAS PORTUGUESES NA BIBLIOTECA DE ÉVORA

Por LUÍS SILVEIRA

O amador das coisas de Arte que visita Évora, tem, de há dois anos para cá, novo atractivo na Colecção de Desenhos de artistas portugueses do século dezóito, que se guarda na Biblioteca Pública.

Da centena e meia de peças que formam a colecção, as primeiras vinte trazem a assinatura do egrégio Domingos António de Sequeira, que foi, sem contestação, o maior desenhador português do seu tempo e, talvez, de tôda a história de arte portuguesa. Mais dez ou doze desenhos não assinados podem ser atribuídos, com segurança, ao lápis admirável do Mestre.

Encontrei êstes desenhos em 1940, ao remexer gavetas da Sala de Leitura da Biblioteca e, depois de catalogados, expu-los durante alguns dias. O visitante da Biblioteca encontra-os, hoje, reünidos num álbum, que pode consultar na Sala de Leitura Geral.

Os desenhos assinados e datados são de 1782. Domingos António freqüentava, então, a «Aula Pública de Desenho», e usava ainda o nome de Domingos António do Espírito Santo.

Em outras sangüíneas, datadas mas não assinadas, já se encontra o apelido de Cequeira e Sequeira. É de crer que estas sejam posteriores. A segurança no traçado das linhas, a personalidade emprestada às figuras desenhadas, o melhor emprêgo nos toques de realce a branco revelam, cada vez mais, a extraordinária visão do artista.

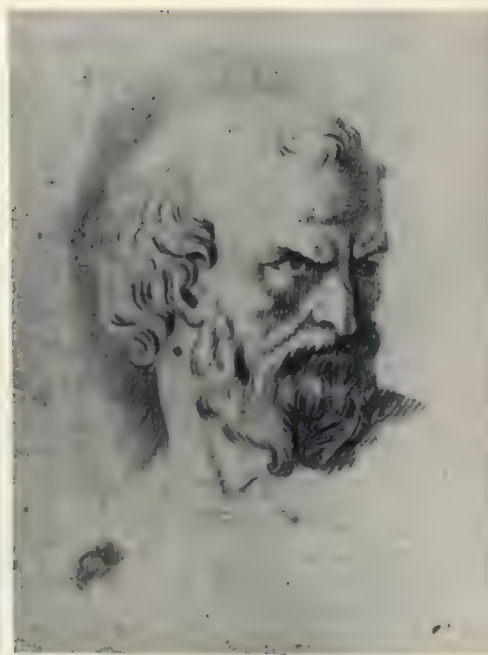
Dos desenhos não assinados, mas que me atrevo a atribuir a Sequeira, ocupa especial lugar a cabeça de velho (Santo Antão) que acompanha êste artigo. A confirmar a razão da paternidade concedida ao referido desenho está um quadro a óleo de Sequeira, existente no Museu de Évora, onde a figura de Santo Antão tem, sem sombra de dúvida, a mesma «cabeça» dêste esbôço.

Alguns dos desenhos de Sequeira na colecção de Évora são — como as datas bem indicam — trabalhos de iniciação. Tê-los-ia composto lado a lado com José Teixeira Barreto, matriculado na «Aula» em 1785, e do qual a colecção de Évora também possui curiosos traçados.

Junto a êstes desenhos encontrará o visitante curioso três sangüíneas de Domingos Nunes. Uma delas esclarece que se trata de «Domingos Nunes, da Vidigueira, mestre de Joaquim Manuel da Rocha». Por volta de 1750 Domingos Nunes, que era Mestre na Aula Régia entregou, de facto — como sabem os historiadores — a regência da Aula ao seu discípulo Manuel da Rocha.

O Museu Nacional de Arte Antiga não tem desenhos dêste mestre setecentista. Valerá, pois, a pena ao curioso que folhear o álbum de Évora pousar os olhos nestas sangüíneas. Quem as vir com atenção, reconhecerá que três delas representam pormenores da «Disputa do Santo Sacramento», de Rafael. O nosso Domingos Nunes esteve em Itália, por mandado de D. João V, a estudar pintura, e deve ter então copiado as admiráveis cabeças de S. Jerónimo e Santo Agostinho, que ocupam o plano de fundo da composição rafaelesca.

Domingos Nunes foi mestre de Joaquim Manuel da Rocha, e êste foi, — por seu turno,

Composição de José Teixeira Barreto

Desenho de Sequeira. (Assinado). — Estudo, também inédito, atribuído a Sequeira. Outro desenho inédito assinado por Sequeira.

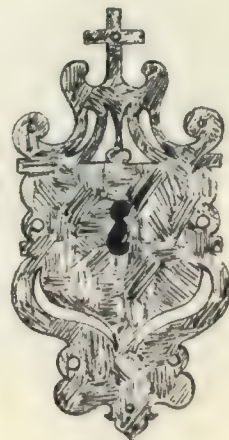
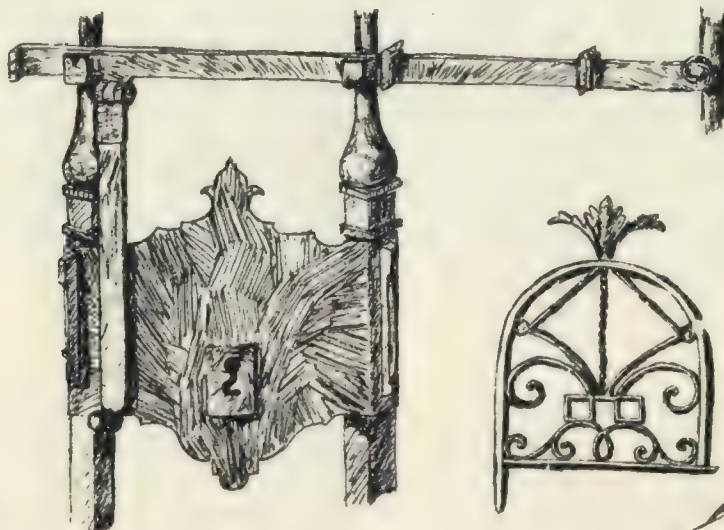
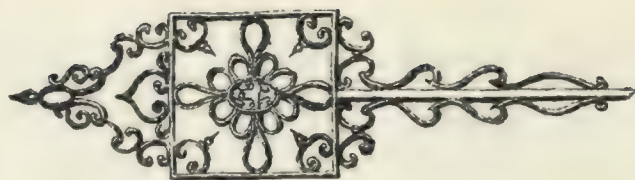
mestre de Domingos António do Espírito Santo Sequeira. Três gerações de artistas, pois, estão patentes ao estudioso nesta Colecção da Biblioteca de Évora. Se os folhear até ao número 143 encontrará a rubrica «Joannes Caetanus fecit». Êste João Caetano é o Rivara, ou Ruivara, que foi gravador célebre, e estudou na Aula de Desenho da Casa Pia. Era filho de italianos e foi um dos troncos antigos da família de Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, que a Biblioteca de Évora conta entre os seus mais brilhantes investigadores.

Outro nome bem conhecido aparece ainda nos desenhos de Évora: é o de António Joaquim Padrão, que fêz o «Ex--Libris» do Arcebispo Manuel do Cenáculo Vilas-Boas, fundador e animador principal da Biblioteca de Évora. Joaquim Padrão contribui com uma Alegoria a Vieira Lusitano, diferente, em pormenores, da gravura corrente.

De extraordinária beleza e interêsse histórico é uma sangüínea que representa «Santo António, a Virgem e o Menino». O grande Vieira Lusitano deve ser o autor dela, pois os traços essenciais desta composição aparecem na gravura conhecida de Vieira que reproduz o mesmo tema. Pode ver-se no livro do Doutor Luís Xavier da Costa «Francisco Vieira Lusitano, Poeta e Abridor de Águas-Fortes».

(Continua na página II)

Estudo atribuído a Sequeira. — «A Ceia do Senhor»: Composição inédita de Domingos Nunes. — Composição de João Caetano Ruivara. (Inédito).

Ferragens Alentejanas

Entre as várias espécies de artesanato em que o Alentejo é fértil, destacam-se as ferragens ornamentais, de que o jovem artista alentejano Matos Fernandes possui uma interessante colecção de cópias, feitas por êle à pena — como estas aqui reproduzidas.

s de S.to
iedora e
brincar.
para ser
enorme,
dos mon-
, e ali se
Norte, a
e pedra
fechado
natural.
a do rio
monges
neirinha

plantada no meio do mar como num cenário. E o mar é verde, azul, espantoso como sempre, até a um horisonte nítido. Molêdo é assim. Não precisa de nenhum pitoresco de almanaque folclórico.

Chega-lhe o mar, a terra e o céu para não ter inveja de ninguém.

Monte maninho para subir quem quiser desenferrujar as pernas em alpinismo barato, ou de escopeta, para os coelhos e perdizes; na falda do monte, uma aldeia rural com igreja, capela de devoção, cruzeiro de pedra, lindo, as parreiras do «verde» a ensombrar os caminhos pedregosos onde há «alminhas» em nichos; junto às dunas da praia, ao longo da estrada nacional, umas dúzias de casas, as dos banhistas, e cêrca de uma delas, uma capelinha linda, do século XVII, que foi para ali amorosamente transplantada de uns dez quilómetros de distância; uma mata admirável de pinheiros e acácias, o Camarido, para abrigar da nortada ou ir dormir a sesta, numa rêde, a encher os pulmões de saúde; a praia como nenhuma; e, se o mar traz sargaço, a faina de colhê-lo, com redanhos e ancinhos, os homens e as mulheres vestidos de oleado, os boisinhos minhotos, piscos e galêgos, a ajudarem o arraste, o cheiro forte do iodo, o treme-treme do ar com a evaporação das algas, o guincho do eixo dos carros carregados pela praia fora, a azáfama da gente, é um espectáculo inesquecível num cenário inesquecível.

Ah, é verdade! Aqui as mulheres andam vestidas à moda do Minho. À moda de Molêdo do Minho. Não se parece nada com o Carnaval...

Desenhos do autor

MOLÊDO DO MINHO

por António Pedro

NA Praia do Molêdo é onde começa Portugal a encontrar-se com o mar. O namôro começa aí.
Na Galiza não há praias. As que há são uma nesga de areia que lá consegue esgueirar-se entre rochedos e onde o mar, de apertado, nem tem espaço para rolar uma onda com jeito. O resto é rocha, a pique, empinando-se recortada a todo o longo da costa, e que às vezes parece, do melindre, espuma que se fês preta de velha, ali parada a impedir a brincadeira do mar, às vezes; em moles lisas, sôbrepostas e imensas, faz supor que os montes se arrependeram tarde de entrar por êle dentro, e acomodaram a sua beleza, desajeitada e tamanhona, a um contraste que os esfria.
É claro que isto é literatura, e da má, mas aquilo pede literatura. Dizem que parece os fjords. Do que eu conheço, não se parece com' nada.
Depois há o Minho, que é um assombro, mas um assombro suave. Creio que é no rio Minho que se fabrica aquela côr doirada da luz do céu, por estas paragens, mais subtil que nenhuma. A luz entra pelo meio das galhas dos pinheiros e lubrifica-as de sonho, po'sa sôbre a mata do Camarido e alfombra-lhe os reflexos, entremeia-se nos milhos, desenha as casinhas brancas de Cristêlo, na encosta do monte, respira-a a gente, e tudo resulta leve como uma suspeita de alegria.
Sei lá se isto é assim! Sei que não há terra bonita no mundo mais bonita que esta Praia do Molêdo que pega na areia da foz do rio e a traz, por uma porção de quilómetros, até aos rochedos de S.to Isidoro, uma areia fina, acolhedora e sensível que parece feita para brincar.
Tudo em Molêdo é de propósito para ser lindo! A concha da praia, que é enorme, fecha-a pelo Nascente a corda dos montes, que vêm da Serra de Arga, e ali se ajeitam, proporcionados. Ao Norte, a Galiza acaba por um cone de pedra e árvores, como se quisesse tèr fechado a fronteira com um monumento natural. É S.ta Tecla. Na desembocadura do rio há uma ilha que foi poiso de monges militares, a Ínsua, fortaleza maneirinha plantada no meio do mar como num cenário. E o mar é verde, azul, espantoso como sempre, até a um horisonte nítido. Molêdo é assim. Não precisa de nenhum pitoresco de almanaque folclórico.
Chega-lhe o mar, a terra e o céu para não ter inveja de ninguém.
Monte maninho para subir quem quiser desenferrujar as pernas em alpinismo barato, ou de escopeta, para os coelhos e perdizes, na falda do monte, uma aldeia rural com igreja, capela de devoção, cruzeiro de pedra, lindo, as parreiras do «verde» a ensombrar os caminhos pedregosos onde há «alminhas» em nichos, junto às dunas da praia, ao longo da estrada nacional, umas dúzias de casas, as dos banhistas, e cêrca de uma delas, uma capelinha linda, do século XVII, que foi para ali amorosamente transplantada de uns dez quilómetros de distância, uma mata admirável de pinheiros e acácias, o Camarido, para abrigar da nortada ou ir dormir a sesta, numa rêde, a encher os pulmões de saúde, a praia como nenhuma, e, se o mar traz sargaço, a faina de colhê-lo, com redanhos e ancinhos, os homens e as mulheres vestidos de oleado, os boisinhos minhotos, piscos e galêgos, a ajudarem o arraste, o cheiro forte do iodo, o treme-treme do ar com a evaporação das algas, o guincho do eixo dos carros carregados pela praia fora, a azáfama da gente, é um espectáculo inesquecível num cenário inesquecível.
Ah, é verdade! Aqui as mulheres andam vestidas à moda do Minho. À moda de Molêdo do Minho. Não se parece nada com o Carnaval...

Desenhos do autor

A FIGUEIRA-DA-FOZ E SEUS ARREDORES

SERRA DA BOA VIAGEM

NÓS já conhecimos a Figueira, a Figueira praia moderna, a Figueira branca, sadia, arejada, cosmopolita, com seus hotéis, suas esplanadas e seus jardins, sua luz e seu Casino mas não nos tinha sido dado ainda visitar os recantos lindos da Serra da Boa Viagem.

Por mais de uma vez ali tínhamos estado, sentido a aragem fresca que vem do mar, os reflexos de claridade meiga, a sua vida efervescente de praia de primeira grandeza; mas o que desta vez ali nos levara fôra a Serra, essa Serra de que nos tinham falado com tanto entusiasmo e contado tantas maravilhas. Por isso, mal reparámos no preguiçar do Mondego junto aos cais, antes de se engolfar no grande Oceano; mal pousámos os olhos na cinta amarelada da Morraceira a perder-se, longe, na verdura negra dos pinhais. As casas da Gala, acaçapadas à berma da estrada, lá branquejavam por entre os mastros altos dos bacalhoeiros, num sossêgo de oleografia. E para mais longe adivinhava-se a povoação de Lavos, a extensa toalha de areal, o «Pinhal do Rei».

Em baixo, a dois passinhos curtos, as ondas do rio encrespavam-se em montículos e faziam baloiçar pesados batéis de fundo largo, carregados de lenha e sal.

Logo o Forte de Santa Catarina se recortou na linha do mar, adormecido entre rochedos limosos e carcomidos, como sentinela que perscrutasse os abismos improfundáveis do Atlântico.

Num relance, por uma nesga de rua, a Serra da Boa Viagem lá imprimia no azul límpido do céu a sua corcôva de cetáceo a correr para o mar.

A nossa curiosidade redobrou. E porque ali fomos e passámos momentos de inesquecível beleza, e porque desde então sempre que voltamos à Figueira nunca deixamos de visitar a sua Serra, aqui te aconselhamos, leitor e turista, que não deixes de lá ir também. Bastar-te-ão duas ou três horas para a percorreres (se o automóvel te não faltar...), tu que andas sempre de relógio na mão...

Vai ao mirante da Bandeira, e ficarás extasiado; vai ao da Veia, e o encanto não terá par.

Num, tens as distâncias coloridas de pinhais e vinhedos, dunas e lagoas, céu diáfano e mar sem fim. A vista perde-se até à Barra de Aveiro para se voltar depois para as povoações litorâneas, brancas, aconchegadas, para os despenhadeiros rápidos, nódoas de matorros, colinas onduladas, verdinhas de selva.

Apetecer-te-á ficar ali por muito tempo — se não chegares a esquecer-te de que ias com pressa...

Voltarás por entre áleas de acácias, renques compactos de floresta onde a sombra, espalhada a êsmo, te convidará a merendar, beatificamente espernegado na espessura fofa da carqueja ou no tapête crepitante da caruma do pinheiro. Perto gorgolejam fontes talhadas em cantaria sob alpendres festoados de trepadeiras em flor; e passa leve por entre a ramaria a melopeia suave da brisa que vem do mar.

Estrada fora, a caminho da Veia, tornarás a saciar a vista no rasgado amplíssimo do horizonte.

Sempre para a esquerda, os teus olhos irão perder-se, libertos de peias, no esfumado longínquo das Serras da Lousã e da Estrêla. Volvê-los-ás depois para mais perto: campos de Coimbra, Verride, Montemor e Fontela.

O Mondego lá vem serpeando, mansarrão, como uma enorme fita de chumbo colada ao terreno, seus campos de arroz, suas salinas simétricas e brancas de neve a bordarem-lhe as margens.

As povoações, aqui e além, destacam-se da mancha e alvejam o cal de seus campanários esguios.

(Continua na página V)

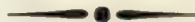
FOLGADO DA SILVEIRA

Vista tirada do pavilhão de chá na Serra da Boa Viagem, ao cair da tarde. Ao longe, a praia da Figueira. — Uma cêna de campismo na Serra da Boa Viagem.

Três aspectos diferentes da Praia da Figueira da Foz, vendo-se na última gravura o importante melhoramento efectuado na esplanada. Ao fundo, Buarcos e a Serra da Boa Viagem.

FOTOS MANUEL SANTOS

ENCANTOS DA FLORESTA VERDE

LUSO E BUÇACO

LÁ no alto, no cimo da serra, prolongamento da espinha dorsal de Portugal, fica a Cruz que há 19 séculos é símbolo da Cristandade. Em volta, até onde os nossos olhos podem abarcar, com sofreguidão de infinito, o Oceano, toalha líquida, estrada da nossa glória, Figueira-da-Foz, foz do Mondego, Coimbra com a sua tôrre de Anto e Santa Clara. Depois, é Penacova, ninho infantil do professor Bissaia Barreto. Adivinha-se Viseu, coração das Beiras, por detrás de quebradas que foram trincheiras onde Viriato espreitava as legiões romanas. O Caramulo, vida de muitas vidas, fica-nos à direita. Ao fundo, a perder-se na linha baça do horizonte, a ria de Aveiro com as suas «gôndolas venezianas» que choram e gemem nos canais da terra portuguesa... Por fim, fim desta viagem circular, a fimbria rendilhada das águas do Atlântico a beijar a praia que se estende dos contrafortes da serra da Boa Viagem ao casario branco de Mira e Vagos...

Que panorama deslumbrante! Que magia de côres, desde o verde-azul do mar, ao branco da areia, ao verde escuro dos pinheirais, ao vermelho do barro que se estende por montes escalvados até ao negrume das florestas que vêm morrer a nossos pés...

Mas se esta colcha de retalhos, côres sôbre côres num entontecimento visual, só pode ser perfeitamente admirada do cimo da Cruz Alta, a mais de cinco centenas de metros de altitude, perto de Deus, em pleno reino de águias e agora, também, de pássaros metálicos, cá de baixo, nos contrafortes desta serra de maravilha, sem necessidade de excursões alpinisticas — que só fazem bem, porque limpam os pulmões, tonificam o sangue e retemperam os músculos — desfruta-se, igualmente, um espectáculo de encantamento, sem comparação possível, só para ser descrito e compreendido por quem um dia percorreu, na ânsia sôfrega de encontrar beleza, esta zona privilegiada da boa terra lusitana.

Quando Deus formou o Mundo — Deus, que tudo pode, cuidou com particular carinho desta faixa à beira-mar plantada, dando-lhe geito de jardim que a todos extasiasse como criação divina, Éden de fantasia. E ao colocar de mansinho nesse jardim o seu maravilhoso canteiro onde reüniu as flores mais raras e as árvores mais exóticas, desde os cedros do Líbano e da Judéia que «viram» chorar Jesus, aos carvalhos gigantescos e seculares que desafiam o tempo; aos plátanos, às araucárias e aos eucaliptos que erguem para o céu os seus troncos esguios, não teve um momento de hesitação. Baixou o braço e poisou, com delicadeza, êsse presente na serra do Buçaco. Assim apareceu esta floresta sem rival, numa Europa milenária.

A mata do Buçaco, cantada por poetas, exaltada por pintores e glorificada pelas atenções de dois Papas, com o seu hotel, único no género neste continente e talvez em todo o Mundo, residência de reis e de gente de bom gôsto, tem no Luso, situado numa das faldas da serra, o seu natural complemento. Pode-se permanecer longo tempo no seio da floresta, tão bela como as mais belas que já vi no Congo e no Brasil, e adormecer, livremente, debaixo da sua sombra espessa. Mas a nossa alma, sempre ansiosa de poesia que se «bebe» nesta natureza filigranada, nesta água sussurrante, tem que descer ao Luso para sentir quanto foi grande e generosa a prodigalidade de Deus para uma zona de sonho e maravilha.

Que mais é preciso procurar em volta, que aqui não se encontre? A amenidade do clima sem transições bruscas... Nem calor insuportável durante o dia, nem a necessidade de cobertores pela noite fora. Das suas águas minerais, que se pode dizer senão que dois sábios de reputação mundial os professores Richard Vasieck, de Viena, e Klinghoffer, de Paris, a consideram esplêndida entre as esplêndidas pelos seus efeitos terapêuticos, sobretudo para doenças motivadas por um metabolismo deficiente.

(Continua na página V)

ARMANDO DE AGUIAR

FOTOS RASTEIRO

LUSO *é uma das estâncias de veraneio que mais atractivos oferece. Os mais saudáveis desportos são nela praticáveis nas melhores condições, como se vê nestas fotos do campo de «tennis» e da grande piscina do Hotel.*

BUÇACO *constitui uma das nossas mais belas surprêsas turísticas: — Encastoado no romântico ambiente da Mata, o único Hotel-Monumento do país, que é, também, um dos mais confortáveis da Península.*

FOTOS BELEZA

IMPRESSÕES DE ALGUNS MOMENTOS NA

PRAIA DA GRANJA

QUEM uma vez vai de fugida à Praia da Granja, logo promete arranjar uns dias, seja como fôr, para uma visita mais demorada. E como não é possível esquecer, apagar do sentido as imagens que se guardaram daquela passagem fugaz, não descansa o desejo, por mais recalcado, de lá tornar.

Apanhada, pois, a primeira oportunidade é certo que o visitante de umas horas estará na Granja, mas então para ficar, atraído pela aliciante impressão que perdurou no seu espírito, desde que travou conhecimento com tão aprazível trecho da costa portuguesa.

A Granja nasceu bem e em bom sítio, e isso tem muita importância.

Formou-se e tomou corpo a meio da encantadora zona litoral — a «Costa Verde» — que de Espinho vai, numa seqüência de lindas praias, até Vila Nova de Gaia. E de entre tôdas, coube à Granja uma preferência que logo de início lhe deu certo carácter próprio e que muito contribuiu para a merecida fama que hoje lhe dá a tradição. Ramalho Ortigão quando lá esteve, escreveu: — «A povoação da Granja apresenta o aspecto de uma grande quinta particular» — e, continuando, vê-lhe: — «ruas de jardim cuidadosamente varridas e areadas; moitas de hortênsias floridas ornando as escadas exteriores de cada prédio; maciços de rosas e de gerânios florindo os caminhos; outeiros artificiais tapetados de relva; grades verdes engrinaldadas de hera e de balsaminas; «cottages» ou «chalets» pintados de fresco; etc., tudo isto numa rica moldura de pinhal, ampla e espêssa como um caixilho de velho veludo genovês, verde-escuro, realçado pelo límpido espelhamento do mar».

Depois a povoação alargou-se, desenvolveu-se, buscou novos atractivos e criou — sem prejuízo do seu carácter romântico — aquêle ambiente moderno e acolhedor que deve sentir-se num centro de turismo.

E agora a Granja é uma estância de beira-mar das mais atraentes, onde tudo convida a uma agradável vilegiatura, seja para sossegado repouso, ou para gozar os folguedos de um alegre veraneio.

Mas o que é tudo?

Tudo, são as pitorescas vivendas «à antiga portuguesa», rodeadas de jardinzinhos, dispostas ao longo de ruas alinhadas de parque; o encanto do farto arvoredo, dos tufos de verdura e flores que alindam pérgolas e caramanchões; o mar ondulante que borda de espumas rendadas o areal doirado pela luz intensa do sol; a temperatura amena e suave e o ar balsâmico dos pinheiros, de mistura com as emanações de iodo e o perfume morno das flores, além da esplêndida situação — a 20 minutos do Pôrto e a 15 de Espinho — e da facilidade de comunicações, pois é servida de boas estradas e por todos os combóios da linha do Norte.

É ainda a animação constante dos «bars», do «golf», da patinagem, dos campos de «tennis», da ampla e moderna piscina à beira-mar — que constitui a delícia dos banhistas — das confortáveis salas de baile da Assembléia e o magnífico Hotel, provido de excelentes condições, que proporciona agradável e cómoda estadia ao turista que uma vez passou pela Granja e tenciona lá voltar, para se demorar alguns dias, ou — como decerto preferia — a época tôda.

SANTOS PIRES

FOTOS FERNANDO VICENTE

Em cima e à direita: Dois aspectos da magnífica piscina construída à beira-mar. O primeiro é focado do «deslisador» da piscina das crianças, anexa à piscina grande. — Em baixo: A pérgola da Avenida Sacadura Cabral e o edifício do Hotel.

FOTOS ALVÃO

FOTOS ALVÃO

«Para veraneio, S. Martinho ou a Itália.» (Sílvio Rebêlo)

SÃO MARTINHO DO PÔRTO

QUANDO tudo o que é encantador em Portugal — desde o sol à paisagem e dos costumes simples do povo à graça ingénua dos caminhos rústicos — ainda esperava em estado de perfeita «naturalidade» os favores e cuidados do turismo, um escritor português, sem disposição para as repetições românticas do tempo, resolveu tomar a província na sedução do seu pitoresco e na ternura do seu viver humilde como tema excelente para muitas das suas melhores páginas de descritivo literário. Viajando em «diligências» ruidosas ou a pé, em saüdáveis marchas pelos campos, Ramalho fêz, alegremente, a revelação admirável de um país que não encontrara ainda expressão própria para a avaliação exacta do seu património de beleza.

Numa das suas andanças o escritor subiu a ladeira de Alfeizerão, no itinerário das Caldas para Alcobaça. Na vastidão extraordinária do quadro, para lá das manchas verde-negras dos pinheirais compactos, emoldurada de areias e largos campos de relva fresca e rasteirinha, viu a concha de S. Martinho do Pôrto na suavidade incomparável de um sossêgo de lago de jardim. E a legenda definidora surgiu precisa e clara: — «A pequena baía parece embeber-se e penetrar na poética doçura do solo com a voluptuosidade de um beijo aquático dado à campina pelo Oceano».

Efectivamente pode dizer-se que em S. Martinho não há ondas nem tempestades. A designação: — «praia», ganha ali conceito próprio, especial, sem comparações abundantes.

Da orla de areia finíssima que debrua a graciosidade daquele leque de água tranqüila, partem para a «aventura» das distâncias, em mar de absoluta calmaria, só «charpios» e «chavascas» do alegre divertimento dos banhistas nas tardes felizes de verão, quando uma luz de inverosímeis transparências envolve tudo em tonalidades puras de poesia.

Posição de relêvo na famosa zona do turismo estremenho que liga na teia do mais sedutor excursionismo Caldas da Rainha e a Foz do Arelho; Óbidos e Peniche; Batalha, Alcobaça e Nazaré — atracções sensacionais de variedade: o Mar, as termas, terras históricas de poderoso interêsse evocativo, zonas piscatórias de forte pitoresco — S. Martinho do Pôrto reúne, sem alardes, as discretas e desencontradas sugestões de todo êsse admirável conjunto.

Não pode deixar de repetir-se a banalidade consagrada: — «praia ideal para as crianças». É necessário, no entanto, acrescentar que S. Martinho com as suas condições de estância de cura e de repouso; suas excepcionais possibilidades para a pesca desportiva e para tôdas as modalidades dos desportos náuticos; paraízo dos caçadores e refúgio das gentes atormentadas pela excitação dos grandes centros é, também, verdadeiramente, terra sem par nas suas características especiais de atraente poiso de vilegiatura. O delicadíssimo espírito de Sílvio Rebêlo tinha razão ao afirmar: — «Para veraneio, S. Martinho ou a Itália».

LUÍS TEIXEIRA

O novo corpo do Hotel das Termas de Monte Real. — Arquitectura de António Varela

MONTE REAL

por Acácio Leitão

A cada uma das entradas, por estrada ou caminho, nesta encantada região de Monte Real, deveria haver placas ou tabuletas, bem visíveis, em que se dissesse simplesmente: «Atenção! Silêncio! Aqui vive a Égloga».

E não seria permitido que ali entrassem automóveis e camionetes, ruídos e presenças profanas, em tão bucólica e lendária catedral de Poesia.

Na ante-manhã de Primavera em que ali chego, escuto as rezas dos choupos, sussurros de orações pelas águas do rio, surdina de órgão distante nas modulações da aragem. Olhando para o alto, o monte é o altar-mor; e, subindo lá acima, avistam-se as imensas naves, coloridas de todos os verdes, sob a abóbada azul.

Aqui e acolá, dos casais alpendrados, sobem fumos esbranquiçados, como de incensos votivos. Entretanto tôda essa imensa catedral panorâmica começa a agitar-se, a encher-se de outros ruídos, a vibrar de outra vida.

Dos pátios e dos alpendres dos rústicos casais, vem agora saindo para o campo a gente e os gados, homens e mulheres de enxada e sacho ao ombro, para a rega dos milheirais, enquanto as noras gemem e a água desce pelos regueiros, e os velhos bois de olhos vendados, andam à roda, «andam à roda longamente...»

Por caminhos alegres, entre arbustos, passam raparigas cantando, descuidadas; e chiam, de quando em quando, os carros de bois, carregados e lentos. Sobe no ar um acre olor de frutos silvestres. Passam na estrada, numa nuvem de pó, as cabradas que vão procurar pasto, guiadas pelos solitários pastores que as acompanham. Outras raparigas descem para as fontes, de cântaros à cabeça, graciosas e ligeiras no seu rítmico andar. E aqui recordo a amorosa e idílica legenda da passagem do Rei D. Denis por êstes lugares em que deixou, na tradição popular e na toponímia da região, tão viva e lendária memória. Conta-se, ainda, que estando D. Denis com a Rainha Santa em Monte Real, lá o enfeitiçou e atraiu certa moça, decerto airosa e louçã, que vivia num casal um pouco distante.

(Continua na página III)

estoril de ontem

Quem hoje vai ao Estoril, quer para a praia, quer para o campo, não faz a mínima idéia do que era êste recanto de Portugal, há alguns anos atrás.

Em 1640, quando a Nação recuperou a sua independência, o Estoril de hoje — centro de prazer e de turismo — não era mais que um pinhal, atravessado, de quando em quando, pelas tranqüilas diligências que da Capital faziam carreira para a Fortaleza de Cascais.

Onde hoje se erguem belas e sólidas moradias, hotéis, «bars» e o Casino, existiam nesse tempo modestas e frágeis cabanas de pastores, conventos de frades virtuosos, ou simples rochedos, nus e agrestes, onde a terra acabava e o mar batia.

O litoral do Estoril de então apresentava, como hoje, variadíssimas praias bem recortadas e separadas por pontas de rochas que tornavam as suas águas quási sempre calmas, por vezes como as de um lago. Êste lugar idílico, até então sòmente conhecido por aquêles que se dirigiam a Cascais, foi sacudido do seu torpor nos meados do século XVII, quando Portugal quebrou as algemas que o haviam prendido, durante sessenta anos, aos reis de Castela.

D. João IV tinha sob os seus ombros o pesado encargo de defender um país onde tudo estava por fazer e onde tudo faltava. Garantida, em primeiro lugar, a defesa da fronteira terrestre, as atenções do monarca voltaram-se para o litoral, onde poucas fortificações existiam. Na Baía de Cascais, local ideal para uma esquadra inimiga tentar um desembarque, sòmente exis-

NOVO ESTABELECIMENTO TERMAL DO ESTORIL EM 1894 — (Gravura da época)

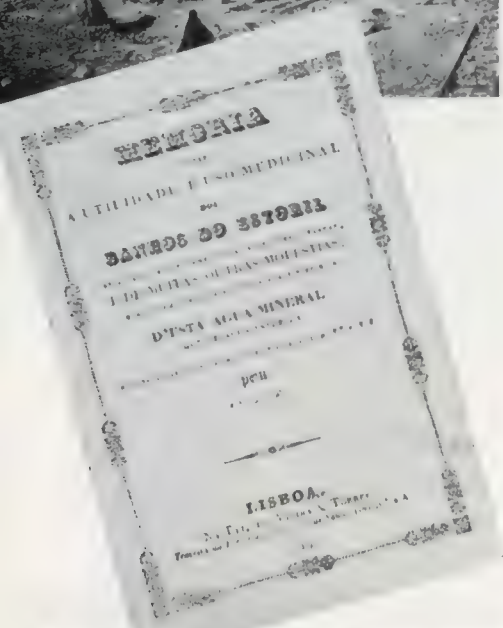
NOVO ESTABELECIMENTO TERMAL DO ESTORIL EM 1894 — Aspecto lateral — (Gravura da época)

tiam, a oeste a Cidadela de Cascais, edificada por D. João II, e a leste, junto à antiga Cai-Água — hoje S. Pedro do Estoril — a Fortaleza de Santo António da Barra, construída no reinado de D. Filipe II, por volta de 1603. Eram, como se avalia, bem pequenas defesas para um tão longo campo de acção. Para remediar êste inconveniente, D. João IV ordenou ao homem de estado e governador das armas de Cascais, D. António Luís de Meneses, conde de Cantanhede (mais tarde agraciado com o título de Marquês de Marialva, pela maneira hábil e rápida como se havia desempenhado da sua missão), que planeasse e construísse uma linha de fortificações que se apoiasse na Cidadela de Cascais e na Fortaleza de Santo António da Barra, e defendesse tôda a Baía.

A necessidade da defesa era grande, mas a coragem e o talento dêste fidalgo não foram menores. Cada ano que passava sôbre a data da Restauração, novo passo se dava no andamento dêste plano. Assim, em 1641 foi reparada e ampliada a Cidadela de Cascais e nos anos seguintes começou-se a construção dos fortes de Santa Catarina e da Conceição, o primeiro na foz da Ribeira de Cascais e o último onde hoje se encontra o *chalet* da falecida Duqueza de Palmela. Já no Estoril, onde agora vemos o tão conhecido *Tamariz*, começou-se em 1642 — segundo afirma uma lápida que ainda se conserva no edifício — a construção do Forte de S. Roque, que mais tarde havia de ser apetrechado com quatro peças de artilharia.

Mais adiante, do outro

O Estoril, agora, é assim.

estoril de hoje

lado da praia, onde hoje se ergue um palacete acastelado, começou-se pelo mesmo tempo a construir o Forte de Santo António do Estoril, que também deveria comportar, mais tarde, quatro peças de artilharia.

Em S. Pedro do Estoril, na Praia da Poça, foi nesse mesmo ano começada a construção de três pequenas obras de defesa: o Forte da Cruz de Santo António, que ainda hoje existe em bom estado de conservação; o Forte de S. Teodósio, situado junto ao ribeiro da Poça, que nos fins do século passado foi doado à Misericórdia de Cascais e, após ser totalmente transformado, se nos apresenta como hoje o vemos; na encosta seguinte encontra-se o Forte de S. João, começado a construir em 5 de Abril de 1642 e acabado em 1643, onde agora existe um pôsto da Guarda Fiscal. Era, de facto, o Estoril dêsse tempo bem diferente da moderna estância de turismo, luxo e repouso, que é hoje uma das primeiras da Península.

Não faz, decerto, a mínima idéia, quem agora toma chá ou joga «mah-jong» nos amplos terraços do *Tamariz*, que êste palacete foi outrora uma pacata fortificação defendida por quatro peças de artilharia e guarnecida por um cabo e alguns soldados que viviam isolados — e nem sequer, talvez, nas horas de folga, se atreviam a tomar banho de mar...

Como ninguém imagina o que era tôda essa zona actualmente repleta de lojas modernas e de «bars», conhecida por *Arcada;* nem o que dali para cima se encontrava (árvores e mais árvores, plantadas e crescidas ao caprichoso sabor da natureza), em vez do aprazível Parque marginado por magníficas construções modernas e luxuosos hotéis, como o *Estoril-Palácio* e o *Hotel do Parque,* junto às Termas e à Piscina, até ao Casino e, mais longe ainda, onde se vê o campo de *Golf*, com o seu civilizado Pavilhão... Mudam os tempos, mudam os costumes — e mudam, também, as paisagens.

CARLOS PEREIRA CALIXTO

gulo do exterior da casa do arquitecto Raúl Tojal.
e-se o respeito da Arquitectura pelos elementos
la paisagem, e a graciosidade do pequeno balcão,
sos de plantas, junto da rústica e decorativa coluna
ra. ★ Outro aspecto da mesma casa, sôbre a qual se
a um frondoso pinheiro. ★ Em baixo: — Recanto da
mum da casa de Raúl Tojal. Note-se o aproveita-
racional do espaço, de harmonia com o arranjo do
nterior: confortável, simples e bem iluminado.

RODÍSIO

BAIRRO DOS ARQUITECTOS

JUNTO à estação de Sintra está aquêle carro-eléctrico que parece construído de propósito para uma excursão infantil. A linha termina nas Azenhas do Mar. O leitor sabe. Mas quem entra pela primeira vez nesse veículo, mal sonha o que lhe espera, ainda que o tenham prevenido.

O carrinho parte, rangendo alegremente. Atravessa a vila, ao longo de ruas estreitas, fazendo tim-tim, como os eléctricos das cidades. Às vezes parece que vai entrar, com a maior naturalidade, numa das lojas; mas não; faz uma curva rápida, entra num largo, atravessa mais uma pequena rua, e segue.

E segue por onde? — Pela estrada fora, através de uma paisagem lírica, entrecortada de arrobos românticos. Há de tudo, nesse inverosímil trajecto: —

Um ângulo do exterior da casa do arquitecto Raúl Tojal. Observe-se o respeito da Arquitectura pelos elementos vivos da paisagem, e a graciosidade do pequeno balcão, com vasos de plantas, junto da rústica e decorativa coluna de pedra. ★ Outro aspecto da mesma casa, sôbre a qual se debruça um frondoso pinheiro. ★ Em baixo: — Recanto da sala-comum da casa de Raúl Tojal. Note-se o aproveitamento racional do espaço, de harmonia com o arranjo do interior: confortável, simples e bem iluminado.

Exterior da casa do arquitecto Keil Amaral. A saliência do telhado preserva o interior do excesso de calor e de luz. À frente, um mastro pintado de branco (mais alto do que se vê na gravura) numa feliz proporção com as dimensões da casa. O vaso em pedra esculpida do primeiro plano foi feito e oferecido ao artista por um dos pedreiros que trabalharam na obra. ★ A casa do arquitecto Faria da Costa. Repare-se na curiosa solução dos dois arcos e do pequeno pátio ajardinado, para o qual abre a sala de refeições e de estar. Sôbre o banco, um interessante especime de escultura ornamental.

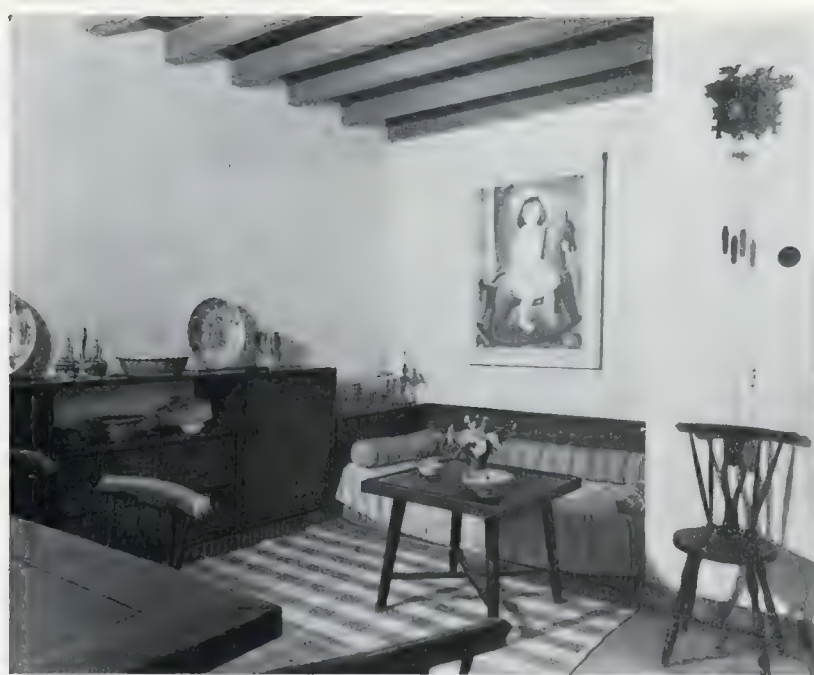
Chalés de confeitaria; casas nobres e sóbrias; trechos pictóricos de postais suíços; floridos vales de velhas gravuras inglesas; campos de viçosa cultura minhota; quintas de cerrada arborização, como ilhas num mar de terras lavradas; o castelo, lá em cima, brincando às escondidas... Um poema! Mas um poema estranho, interseccionado, saborosíssimo, como se tivesse sido escrito de colaboração por Cesário Verde e António Nobre.

Tirassem dali aquela linha e aquêles carros, e teria desaparecido um dos mais pitorescos e engraçados atractivos que existem em Portugal. (Conserve-se o monumento — organizando-se, para quem tem pressa, uma cómoda e rápida carreira de camionetas)!

Sucedem-se, isoladas, as pequenas povoações. Os apeadeiros: Nunes de Carvalho, Monte Santos, Ribeira, Galamares, Colares, Banzão... Espècados na berma da estrada os caniçais espanejam os carros, metem-se com os passageiros. Ó cana real das canas — como na cantiga popular.

Entre Galamares e Colares é uma verdadeira rapsódia de verdes agudos, cantantes, com o dos vinhedos em solo. Depois entra-se, de rompante, na zona dos pinhais, dos verdes graves. É aí, perto de Banzão, a poucas centenas de metros da Praia das Maçãs, que nos devemos apear — porque chegámos ao Rodízio.

De passagem, diga-se que fica espantadíssimo quem ainda há poucos anos por ali passou, e volta lá agora. É que os pinheiros eram os únicos donos da paisagem e agora não. Agora há um nunca acabar

Em cima: — O minúsculo quarto de dormir da casa de Keil Amaral. A cama pendurada do teto foi estudada e construida de modo a deslocar-se fàcilmente, para o seu arranjo. ★ Recanto da sala-comum da mesma casa. A solução de prender as janelas ao teto, obedece, inteligentemente, a duas economias: de espaço e de mão d'obra. O chão é de cimento com óxido de ferro esquartelado. Os vigamentos do teto e os móveis são de pinho encerado de escuro. Na parede do fundo, um quadro de Fred Kradolfer. ★ À direita: — Outro recanto da mesma sala, que também serve de quarto de dormir. Observe-se a fresta aberta na parede, que refresca e dá uma luz suave ao ambiente. No primeiro plano, um candeeiro de ferro. O móvel que acompanha tôda a parede da direita mede cinco metros e meio de comprimento e serve de copa, garrafeira, guarda-roupa, guarda-louça, etc. É, também, encerado de escuro, com alegres motivos ornamentais pintados.

Pormenor da sala-comum da casa de Faria da Costa Neste, como nos demais interiores, repare-se na aplicação decorativa das peças de cerâmica popular. Na parede, um gracioso óleo de Maria Keil. ✱ Outro aspecto da mesma sala. O banco ao longo da parede, construido em tejolo, faz parte da construção da casa e serve, também, de arrecadação.

de casas e casinhas, de ambas as margens da estrada. Nem tôdas serão belas, racionais e sólidas; longe disso; mas muitas são bonitas, e grande parte decorativas, com as gelosias e as portas pintadas de côres alacres. Afinou-se, entre nós, êste gôsto civilizado de mandar construir pequenos lares de linhas sóbrias (em vez dos grotescos chalés barrocos que se usavam) para fins-de-semana e férias grandes. O português era mais bicho de cidade do que de mato, mesmo quando veraneava. Agora até se nota a preocupação de evitar a poeira e o barulho da estrada, construindo os pequenos prédios no seio dos pinhais, discretamente.

Parámos, como se disse, no Rodízio. O que nos trás aqui — com um artista-fotógrafo e tudo — é o desejo de dar a conhecer aos leitores do PANORAMA o Bairro dos Arquitectos. *A porta deve ser esta, de grade de madeira, num muro muito baixo... Há uma ruazinha raspada no chão, coberta de areia grossa e agulhas de pinheiro... Surgem, depois, no meio da verdura, um comprido mastro pintado de branco; um gingantesco pote alentejano de azeite, como que esquecido na paisagem; cadeiras de repouso, de lona e vêrga; uma bicicleta de criança encostada a um pilar de pedra... No ar, um cheiro misto de rezina, caruma queimada e iodo. É que o mar, como se disse, está ali pertíssimo. Um cheiro de rasgar um apetite de urgência. (Não foi, António Pedro)?*

Por detrás do tal mastro branco vêem-se gelosias verdes, com corações abertos no meio. É a fachada da primeira casinha que se descobre entre o arvoredo: — a do arquitecto Keil Amaral. À esquerda, a uns cinqüenta passos, um farfalhudo pinheiro derrama a sua copa sôbre o alpendre doutro prédio — êste mais amplo e de mais

Em baixo: — Trecho da fachada da casa do arquitecto Adelino Nunes, vendo-se a porta principal e o pequeno alpendre, que dá agradável frescura e suave iluminação ao interior. Note-se, mais uma vez, a justíssima preocupação de salvar o maior número possível de pinheiros, sem prejuizo (e antes pelo contrário!) da estética arquitectónica.

sólida contrução: o do arquitecto Adelino Nunes.

Há outras casas, a pouca distância umas das outras: as dos arquitectos Raúl Tojal e Faria da Costa. Jardins minúsculos por tôda a parte, com plantas floridas, de chão e de vaso. E potes, vários potes de diversas formas, tamanhos e côres, ornamentando, como peças escultóricas, o ambiente campestre.

Decerto que vimos as casas por dentro; que nos demorámos na contemplação dos seus confortáveis recantos; que devorámos, numa delas, um delicioso almôço; que trouxemos connosco indeléveis recordações — e que teríamos muito que contar. Mas essa função compete ao fotógrafo Mário Novaes, que foi, como se calcula, de todos os visitantes, o único que trabalhou... Damos, portanto, a palavra às nítidas imagens que nestas páginas se reproduzem, e às respectivas legendas.

AMÉRICO NOGUEIRA

À esquerda:—Recanto da sala-comum da casa de Adelino Nunes, vendo-se o fogão de tejolo e o vigamento do teto em pinho encerado. As paredes laterais estão decoradas com dois desenhos de Almada Negreiros. ✦ Amplas janelas, cujo peitoril serve de prateleira, iluminam a mesma sala. Os móveis são de pinho envernizado, na côr natural. As mesas foram estudadas de módo a poderem juntar-se, formando, quando necessário, uma grande mesa. Ao fundo, sob uma natureza morta de Maria Keil, um armário-bar. ★ Outro aspecto da mesma divisão, vendo-se a passagem para a zona de serviço da casa. No chão, de tejoleiras enceradas, uma grande esteira. ★ Em cima: — Interessante recanto da cozinha da casa de Adelino Nunes, racionalmente aproveitado para dispensa, garrafeira e arrecadação

FOTOS DE MÁRIO NOVAES

Arranjos ornamentais em montras do Instituto Pasteur de Lisboa. A primeira e a última, de Fred Kradolfer; a do meio, de Roberto Araújo.

CAMPANHA DO BOM GÔSTO

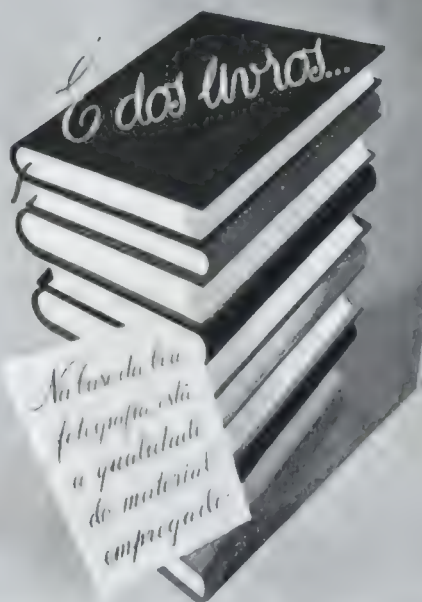
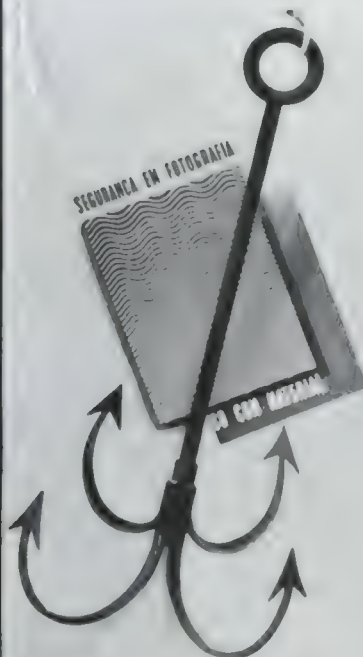
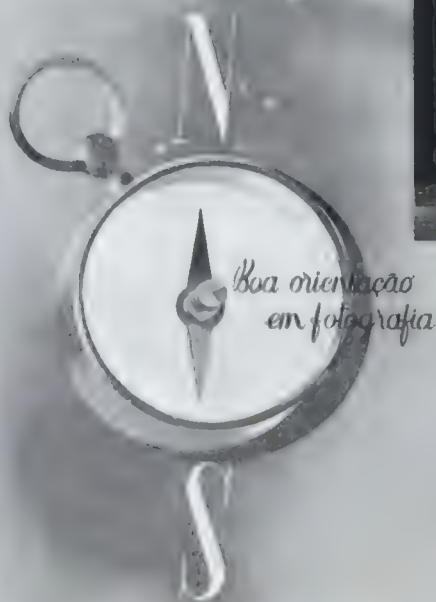
O Instituto Pasteur de Lisboa foi o estabelecimento que primeiro começou, entre nós — há cêrca de quinze anos — a ornamentar artìsticamente as montras, com sentido mcderno, europeu, civilizado. Escolheu, para isso, Fred Kradolfer, cuja influência nas nossas artes gráficas

passou a ser, dentro em pouco, sensível e benéfica.

Os trabalhos de Fred Kradolfer — como os que apresentamos nestas páginas — são sempre engenhosos, atraentes, engraçados. Primam, ainda, por uma segurança

À direita: Arranjo de Roberto Araújo na montra do Pasteur, premiada pelo S. P. N. com a taça que depois foi exposta na montra que reproduzimos na gravura de cima. — Em baixo: composição de Fred Kradolfer, no mesmo estabelecimento.

técnica excepcional, revelada na composição, no desenho, no colorido e no processo de pintar. Outra casa comercial de Lisboa que merece aqui espontânea referência, é a Kodak, por ser

Três composições gráficas de Roberto Araújo para montras da casa Kodak.

FOTOS DE MARIO NOVAES

notória, de há pouco tempo para cá, a melhoria da qualidade da propaganda dos seus produtos. Esta melhoria foi devida ao artista decorador — Roberto Araújo — de quem reproduzimos alguns dos mais recentes arranjos de publicidade efectuados nas montras do referido estabelecimento.

Indústrias Nacionais

padour

ÚSTRIA NACIONAL

speciali-
essos da
ham na
artilhos.

industrial, êste ou aquêle comerciante vêem prosperar a sua actividade por serem protegidos de boa estrêla, mas que isso acontece porque sabem orientar êsses factores para a finalidade de *bem servir*.

E bem servir o público, industrial ou comercialmente, é bem servir a Nação.

Apresentamos, como exemplo, A POMPADOUR.

O primeiro «atelier» desta firma industrial foi montado, há vinte anos, na Rua de Gomes Freire, em Lisboa. Na confecção das cintas e dos esparti-

A Pompadour

UMA PROGRESSIVA INDÚSTRIA NACIONAL

Dezenas de empregadas especializadas nos melhores processos da técnica moderna trabalham na confecção de cintas e espartilhos.

É necessário que se conjuguem numerosos factores para que uma indústria ou ramo comercial se tornem progressivos. Dêsses factores, o menos importante—ao contrário do que imaginam os espíritos supersticiosos — é a sorte. Competência técnica, ímpeto de iniciativa, persistência e sentido de aperfeiçoamento, êsses sim, são os principais elementos concretos, justificativos do êxito.

Assim, não deveria jamais dizer-se que êste ou aquêle industrial, êste ou aquêle comerciante vêem prosperar a sua actividade por serem protegidos de boa estrêla, mas que isso acontece porque sabem orientar êsses factores para a finalidade de *bem servir*.

E bem servir o público, industrial ou comercialmente, é bem servir a Nação.

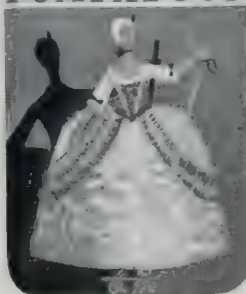
Apresentamos, como exemplo, A POMPADOUR.

O primeiro «atelier» desta firma industrial foi montado, há vinte anos, na Rua de Gomes Freire, em Lisboa. Na confecção das cintas e dos esparti-

Duas pinturas ornamentais de Estrêla Faria para o interior da casa de venda da Rua Garrett. Três composições de Jorge Matos Chaves para marcas e publicidade de A POMPADOUR.

lhos manifestou-se, desde início, a competência técnica dos dirigentes.

Impunha-se a sobreposição da segunda virtude — ímpeto de iniciativa — para que a indústria se expandisse e prosperasse. Assim, um ano depois, o «atelier» inaugurava a conhecida casa de venda do Chiado.

Mas o ímpeto de iniciativa é sempre estéril, quando a persistência o não ajuda, prolonga e completa. Êste outro elemento do êxito não faltou ao fundador, organizador e administrador da emprêsa, o Sr. Joaquim Pinto de Lima, nem à sua colaboradora, a Sr.ª D. Virgínia Costa. Ambos acharam por bem inaugurar, em 1933, uma sucursal na Rua Augusta e, mais tarde, anexar, para o mesmo efeito, a velha papelaria «Verol», da mesma rua, logo transformada no grande e moderno estabelecimento de hoje.

Poucos anos depois, A POMPADOUR instalava, num edifício próprio, em Palhavã, a sua fábrica definitiva.

Do sentido de aperfeiçoamento faz parte integrante a capacidade de acompanhar a evolução técnica e estética dos tempos. E isto não só quanto à

factura dos produtos (qualidade dos materiais e do acabamento), mas, também, quanto à sua apresentação: — embalagem e propaganda.

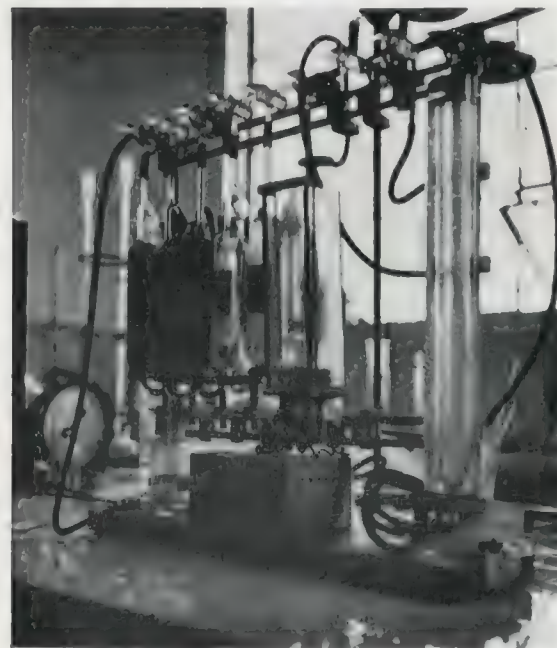
Ainda neste capítulo têm dado sobejas provas de inteligência e de aptidão profissional os seus administradores, modernizando os estabelecimentos, desde as oficinas às montras das suas casas de venda, tendo o bom senso de chamar, para a sua decoração, artistas novos e especializados.

Outro importante pormenor de competência profissional que não foi descurado e demonstra, assim, o acertado critério da gerência, é a escôlha dos seus empregados, cuja correcção e amabilidade de trato se fazem sentir em tôdas as circunstâncias.

Hoje, quem necessita adquirir qualquer dos vários produtos da especialidade — e outras modalidades de artigos femininos — por mais exigente que seja quanto à confecção e ao apuramento de gôsto, já sabe que encontrará em Lisboa, nas casas de venda de A POMPADOUR, os mais diversos e perfeitos modelos.

Dêste modo se justifica o crescente desenvolvimento e o êxito desta firma, que pode servir de exemplo, no nosso país, como organização comercial e industrial comparável às melhores fábricas e estabelecimentos congéneres do estrangeiro.

Três aspectos das amplas e bem apetrechadas oficinas de A POMPADOUR, na construção das quais não foram esquecidas as convenientes condições de luz, de higiene e confôrto.

FOTOS DE MARIO NOVAES

COVINA, *activo e próspero centro de indústria vidreira*

Rossio... Praça do Chile... Areeiro... Sacavém... Questão de um quarto de hora, se tanto, em carro bom. E mais uma légua mal contada, na estrada que vai para o Norte, mais quatro ou cinco minutos, logo surgem, pela direita, as grandes chaminés da Covina.

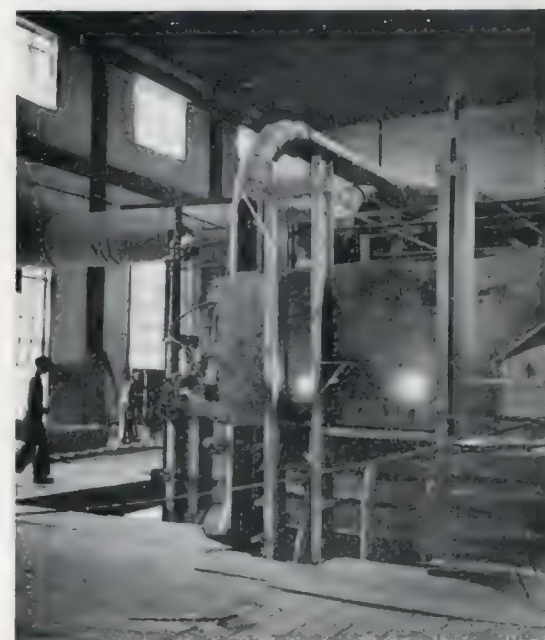
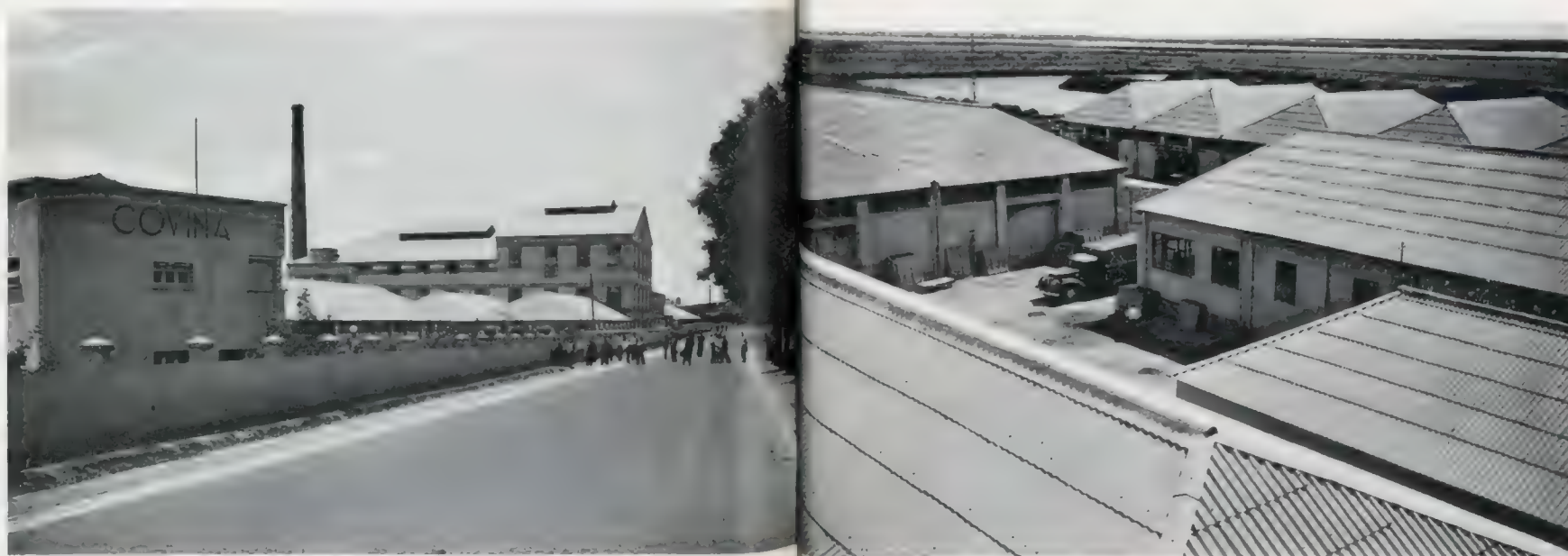
A Covina — vá de se dizer — não é poiso, por enquanto, a recomendar a turistas, pois as vistas que de ali se almejam nada têm de especial. Estendem-se, para além, as terras baixas e barrentas de Santa Iria de Azóia, ribas do Tejo, onde pode passar, de longe em longe, a vela parda e vermelha de alguma falua, única nota de certo pitoresco na paisagem parda. À esquerda alteia-se, barrando visões de outras paragens, um mamelão com muitas oliveiras. Para trás, uma curva de estrada. Outra, para diante. E é tudo quanto, em panorama, a Covina consegue oferecer. Que, do resto, de coisas mais, aconselháveis e notáveis em livros e mapas de turismo — atractivos e motivos históricos e folclóricos — também por seus têrmos nada se topa a merecer qualquer visita ou registo.

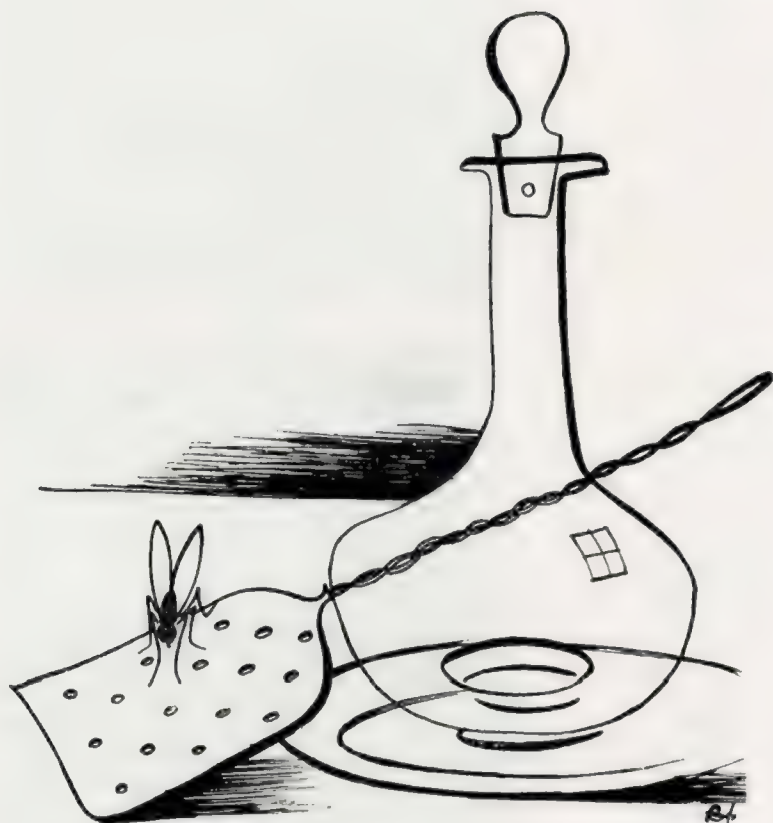
A Covina é, sòmente, uma enorme fábrica, nascida há meia dúzia de anos, naquelas terras, à beira daquela estrada que vai para o Norte, desdobrando-se já por uma boa dúzia de edifícios maiores e menores, medrando continuamente, e sendo na região de Santa Iria, fabril por excelência, uma das suas mais importantes, possantes e florescentes realizações industriais. Covina é mesmo, em síntese de claro timbre, o nome anagramático dessa organização — Companhia Vidreira Nacional — que, nos últimos anos, em suas mãos concentrou a produção total do «vidro em chapa», feito no nosso país. E se português, ou estrangeiro calcurriando terra nossa, em geral não curam por seus giros e vilegiaturas, de se atardar, alguns momentos, a ver fábricas (embora tenha muito e muito que ver essa chapa de vidro), não seríamos nós, e aqui, nesta revista de propaganda e de turismo, que a tal viagem e tal visita os arrastaríamos.

Se levássemos o leitor às vastíssimas oficinas da Covina, onde o vidro se prepara, nasce, corre, escorre em baba de fogo ruivo, alucinante e sufocante; subindo e descendo; arrefecendo, desmaiando e ganhando, por fim, na sua frágil consistência, a sua fina transparência...

Se lhe fizéssemos notar a soma dos milhares de contos ali invertidos, ou a soma dos milhentos vagões de lenha pelas bocarras de suas fornalhas, anualmente consumidos...

Ou ainda, se a par e passo, parando fôssemos, a considerar as fainas de seus muitos oleiros, e moleiros, misturadores, electricistas e gavistas, vigilantes e seus ajudantes, e traçadores, quebradores e esquadriadores — aqui, uns, recolhidos em trabalhos de humildade e tranqüilidade; além, outros, figuras quási incandescentes, agitando-se como chamas ao clarão sangrento e violento das lavas; acolá, olímpicos e frios, outros ainda, segurando na ponta dos dedos um punção de diamantes, para dar apenas um corte presto; ou para, num curto e sêco gesto, apenas partir com segurança a chapa esquadriada.

(Continua na pág. VII)

Casos e Coisas de Turismo

FÓSFOROS ANTI-MOSCAS

AQUI, há-de haver dois anos, editou e distribuíu, a rodos, o Secretariado da Propaganda Nacional, aquêle insinuante folheto, chamado «Cartilha da Hospedagem Portuguesa», em que o rabiscador destas regras apunha alguns dizeres seus muito desenxabidos, a uns desenhos muito espirituosos de Emérico Nunes.

Quem o leu, talvez se lembre de uma das tais epígrafes, posta lá para o fim do livrinho nos têrmos seguintes:

Onde houver môsca e mosquito
... de turismo... tenho dito.

E talvez a considerasse como exagerada.

Não é mira do arrazoado presente, provar (o que se faria com uma perna às costas e por A + B) o acêrto dessa frase. Mas, só e sim, falar de môscas, e da luta sem quartel que lhes tem de ser dada em Portugal, pois se êste bicho não liquida, entre nós, por hábito e por tolerância, a causa do turismo caseiro, a do estrangeiro, essa, quando após guerra cuidarmos de reganhá-la e desenvolvê-la, é que pode muitíssimo bem ir parar a Pantanas... por causa das môscas. Acreditem!

Êsse insecto abjecto, de natureza teimoso e torturante como nenhum outro animalejo, é simplesmente, se o considerarmos à luz do Turismo, de todos os seus contras um dos mais nocivos. A sua existência ou aparição, que é sempre atestado de incúria, desmazêlo e porcaria pública e privada, é da excelência de qualquer local turístico — bem recomendado, embora — terrível desmentido. As suas ferroadas afastam, do Céu para o Inferno, se necessário fôr, como libertação, as gentes que nunca as sentiram ou não as querem suportar. E as suas dejecções ignóbeis são, quando vistas em algures, a suprema ironia e o mais afrontoso comentário ao que de belo e bom se afirme, em livros ou cartazes de chamaril, dêsse mesmo algures.

Pois, a môsca, por enquanto, e apesar de tudo isto, vai-se multiplicando e progredindo em paz, em Portugal, e infestando, com a maior pontualidade nos meses de férias e veraneios, tôdas as mais famosas estâncias de serra, campo e beira-mar do nosso país.

Estamos já a revê-las, cheias de môscas, zumbindo e ferroando, ou tombando, tan-

tas, nos pratos de sopa ou nos copos de cerveja; esvoaçando, pelas portas dos balneários das várias caldas; sob os toldos das barracas de cento e uma praias; aos cardumes, sôbre as mesas dos cafés e nas salas de jantar dos hotéis e hospedarias; nas esplanadas e nos quartos de cama; enfim, por tôda a parte, e sempre irritantes e repugnantes.

E ninguém contra estas suas invasões, anuais, pontuais e fatais, nada e nunca faz!

De que valem essas repelentes fitas-cemitérios, com seus cadáveres (1 por cem mil) sôbre elas pregados? O «fleet», ainda que aos almudes fôsse?! A velha vinagreira de vidro familiar, com isca de açúcar por debaixo?! A sapatada, e a praga, ou êsses estranhos espanejadores feitos com pontas de serpentinas de papel, com que, *partout, en été, au Portugal* (segundo um acerbo comentário de um estrangeiro, de passagem) *on voit ces pauvres et patientes dames, se balayant les piqûres des mouches aux mollets*... Inúteis meios de ataque! Instrumentos de parca defesa!

Então (enquanto campanha de monta e de efeito, ordenada e regida pelos altos postos do govêrno, contra a môsca, se não mova) então, antes o fósforo!

O fósforo, por si, não possui — ao que parecer poderia, assim à primeira leitura — virtude especial ou emanação até hoje não adivinhada, subtìlmente venenosa e arrasadora dêsse horrível insecto. Perante a chamada massa fosfórica, a môsca fica indiferente e até pode, sem perigo de sua vida ou vitalidade, sôbre ela descer e passear.

Sucede, porém, que o fósforo — principalmente quando industrializado e transformado em palitos ou «fósforos», amorfos ou não amorfos — tem uma qualidade temível para as temíveis môscas: é que... riscado, faz fogo. E se com fogo se não queimam e se matam môscas, porque ninguém andaria certamente e inùtilmente, a correr atrás delas de fósforos acesos ou mesmo de archotes em punho, destrói-se com êle quanto as suas larvas serve, as alimenta, e a sua criação e expansão alenta e aumenta.

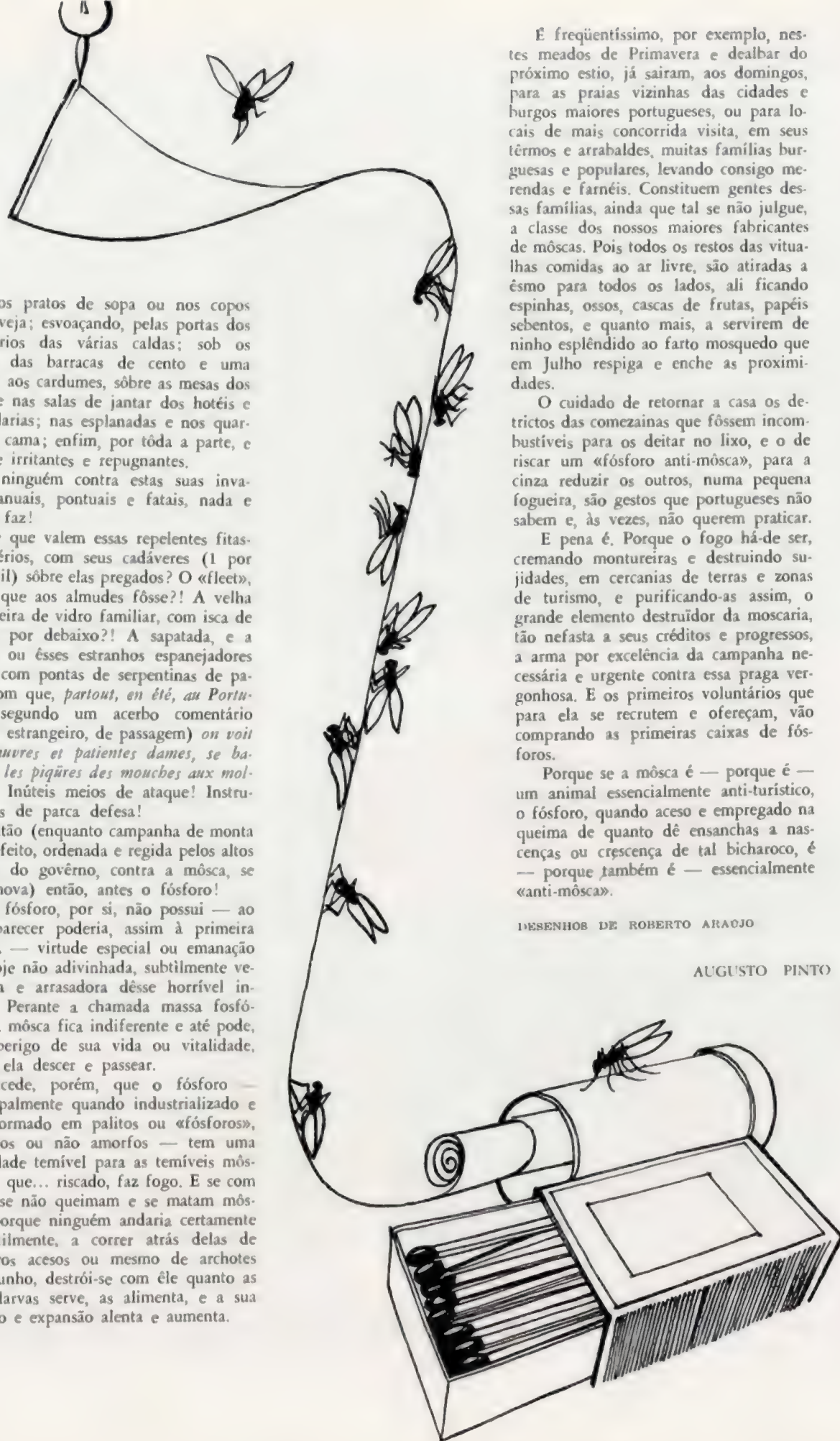
É freqüentíssimo, por exemplo, nestes meados de Primavera e dealbar do próximo estio, já saíram, aos domingos, para as praias vizinhas das cidades e burgos maiores portugueses, ou para locais de mais concorrida visita, em seus têrmos e arrabaldes, muitas famílias burguesas e populares, levando consigo merendas e farnéis. Constituem gentes dessas famílias, ainda que tal se não julgue, a classe dos nossos maiores fabricantes de môscas. Pois todos os restos das vitualhas comidas ao ar livre, são atiradas a êsmo para todos os lados, ali ficando espinhas, ossos, cascas de frutas, papéis sebentos, e quanto mais, a servirem de ninho esplêndido ao farto mosquedo que em Julho respiga e enche as proximidades.

O cuidado de retornar a casa os detrictos das comezainas que fôssem incombustíveis para os deitar no lixo, e o de riscar um «fósforo anti-môsca», para a cinza reduzir os outros, numa pequena fogueira, são gestos que portugueses não sabem e, às vezes, não querem praticar.

É pena é. Porque o fogo há-de ser, cremando montureiras e destruindo sujidades, em cercanias de terras e zonas de turismo, e purificando-as assim, o grande elemento destruïdor da moscaria, tão nefasta a seus créditos e progressos, a arma por excelência da campanha necessária e urgente contra essa praga vergonhosa. E os primeiros voluntários que para ela se recrutem e ofereçam, vão comprando as primeiras caixas de fósforos.

Porque se a môsca é — porque é — um animal essencialmente anti-turístico, o fósforo, quando aceso e empregado na queima de quanto dê ensanchas a nascenças ou crescença de tal bicharoco, é — porque também é — essencialmente «anti-môsca».

DESENHOS DE ROBERTO ARAÚJO

AUGUSTO PINTO

OS GRANDES VALORES TURÍSTICOS NACIONAIS

Enquadrada na paisagem majestosa da Serra d'Água encontra-se, servida por óptima estrada, a POUSADA DOS VINHÁTICOS, de arquitectura regional e de confortáveis interiores.

Deve-se à Delegação de Turismo da Madeira mais uma utilíssima iniciativa que vem enriquecer o já grande valor turístico da linda ilha portuguesa do Atlântico, cuja situação e fama internacional merecem tudo o que possa acrescer e tornar ainda mais conhecidas as suas belezas naturais.

A Pousada dos Vinháticos, construída em 1940 e inaugurada em 5 de Janeiro de 1942, tem uma das melhores situações que poderia desejar-se ou escolher-se para uma construção desta natureza.

Junto da grande estrada de turismo, Funchal-S. Vicente, que liga o sul com o norte da ilha, a uma altitude 700 metros, num cenário maravilhoso de montanhas e vales profundos, perto da Encumeada, ponto culminante daquelas paragens, — a Pousada dos Vinháticos domina assim uma das regiões madeirenses mais afamadas e freqüentadas pelo turismo, que ali tem dos maiores atractivos panorâmicos de tôda a ilha.

Dos aspectos reproduzidos nestas páginas vê-se que, a par da magnífica situação, o bom gôsto e a preocupação da beleza e do confôrto de tôdas as instalações não foram esquecidos pelos realizadores desta iniciativa.

É o que se pode verificar na seguinte descrição que reproduzimos: «O edifício possui características regionais, e obedece, quanto possível, ao estilo das construções usadas nas montanhas. Nêle foram empregados materiais da ilha, como a cantaria rija, as madeiras de castanho e pinho da terra, a telha de meia-cana, etc.

POUSADA DOS VINHÁTICOS — MADEIRA

Três curiosos aspectos da Pousada.

Tem a casa dois pavimentos e uma cave, ficando no pavimento inferior um quarto de dormir, a sala de estar, a sala de jantar seguida de uma esplanada, a cozinha e as instalações sanitárias. A sala de estar e o quarto de dormir apresentam um cunho verdadeiramente madeirense, contribuindo, para êsse efeito, as mobílias em madeira de vinhático da serra, as cadeiras de vimes, os cortinados, os tapêtes e outros tecidos que foram fabricados nos teares do campo. No mobiliário há a salientar a cama de sobrecéu, a «camilha» alta, tão usada noutros tempos e que ainda hoje se encontra nalgumas freguesias rurais.

Procurou assim a Delegação de Turismo da Madeira aproveitar os típicos motivos da arte popular e campestre para dar ao interior da Pousada a feição regional que devia ter.

Estampas antigas e vistosas, aguarelas de paisagens embelezam as paredes dos quartos e do vestíbulo.

Merece também referência o pavimento superior que consta de três quartos de dormir, todos muito simples e confortáveis, em que as côres das mobílias se harmonizam bem com os tons dos tecidos.

Fora, nos arredores da Pousada, procede-se actualmente ao arranjo de um parque, onde estão sendo plantadas árvores e flores da região».

Em conclusão: mais um grande exemplo a seguir, a bem do turismo nacional.

A. C.

Seteais. — Sintra

EM DEFESA DA PAÏSAGEM CONTINENTAL

JARDINS PORTUGUESES

por **FRANCISCO CALDEIRA CABRAL**

SEM terem alcançado nunca a influência e fama dos jardins de Itália ou da França, os jardins peninsulares não deixaram de ser conhecidos e de ter justa nomeada. E dentro da Península, Portugal gozou sempre de um lugar privilegiado pela beleza e abundância de suas flores e frutos, que Filipe II descrevia maravilhado a suas filhas e que na côrte de Luís XIV figuravam nas grandes festas de Versailles, descritas por Molière. «Portugal jardim da Europa» é lugar-comum tão batido que já mal se pode ouvir.

É por isso tanto mais para estranhar que ao abrir qualquer livro de História de Arte pouco se encontre sôbre jardins do nosso País. Terão desaparecido todos? Será porque não tivéssemos escola própria ou, ao menos, características nossas? Certamente que os jardins são de tôdas as obras de Arte as mais frágeis e não é por isso de admirar que muitos dos nossos jardins tenham sido destruídos ou tão profundamente modificados que seja hoje impossível fazer idéia do seu aspecto primitivo. Mas resta-nos ainda abundante material que é urgente estudar sistemàticamente. Para êsse fim todos nos devem interessar, desde os grandes jardins dos paços reais e de alguns conventos, até aos mais pequenos e modestos das nossas cidades — e mesmo os jardins rurais de algumas das nossas províncias, como o Minho.

Só depois de coligidos todos os elementos necessários — levantamentos, fotografias, dados históricos que permitam fixar a data da sua construção e as pessoas que os delinearam, bem como a relação das plantas que nêles se encontram e o modo como são empregadas — poderemos concluir com segurança da originalidade das suas formas e traçar o quadro das suas características nacionais. Será então igualmente possível obstar com critério seguro a que continue a sua destruição sistemática, classificando aquêles que por qualquer título o mereçam, de monumentos nacionais — o que hoje ainda não é possível.

Ao estudar os nossos jardins não nos devemos preocupar apenas com encontrar elementos originais, diferentes de tudo o que possa haver noutros países, mas também notar cuidadosamente tôdas as características comuns que permanentemente

Trecho do jardim do Paço Episcopal de Castelo Branco

Jardim do Paço Episcopal de Fontelo. — Viseu

Outro aspecto do jardim de Castelo Branco

ou numa dada época nos ligam a outros povos. Sem êsse trabalho corremos fàcilmente o risco de fazer uma caricatura em vez de estabelecer o quadro exacto que procuramos.

Êsse estudo não será tão-pouco um mero inventário de glórias passadas, mas deverá procurar uma projecção futura, fonte nossa de inspiração, em que claramente se reconheçam as linhas permanentes, e por isso mesmo sempre actuais, dos jardins de Portugal. É cedo para decidir definitivamente se temos ou não uma escola própria de jardinagem e para nìtidamente destrinçar o que foi criação própria do que recebemos de fora, mas creio que se pode desde já afirmar que os nossos jardins de tôdas as épocas, incluindo a actual, têm um ambiente próprio que os torna inconfundíveis. Nem era de esperar que um povo com uma personalidade nacional tão marcada como o nosso, que se formou e viveu sempre em condições tão especiais em relação ao resto da Europa, tivesse na jardinagem um papel meramente receptivo.

As características dos nossos jardins, tanto quanto é possível desde já entrever, resultam naturalmente de um conjunto de circunstâncias. Foi a nossa organizazão social e a sua evolução, foram as descobertas pondo-nos em contacto com novos mundos e novas plantas, foi o nosso clima, debaixo de muitos pontos de vista privilegiado, foi o acidentado do nosso território que juntamente com a nossa maneira de ser particular determinaram o tipo dos nossos jardins.

O carácter de intimidade dos jardins medievais mantém-se entre nós até há bem pouco tempo, com altas sebes e muros apenas interrompidos por algumas janelas abertas sôbre a vista ou sôbre a estrada. E também na planta se manifesta a persistência do espírito medieval, pois quási nunca atingimos a unidade de composição entre o jardim e a casa, com desenvolvimentos axiais bem marcados, que se começou a desenhar no renascimento italiano e culminou no barroco francês. Os diversos compartimentos dos nossos jardins dispõem-se ao sabor das vistas, adaptando-se admiràvelmente ao terreno, mas sem aquela rigidez e clareza geométrica que encontrou expressão perfeita no jardim francês do século XVIII. São afinal obra do mesmo espírito e da mesma gente que construíu o Paço de Sintra.

E porque temos estado a encarar aspectos medievais dos nossos jardins é interessante dizer que os alegretes, elemento que só entre nós se encontra, devem, a meu ver, considerar-se como filhos directos do banco de relva medieval que nos aparece em tantos quadros e iluminuras da época. Apenas separámos com o andar do tempo as duas funções e por isso os nossos alegretes aparecem com freqüência interrompidos por bancos.

Associados aos alegretes e outros elementos do jardim encontramos os azulejos, que embora se vejam também noutros países, tiveram entre nós um desenvolvimento e uma forma absolutamente originais.

Com freqüência aproveitamos os acidentes do terreno para construir os jardins em terraços, sistema que me não parece

Jardim do Paço Episcopal de Fontelo. — Viseu

Outro pormenor do mesmo jardim

FOTOS DE CALDEIRA CABRAL

devido a influências estranhas pois que desde sempre assim armamos as nossas terras de cultura. Aliás êsses terraços dispõem-se de maneira muito diversa da italiana do Renascimento, parecendo antes o seu arranjo mais próximo dos tempos da Roma clássica.

Se em todos os aspectos citados até aqui o jardim português se mantém atrasado em relação aos outros povos da Europa, há pelo menos um em que me parece ter-se-lhes adiantado de bem dois séculos. Refiro-me à concepção naturalística de muitas obras nossas do século XVI, como a Penha Verde e os Capuchos. Nunca mais e em parte nenhuma se conseguiu um equilíbrio tão perfeito e uma unidade tão completa entre a obra do homem e a da natureza, não como desde o século passado, rebaixando o homem ao plano simplesmente natural, mas sim elevando ambos, natureza e homem, ao plano divino da criação dentro do conceito católico e franciscano. Não pretendíamos imitar artificiosamente a nutureza, mas apenas integrar com raro instinto na nossa obra as belezas naturais que encontrávamos, fôssem elas uma fraga, um velho carvalho ou um vasto panorama. É de notar a preocupação que tivemos de edificar as nossas casas e situar os seus jardins em locais com boa vista, — o que não é para admirar num povo que sempre viveu nas alturas e quási ignora o que seja a planície

Foi talvez por êste amor da natureza que o jardim era entre nós a continuação da casa ao ar livre e estava em imediata ligação com ela, o que o desenvolvimento da casa em planta e não em altura, facilitava. Quási sempre pelo menos um pequeno terraço se encontrava ao nível do andar de habitação, e as árvores dos nossos jardins emolduram e aconchegam as casas portuguesas.

Como era natural num país de luz intensa e de sol abundante, sempre apreciamos a frescura da sombra e criamos contrastes intensos de sombra e de luz. As latadas junto da casa ou cobrindo os caminhos dos jardins, os caramanchões, os recantos e terraços debaixo de árvores bem copadas, eram os lugares predilectos para estar e passear. Pela mesma razão dominam nos jardins portugueses as plantas de fôlha persistente que no verão repousam pelo tom escuro da sua folhagem e no inverno conservam o jardim sempre vestido. Devemos contudo distinguir nêste ponto o Norte e o Sul do país, o que é perfeitamente natural e corresponde à diferença da paisagem e do clima. À medida que caminhamos para o Norte, aumenta o número de plantas de fôlha caduca e diminui o predomínio dos arbustos nos jardins. Mas em todo o país as árvores e arbustos constituem o elemento dominante e, dentre êstes, damos especial aprêço às plantas aromáticas. Com êlas fizemos as sebes de buxo, de murta e de loureiro que davam sombra, defendiam do vento e ao mesmo tempo perfumavam o jardim.

Também a água aparece em todos os nossos jardins, e se não igualámos os italianos na fantasia dos seus jogos de águas, nunca deixámos de aproveitar com o maior cuidado êsse elemento. Ficaram como soluções originais os grandes tanques do Palácio Fronteira e da Quinta da Bacalhoa, não só pela sua disposição, como pela sua ornamentação. Em tôdas as quintas se aproveitavam os tanques de rega e as nascentes para agradáveis sítios de estar, construindo bancos e latadas junto aos tanques decorados com azulejos e com bicas de cantaria ou carrancas, mais ou menos trabalhadas, e aproveitando as minas para casas de fresco.

Procurámos nestas breves linhas apontar algumas das características do jardim português. Mais do que todos os pormenores é, no entanto, o seu ambiente especial que lhe dá carácter, ambiente de luz e de sombra, de contraste entre a frescura do jardim e o sol abrasador da paisagem, atmosfera de quietação e de paz no meio de vegetação exuberante e variada, onde a par das nossas plantas bravas, como o buxo e a murta, o alecrim e a alfazema, se encontram representantes de todos os continentes, como os aloés e as piteiras da América, a cameleira da Ásia e as palmeiras africanas. Portugal, ponto de partida dos Descobrimentos e cabeça do Império, pôde assim reünir nos seus jardins plantas de todo o mundo que êle descobriu e em cuja obra de civilização continua a ter largas responsabilidades.

MOLEDO DO MINHO — Excelente praia de vida sossegada. Desportos náuticos, caça e pesca.
ANCORA — Praia extensa, suave e plana. Pesca no rio. Centro de belas excursões.
VIANA DO CASTELO — Atraente zona de turismo. Desportos náuticos, patinagem, «tennis», touradas. Praia do Cabedelo e Praia-Norte. Visita a Santa Luzia.

ESPOSENDE — Longo areal. Animação e vida simples. Passeios lindíssimos no rio Cávado.
APULIA — Serenidade e pitoresco. Mar excelente e dunas de caprichoso recorte.
POVOA DE VARZIM — Praia cosmopolita. Casino, jôgo, desportos náuticos, «golf», patinagem.
VILA DO CONDE — Mar, campo e rio. Pesca, desportos náuticos, patinagem e «tennis».
MATOZINHOS — Em Leixões, a sul do molhe. Pertíssimo do Pôrto. Muito concorrida e agradável.
LEÇA DA PALMEIRA — Também em Leixões, fora do molhe do norte. Vasto areal.
FOZ DO DOURO — Na capital do Norte. Praia calma e muito freqüentada.
MIRAMAR — Encantadora praia florida, quieta e risonha. Passeios muito agradáveis.
AGUDA — Óptima praia. Ar puríssimo. Sossêgo e pitoresco.
GRANJA — Centro elegante e divertido. Piscina, «golf», patinagem e «tennis».
ESPINHO — Animação. Casino, jôgo, «golf», patinagem, «tennis» e touradas. Vasto areal.
FURADOURO — Vida simples e repousante. Interessante a faina e costumes piscatórios.
TORREIRA — Curioso movimento piscatório. Praia de excelentes condições.
COSTA NOVA — Extenso areal, na região da pitoresca ria de Aveiro.

BUARCOS — Praia de intenso movimento piscatório junto do Cabo Mondego.
FIGUEIRA DA FOZ — Centro cosmopolita. Praia ampla. Casino, jôgo, regatas no rio, «tennis», patinagem, touradas. Belos panoramas na Serra da Boa Viagem.

PEDROGAO — Na zona do pinhal de Leiria. Muito freqüentada pelos aquistas de Monte-Real.
VIEIRA — Praia de curiosa faina piscatória, rodeada de pinhal. Sossêgo e ar muito puro.

S. PEDRO DE MUEL — Praia junto do pinhal de Leiria, onde o mar oferece grandioso espectáculo.
NAZARÉ — Praia de característica faina piscatória. Lindíssimas vistas. Vida simples.
S. MARTINHO DO PÔRTO — Ar puro, pinhais, mar manso. O mais abrigado dos centros de veraneio do litoral.
FOZ DO ARELHO — Perto das Caldas da Rainha e Lagoa de Óbidos. Óptima praia de banhos.
BALEAL — Vida simples e isolamento. Vilegiatura agradável. Mar forte e muito iodado.
PENICHE — Ampla praia de areia finíssima. Passeios e pontos de vista extraordinários.
CONSOLAÇAO — Situação magnífica e excelentes condições. Tranqüilidade.
AREIA BRANCA — Muito sossêgo. Estância de repouso perto da Lourinhã.
SANTA CRUZ — Tranqüilidade e pitoresco. Lindos passeios nos arredores.
ERICEIRA — Muito freqüentada, grande animação, mas de vida à-vontade. Bem situada e curiosa.
PRAIA DAS MAÇAS — Perto de Sintra e de Colares. Muito concorrida. Facilidade de transportes.
CAXIAS, PAÇO DE ARCOS, OEIRAS e SANTO AMARO — Praias no Tejo, muito concorridas pelas suas previlegiadas condições.
COSTA DO SOL: CARCAVELOS, PAREDE, ESTORIL e CASCAIS — Praias de freqüência cosmopolita. Todos os desportos, piscinas, festas, casino e jôgo, durante o ano. Condições excepcionais de turismo e atractivos permanentes.
PONTA DOS CORVOS — Praia dentro do Tejo, muito agradável.
TRAFARIA — Praia na margem esquerda do Tejo. Desportos náuticos.
CAPARICA — Intenso areal e ampla praia de banhos. Mata agradabilíssima. Divertimentos.
SETUBAL — No estuário do Sado. Arredores lindíssimos: campo e praias de Albarquel, Comenda, Outão e o areal de Tróia.
ARRABIDA — Sossêgo. Mar calmo. Pesca e campismo na praia e na Serra.
CESIMBRA — Praia magnífica, de mar brando. Interessante a vida piscatória.

SINES — Praia de beleza surpreendente e de clima agradabilíssimo. Estância de repouso. Caça, pesca e todos os desportos náuticos.
VILA NOVA DE MIL FONTES — Boa situação. Concorrida mas de vida repousante.
LAGOS — Ampla baía com bonitas praias. Região encantadora.
PRAIA DA ROCHA — Praticável todo o ano. Desportos náuticos, «golf», patinagem, «tennis».
CARVOEIRO — Simplicidade, vida repousante e económica. Arredores lindíssimos.
ARMAÇAO DE PERA — Areal extenso. Bonitos recantos e magníficos passeios pelo mar.
ALBUFEIRA — Praia de lindo recorte. Luminosidade e clima ameno.
QUARTEIRA — Vida modesta e calma. Curiosa faina piscatória.
MONTE GORDO — Muito animada. Boa praia de banhos. Casino.
CACELA — Praia muito agradável pela situação e excelentes condições.

P R A I A S   P O R T U G U E S A S

TERMAS PORTUGUESAS

MELGAÇO — Tratamento de doenças do aparelho digestivo e diabetes. Tem bons hotéis e pensões. Patinagem e «tennis».

GERÊS — Doenças do fígado e de nutrição. Cura, repouso e turismo. Piscina. Pesca. Bons hotéis e pensões. Florestas e grandiosas paisagens.

VIDAGO e PEDRAS SALGADAS — Doenças do aparelho digestivo e de nutrição. Região pitoresca, «golf», «tennis», patinagem, casino. Estâncias muito concorridas. Excelentes hotéis e pensões.

TAIPAS — Pele e sífilis. Praia fluvial, «tennis», patinagem, pesca. Paisagem encantadora.

CALDELAS — Agradável centro de turismo. Enterocolites, fígado, baço e anemia palustre.

CALDAS DA SAÚDE — Reumatismo, bronquites e sífilis. Hotel e pensões.

VIZELA — Reumatismo, pele e sífilis. Patinagem, «tennis». Arredores lindíssimos.

MARCO DE CANAVEZES — Doenças do aparelho digestivo, pele e sífilis.

MOLEDO — Paisagem grandiosa no Douro. Reumatismo, pele, sífilis. Casino, «tennis», caça.

AREGOS — Reumatismo, pele, sífilis e afecções ginecológicas. Hotéis e pensões.

ENTRE OS RIOS — Aparelho respiratório e pele. Grande Hotel e pensão.

S. PEDRO DO SUL — Na pitoresca região do Vale do Vouga. Doenças da nutrição e aparelho respiratório. Pesca. Hotéis e pensões.

FELGUEIRA — Centro de turismo. Doenças do coração, pele, vias respiratórias. Hotéis e pensões. Hotel Urgeiriça: grande parque, piscina, «golf», «tennis».

LUSO e BUÇACO — Doenças da nutrição, coração, rins e pele. Repouso e animação. Magníficos hotéis e pensões. Piscina, patinagem, «tennis». Mata de extraordinária beleza.

CURIA — Estância animada. Doenças de nutrição, aparelho digestivo. Desportos e festas.

UNHAIS DA SERRA — Em plena Serra da Estrêla. Panoramas grandiosos. Doenças do aparelho digestivo. Pensões.

MONFORTINHO — Pele, rins e fígado. Águas radioactivas. Repouso. Pesca e caça. Hotel e pensões.

MONTE REAL — Estância muito agradável junto do Pinhal de Leiria. Doenças do aparelho digestivo, nutrição e ginecologia. Hotel e pensões. Próxima de praias.

PIEDADE — Perto de Alcobaça. Doenças do aparelho digestivo. Pensão.

CASTELO DE VIDE — Centro de turismo, repouso e cura. A «Sintra do Alentejo». Doenças de fígado, rins e intestinos. Caça e pesca.

CALDAS DA RAINHA — Admirável zona turística. Doenças de nutrição, bronquites, pele e sífilis, reumatismo, ginecologia. Hotéis e pensões. Parques, casino, hipódromo, caça, pesca, «tennis», patinagem. Museu Bordalo Pinheiro. Faianças.

CUCOS — Doenças de nutrição, coração e garganta. A 2 kms. de Tôrres Vedras. Pensões.

SANTA MARTA — Na praia da Ericeira. Doenças dos aparelhos respiratório e digestivo, pele, sífilis e ginecologia. Pensões.

ESTORIL — Centro cosmopolita situado em esplêndida região de turismo. Praia e campo. Doenças dos aparelhos respiratório e digestivo, pele e sífilis. Magnífico estabelecimento termal aberto todo o ano. Extraordinária animação. Casino, jôgo, desportos náuticos, piscina, tiro aos pombos, «golf» e tôda a espécie de desportos. Numerosos hotéis e pensões.

MOURA — Estância de agradável vilegiatura. Doenças do aparelho digestivo. Hotel e pensão.

MONCHIQUE — Na melhor região turística do Algarve. Passeios de extraordinária beleza. Doenças do coração e de nutrição.

TURISMO

BOLETIM BIMENSAL

EDITADO PELO SECRETARIADO DA PROPAGANDA NACIONAL

ABRIU em Famalicão o hotel «Garantia». Não tivemos ainda ensejo de visitar as suas instalações, mas por uma gravura reproduzida num semanário local e pelo artigo que assinala o acontecimento, supomos tratar-se de uma iniciativa bem intencionada, e de uma realização à altura dessas boas intenções Isto é: que o referido hotel, honrando a terra onde foi instalado — e que de há muito reclamava êsse considerável melhoramento – honrará, de igual modo, o turismo nacinal.

Porque não basta levantar um edifício e estampar-lhe na fachada o letreiro indicativo, para que um hotel seja ... um hotel. O edifício pode ser imponente e de belo risco arquitectónico; o letreiro pode destacar-se em gigantescas versais; os interiores podem estar luxuosamente ornamentados, etc. O certo — não é demais insistir — é que não são a grandeza, a magnificência, o confôrto excessivo e o requinte da decoração que fazem *um bom hotel.*

Um bom hotel (mórmente num país pequeno, de modesta capacidade económica e de parcos recursos técnicos), faz-se à base de arquitectura racional e sóbria, de bom gôsto do mobiliário, de pessoal simpático, afável e tècnicamente industriado, de excelente cozinha e de irrepreensível higiene. É por aqui, pelo menos, que o bom senso aconselha que deve começar-se.

Ora, no que nos diz respeito às condições de serviço, para que se atinja êsse nível, essa *classe* que o verdadeiro turismo exige, impõe-se, urgentemente, a criação de uma ESCOLA DE HOTELARIA!

POUSADAS DO S. P. N.

DESIGNAÇÃO		SANTO ANTONIO	S. BRAZ (por inaugurar)	S. GONÇALO	S. LOURENÇO (por inaugurar)	SANTA LUZIA	S. MARTINHO (inauguração em breve)	S. TIAGO (por inaugurar)	ESTALAGEM DO LIDADOR
Situação	Local	Serém (Vale do Vouga)	S. Braz de Alportel.	Bela Vista (perto do to de Espinho).	Entre Manteigas e Gouveia.	Elvas.	Alfeizerão.	S. Tiago do Cacém.	Óbidos.
	Localização	Junto à Estrada Nacional Lisboa-Pôrto	Junto à Estrada Nacional	Entre Amarante e Vila Real.	Junto à Estrada.	Junto à estrada Lisboa-Elvas.	Junto à estrada Lisboa-Pôrto.	Junto à Estrada Nacional.	Dentro da Vila.
	Altitude	10 m.	240 m.	90 m.	1.386 m.	± 300 m.	21 m.	± 300 m.	79 m.
Distâncias quilométricas		a 5 km. de Águeda. a 27 km. de Aveiro. a ± 270 km. de Lisboa.	a 5 km. de S. Braz. a 20 km. de Faro. a 281 km. de Lisboa.	a 22 km. de Vila Real. a 26 km. de Amarante. a ± 420 km. de Lisboa.	a 3 km. de Penhas Douradas. a 17 km. de Manteigas. a 23 km. da Covilhã. a ± 365 km. de Lisboa.	a 200 m. da cidade. a 8 km. de Caia. a 228 km. de Lisboa.	a 3 km. de S. Martinho do Pôrto. a 12 km. das Caldas. a ± 110 km. de Lisboa.	a 18 km. de Sines. a 140 km. de Lisboa.	a 44 km. das Caldas da Rainha. a 90 km. de Lisboa.
Estação Cam. de Ferro		Águeda ou Macinhata do Vouga.	Faro.	Amarante.	Belmonte-Manteigas.	Elvas.	S. Martinho do Pôrto.	S. Tiago do Cacém.	Óbidos.
Transportes por Cam.º Ferro		Linha do Vale do Vouga.	Linha do Algarve (Sul e Sueste).	Linha do Vale do Tâmega.	Linha da Beira Alta e B. Baixa.	Linha de Leste.	Linha de Oeste.	Linha do Sul e Sueste. Ramal de Sines.	Linha de Oeste.

(Continúa na pág. 3)

PORTUGAL TURÍSTICO

... com cheiro de jardim e confôrto de lar

NA reünião dos representantes das Juntas e Comissões de Turismo realizada no S. P. N., em 27 de Março, o Director dêste organismo, a quem em boa hora foi confiada a orientação da actividade turística do país, pronunciou um discurso já devidamente comentado, mas que nada perderá em ser avivado.

Desnecessário se torna chamar sôbre as oportunas palavras então proferidas a renovada atenção dos leitores, pois todos, espontâneamente, gostarão de as reler, com a curiosidade e o prazer nunca desmentidos de encontrar, em cada frase, saüdáveis e surpreendentes novidades. É, porém, útil reflectir sôbre cada sugestão ou afirmativa para que não fiquem apenas a representar mais uma rajada de optimismo desfechada contra a calma ou exaltada boa vontade dos obreiros da actividade turística, antes sejam alvos a atingir por todos os portugueses que visionam e querem ajudar a renovação de Portugal neste particular sector da vida nacional.

O momento de confusão que o mundo atravessa, não pode ser vivido na contemplação apática do grande drama histórico das nações, na inconsciência da cota parte de sacrifícios que nos cabe suportar e na ignorância da tarefa com que devemos arcar para a reconstrução geral do Mundo. A civilização sofre a crise dos seus desmandos; os países curam-se no fogo dos males com que se contagiaram e que deixaram, abandonada e criminosamente, lavrar nos seus organismos vitais; e, uns mais cedo, outros mais tarde, remidas as faltas próprias ou sofridas as que coube suportar pelo reflexo das estranhas, reviverão, mutilados ou rejuvenescidos, para encetar novo curso, criar novos mundos, prosseguir, enfim, na ordem que aos homens e às nações foi imposta, desde a sua criação, por Deus.

Portugal sofreu já, em lutas intestinas, por nosso mal, bem longas e destruïdoras de valores morais e de muita riqueza material da Nação, o seu calvário. No sofrimento e na dor, vivos ainda na memória de muitos, souberam os portugueses escolher, entre o próprio e o alheio, o caminho que leva à unidade criadora e por isso têm jus a um ressurgimento admirável. Em Salazar, personificação das virtudes ancestrais da grei — trabalhador incansável e honesto administrador do que é comum, orientador esclarecido e calmo que soube levar o irrequietismo nacional a trilhar «aquela humana linha média aonde convergem as necessidades fundamentais da vida social e as aspirações do nosso tempo», — podemos hoje proclamar com orgulho, encontramos o polarizador das fôrças amortecidas. Quere dizer: Porque o drama que os outros povos vivem nesta hora triste do mundo, numa luta vária que parece confusa, mas onde cada qual busca reencontrar-se, expurgados os males que debilitavam, já o tínhamos vivido em lutas fracticidas, podemos e devemos entregar-nos, sem detença, à tarefa reconstrutora a que todos os outros se darão, finda a hecatombe, ganhando o tempo perdido.

Seria crime desperdiçar a vantagem do tempo, e sê-lo-á se nos limitarmos a refazer as ruínas morais e políticas deixadas pelos fautores da desordem sofrida pelas gerações que nos antecederam e que a nossa vai resgatando. Mas só poderemos considerar atingido o verdadeira resgate, quando, sem esmorecer na vigilância, pudermos olhar em frente, esquecidas ou perdoadas as faltas do passado, porque a vida nova em plena florescência ofereça ao país uma fisionomia rejuvenescida que recorde ou exceda o passado de glórias. Não é de admitir a preguiça nem a persistência em tolerar erros de pessimistas que nos consideram destituídos, degenerados ou mal dotados para as grandes emprêsas. — *Os resultados serão aquilo que nós quisermos que sejam.*

Seja qual fôr o resultado da luta actual, Portugal encontrar-se-á perante o mundo que surgir, na posição moral que adoptou, seguindo um recto critério de orientação, baseado na honesta interpretação de uma história grande, que a nossa ética e a geografia condicionaram. Vencedores e vencidos nos buscarão de novo, porque a atitude de Portugal foi um exemplo, e porque seria horroroso pensar que as almas saídas dos combates, em cuja dureza a vida não conta senão pelo que possa trazer de vida nova, não viessem sôfregas de justiça e fartas de violência atrabiliária, considerar o nosso país através dos olhos com que muitos dos seus compatriotas o viram, ao buscar no nosso solo a tranqüilidade perdida e, após dias de torturante incerteza, aqui descobriram aquêle refúgio humano que julgaram já não existisse no mundo.

A vida futura será possìvelmente mais veloz, as relações entre os homens mais rápidas e por isso, quer como ponto de passagem na encruzilhada das rotas de um mundo mais pequeno, quer como recanto aonde se vai buscar repouso e vida sã, virá a ser a nossa paisagem um ponto de eleição. Não cometamos a insensatez de falhar na preparação a que nos obrigam honra e proveito previstos. Cada sugestão deve ser devidamente meditada para ser criteriosamente executada.

Dir-se-ia que, faltando à sua originalidade habitual, quis o Director do S. P. N. copiar, para o delineamento do plano geral de fomento e valorização imediata dos valores já inventariados e para o possível apetrechamento turístico do país, as linhas gerais da política de renovação traçadas e seguidas por Salazar, quando definitivamente iniciou a reconstrução do País: pôr a casa em ordem, criar possibilidades para a execução de um plano, com vista à grandeza da nação. Certamente nenhum dos delegados que assistiram à reünião do S. P. N. esmorecerá na luta e nas canseiras — porque luta, esfôrço e sobretudo coordenação de boas vontades terá de haver — através dos vários estádios a ultrapassar na seriação e solução de tantos e tão variados problemas, em tantas e tão variadas terras interessadas e a interessar num conjunto abrangendo todo o país. Porém, para que o plano tenha cabal realização

quási pode dizer-se que a cada português cabe uma tarefa, ainda que mínima, e a todos os organismos compete e é devida colaboração para que da soma dos esforços resulte um todo harmónico — o Portugal turístico. Muitas despesas e muito trabalho resultariam nulos (quantas vezes isso tem acontecido!...), se não houvesse a preocupação constante de sacrificar o local ao nacional, ou antes, de construir a parte integrando-a no sentido do todo.

Não haverá Departamento do Estado que não venha a ter um quinhão na responsabilidade e no louvor que a todos envolverá; mas útil se me afigura insistir, entretanto, sôbre a importância capital do indispensável esfôrço de alguns organismos, os quais, pelas suas funções e possibilidades, estão em primeiro lugar: o Ministério do Interior, pelos serviços especiais de assistência e higiene; o Ministério das Obras Públicas, por tantas e tão variadas interferências no arranjo geral do País; o Ministério da Economia, especialmente pela obra realizada e a realizar no que respeita aos serviços florestais e aqüícolas; o Ministério das Finanças, sem o qual as obras poderão ser asfixiadas ou diminuídas nas suas projectadas aspirações; e, finalmente, para não alongar as citações, as várias autarquias, primeiras responsáveis pelas deficiências ou bom critério com que façam estudar e executar os planos de melhoramentos locais.

Urge desde já coordenar os primeiros passos esboçados para a higienização, desenvolvimento e orientação de tôda a vida rústica ou urbana, de cujo somatório depende o bom ou mau sentido com que procurarmos renovar o país e rectificar a justiça do renome com que nos orgulhamos, pelo que a Natureza nos deu e os homens ainda não conseguiram estragar.

Ter-se-á, por certo, de demolir muito do que já não serve, corrigir o que suportar correcção entre tantos *bonitos* que o mau gôsto tem plantado a desfear a beleza nacional da paisagem, e construir, depois, de novo, com equilíbrio e proporção, obedecendo a um plano, às possibilidades da maior parte e ao bom senso e bom gôsto dos que forem chamados a elaborar e executar os projectos. Num sentido lato, pode dizer-se perfunctòriamente que nada deve ser iniciado sem que se estabeleça, a partir de múltiplos planos, o plano geral de urbanização do país. Para isso, dados os meios escassos da maior parte dos locais a estudar e a vantagem, já enunciada, de obter os melhores resultados no mínimo de tempo e de gastos indispensáveis, muito poderia contribuir, no sentido de coordenação nacional, a nossa aviação militar. Ignoro se é exequível, sob o ponto de vista castrense o cometimento, à arma aérea, do levantamento fotogramétrico dos múltiplos locais a urbanizar; mas, como julgo ser de grande vantagem a obtenção imediata dêste primeiro elemento de estudo e como todos conhecem o veemente desejo de treino e de aperfeiçoamento nas várias modalidades de utilização da sua arma, por parte dos jovens aviadores e dos veteranos, fàcilmente podemos conceber com que ardor e eficiência se votariam os bravos do ar a vencer, com glória, uma das mais brilhantes páginas da reconquista da nossa pátria.

Desde que começou a guerra, não têm os portugueses estado ociosos, e não será excessivo admitir que todos os países, de um extremo ao outro do mundo, terão tido, pelo menos, um motivo para nos ser gratos; pois êste seria um novo exemplo para o presente e louvável serviço para o futuro, pelo que teriam jus à confirmação e continuação do respeito merecido pelo que fizemos e faremos.

Depois de ter dado novos mundos ao mundo, que cada português, qualquer que seja a sua actividade, saiba ser do seu tempo, aproveitando do passado o que deva dar continuïdade às características nacionais e renovando com vista ao futuro, até ao ponto de, sem deturpações ou enxertos destoantes, fazer do Portugal de sempre um país renovado, com cheiro a jardim e confôrto de lar.

T. A.

POUSADAS DO S. P. N. (Continuação)

DESIGNAÇÃO			SANTO ANTÓNIO	S. BRAZ (por inaugurar)	S. GONÇALO	S. LOURENÇO (por inaugurar)	SANTA LUZIA	S. MARTINHO (inauguração em breve)	S. TIAGO (por inaugurar)	ESTALAGEM DO LIDADOR
Transportes	Auto-carros	Carreiras	Lisboa-Pôrto.	Cacilhas-Faro.	Pôrto-V. Real-Pôrto.	Eventuais.	Cacilhas-Montemor-o-Novo-Elvas.	Lisboa-Leiria-Pôrto.	Barreiro-Portimão.	Lisboa-Leiria.
		Emprêsas	Capristano & Ferreira. J. Francisco de Oliveira.	Emprêsa Viação Algarve (Eva).	J. Francisco de Oliveira.	✠	Emprêsa Transportadora Setubalense.	Capristano & Ferreira.	A Palmelense.	Capristano & Ferreira.
Telefone			Do concessionário: Espinho 4 e 9	✠	Do concessionário: Amarante 16.	✠	Elvas 19.	✠	✠	Óbidos 5.

PREÇOS

✠	DIARIA (incluindo banho, pequeno almôço e chá de tarde)		QUARTO		REFEIÇÕES		BANHO	OBSERVAÇÕES
	1 Pessoa	Casal	1 Pessoa	Casal	Pequeno almôço	Almôço ou jantar		
Pousadas	60$00	100$00	30$00	40$00	8$00	20$00	6$00	Permanência não superior a 5 dias seguidos.
Estalagem	40$00	70$00	20$00	30$00	6$00	18$00	6$00	

ROTEIROS DE TURISMO

Não basta que a propaganda turística vinque, no espírito de cada um, o desejo de viajar, que torne público o que merece ver-se, que diga: visite aqui, porque é belo; vá ali, pois lhe interessam tais monumentos; não se esqueça de ir acolá, que não se arrepende, tanto o surpreenderá a paisagem.

É também missão da mesma propaganda — como se tem feito — ensinar a viajar, a realizar com bons resultados qualquer excursão, de forma a não permitir que se faça um trajecto desordenado que ocasione dispêndios de vária ordem, inúteis, e se conclua com enfado porque não se viu quanto se esperava.

Quantas vezes, passeios que se anteviam esplêndidos, terão falhado pela falta de um roteiro preciso, o qual, se existisse, não daria ocasião a seguir-se um caminho por onde não interessava passar, porque indicaria outro que conduzia a pontos muito melhor preparados para receber visitantes.

No intuito de obstar a que se dêem lamentáveis casos dêstes, vem PANORAMA, desde o seu início, publicando regularmente, neste Boletim, sugestões de passeios, uns de fim de semana, outros mais demorados, indicando os devidos trajectos, o que se deve ver, as acomodações que o turista encontra, etc., etc.

Com o mesmo fim, saíu a público, recentemente, a edição «Pousadas do S. P. N.», contendo 12 roteiros de excursões através de Portugal — alguns dos quais reproduzimos nestas duas páginas — em cujos circuitos se

inclui a passagem pelas *Pousadas*, que, vê-se, estão situadas, tôdas, de forma a facilitar visitas às mais importantes regiões de turismo do País.

Das sete *Pousadas* já funcionam três e em Agôsto próximo deve proceder-se à abertura de mais uma — a de S. Martinho, na estrada entre Caldas da Rainha e Alcobaça, seguindo-

-se, à medida que se forem concluindo, a inauguração das restantes.

Assim, a propaganda desenvolvida pelo S. P. N. neste sector, tem visado não só a valorização dos elementos turísticos do País pela sua divulgação, mas também, proporcionar e facilitar os meios de conhecê-los.

ROTEIRO DO VINHO PORTUGUÊS

NONA JORNADA

«Dai vinho àquêle que está na amargura afim de que beba e esqueça a sua miséria e se não lembre mais da sua dor», diz Samuel, muito judiciosamente, na Bíblia. O Ribatejo, onde se encontram as maiores propriedades vitícolas, oferece ao viajante adegas de vinhos afamados que podem executar perfeitamente aquela sábia sentença bíblica.

Saídos de Lisboa, por Sacavém, num pulo está-se em Vila Franca de Xira, depois de um percurso feito na vizinhança do Tejo que, a distância, sôbre a direita, corre espraiado entre as margens chãs. Fragatas solenes, de proa em papo de rôla, as latinas vermelhas, descem, serenas, as águas turvas, carregadas de cascos de vinho, de fardos de palha, pejadas de sal — dêsse sal produzido nas salinas que, pelo caminho, nos chamam a atenção com as suas pirâmides brancas, bem desenhadas.

> «*Vila Franca,*
> *Rosa branca*
> *Jardim de tôda a flor...*»

Entra-se, ali, na castiça região ribatejana, terra de vinho e de toiros, tão rica na terra como na têmpera que dá a seus filhos; e, a Vila, reclina-se docemente sôbre o grande rio cujo caudal, nas lezírias misteriosas, beija, num murmúrio, a fímbria da sua vestimenta de Ceres opulenta.

«Pelo Tejo — escreveu Oliveira Martins — o Portugal marítimo abraça o Portugal agrícola, fundindo numa as duas fisionomias típicas da Nação».

Não se encontram monumentos dignos de nota além do pelourinho, mas, a velha casa de Afonso de Albuquerque, cêrca de dois quilómetros antes de Vila Franca, sua terra natal, demonstra que dali saíram homens esforçados que muito bem serviram a Pátria.

Esta vila é célebre pelas suas «esperas de toiros» em que toma parte tôda a sua população: é a festa taurina na rua, feita pelos amadores que nunca descerão ao redondel mas que ali dão largas à sua *aficion*... Estas «esperas» — que ficaram célebres no século passado e a que a Severa ficou ligada — ainda hoje têm muito de pitoresco, apresentando-se-nos como verdadeiro símbolo da região em que domina o campino, o toiro e o cavalo. Nelas aparecem os três, em prodígios de bravura, de carácter, de nervo rijo. Não poderá negar-se, contudo, que o forte vinho do têrmo alguma «alma» fornece, generosamente, a muitas destas faenas mal esboçadas...

Pois, onde melhor do que nesses vinhos de gôsto cheio, pastosos, retintos, de bom corpo e fôrça alcoólica, portado-

res das ardências do sol da lezíria, do fartum da terra ubérrima, do músculo do cavador, do ânimo das gentes e da casta do toiro, poderia encontrar-se síntese mais magnífica de uma região e de um povo? — Como «mata-bicho», em Vila Franca de Xira, uma golada têsa, de branco sêco, será aperitivo adequado e de tom regional para quem se propõe vaguear por êsses domínios impressionantes do Ribatejo castiço.

Pela estrada fóra em demanda do Cartaxo, ninguém se esqueça de parar uns minutos na pequena aldeia de Povos, para admirar, à esquerda, um dos mais bonitos exemplares de pelourinhos que conhecemos: gótico-renascença, de quatro braços, precioso de equilíbrio e de arte, que, muito justamente, foi considerado monumento nacional.

Prosseguindo, antes de atravessar Azambuja — recordações de velhas histórias sôbre o celebrado pinhal provocarão, hoje, infundados arrepios nos timoratos — a estrada atravessa umas pastagens onde se vêem normalmente, calmos e pachorrentos, toiros retouçando a herva. Destas manadas pacíficas saem os exemplares, de casta e poder, que dão nome a toireiros... Mais adiante, são manadas de éguas bravas, com as crias...

Cartaxo, com a sua praça de toiros e campo de feira, ergue-se garrida sôbre uma ondulação de terreno. É um centro produtor de vinho de grande importância, muito popular em Lisboa graças ao reclame dos taberneiros, que penduram o ramo pelo «cartaxeiro» autêntico. Embora vila muito antiga — o seu primeiro foral foi concedido por D. Dinis — nada de especial nos fala da sua longa vida, além da Casa dos Chavões, cuja traça senhorial (data do séc. XIV) recorda os seus antigos senhores, os condes de Unhão e os marquezes de Niza.

O horizonte é largo e a paisagem dominada pela vinha, de cêpas rasteiras, embora algumas de avantajado porte na exuberância das plantas criadas em chão tão fértil.

> «*Solar de vinhos nobres! Oh ridente*
> *jardim...*»

No Cartaxo, durante as invasões napoleónicas, esteve instalado o quartel general de Welesley — o que é recordado por uma lápide — tendo-se travado nas suas imediações um combate com as tropas de Massena.

> «*À entrada do Cartaxo*
> *duas coisas lhe dão graça,*
> *é o relógio da tôrre*
> *e a* mimoira *na Praça.*»

São notáveis os vinhos tintos, e os brancos de Valada merecem referência especial pela sua superioridade em finura e suavidade de gôsto.

Caminhando entre vinhas, atravessa-se Vale de Santarém para se subir à Cidade onde se entra pelo amplo terreiro do Campo de Sá da Bandeira.

No velho burgo que os romanos conheceram por «Scalabicastrum», que o nosso Rei Conquistador trouxe para a Cristandade, encontram-se alguns monumentos de valor arquitectónico e histórico. — Não se deixe de ver a maravilha do portal e da rosácea, gótico florido, da igreja da Graça (séc. XIV); o museu arqueológico instalado na igreja de S. João de Alporão, de arquitectura mano-gótica (séc. XII) e logo ao seu lado o «cabaceiro» ou Tôrre das Cabaças, ali colocadas para multiplicar o som do sino grande, e que além de campanário curioso é, também, miradoiro excelente. Mais adiante chega-se ao velho terreiro da Alcáçova, conhecido pelas Portas do Sol, e que é seguramente uma das melhores varandas que se abrem sôbre uma das mais lindas vistas de Portugal — quer faça tempo bonançoso, quer durante a trágica beleza das cheias do Tejo.

Não longe, no cimo de um outeirinho vizinho, avista-se a Capela do Monte, do tempo de Afonso Henriques, que tem muito interêsse.

É aqui, na capital do Ribatejo, que deverá almoçar-se — começando-se por uma caldeirada de enguias, pescadas, lá em baixo, no Tejo, a que o vinho branco de Almeirim, citrino, sêco, cheio de nervo e perfumado, fará um acompanhamento harmonioso e adequado.

Em seguida, uma boa carne, preparada à moda da «Borda de Água», chamará pela entrada em cena do vinho tinto do têrmo, frutado, forte, vivo, encorpado e aromático. À sobremesa deve presidir um «Estremadura» velho. Depois dêste almoço compreender-se-á a «pega» ribatejana...

Retomando a marcha, agora para a margem sul do rio, desce-se para o Vale de Atamarma onde, em remanso bucólico, foi construída a Fonte das Figueiras, de estilo gótico, que é um verdadeiro encanto. É dêsse lado que fica a parte da muralha, do antigo castelo sarraceno, que foi escalada pelos nossos conquistadores.

Deixando à ilharga o bairro da Ribeira — que tão habituado anda às inundações — toma-se a ponte que atravessa o rio e conduz a Almeirim, fundada por D. João I para estância de inverno da Côrte e que tão ligada ficou à vida dos nossos Reis, que ali tinham paços reais.

Embora os vinhos brancos de Almeirim mereçam o primeiro lugar na linha dos seus produtos enológicos, há que referir, também, os tintos de valor organolético apreciável.

Pela estrada que passa por Muge, cêrca do Solar dos Duques de Cadaval, segue-se para Salvaterra de Magos, que o romantismo celebrizou na sua «Última corrida de toiros», causa da longa proïbição das touradas e fim dos «toiros de morte» entre nós. Aqui, também, os vinhos brancos são especiais: citrinos, secos e delicados.

No meio de uma larga paisagem chã, de vastos horizontes, chega-se à Moita, à tão popular Moita dos alfacinhas — franco-atirador do Ribatejo — onde uma merenda de queijo de ovelha, pão de trigo e carrascão do têrmo, castigará o paladar e retemperará os ânimos.

Em Cacilhas, olhando o casario de Lisboa, estendida pelas curvas suaves das suas colinas — e que, a essa hora, o sol poente deve estar a pincelar de oiro fulvo — fecha-se êste circuito pelo Ribatejo vinícola.

DESENHO DE BERNARDO MARQUES

ANTÓNIO BATALHA REIS

INICIATIVAS E REALIZAÇÕES

Piscina-Solário de Espinho

Foi oficialmente inaugurada no centro turístico da *Costa Verde* a monumental *Piscina-Solário «Atlântico»*, melhoramento que passou a valorizar extraordinàriamente aquela magnífica zona do litoral nortenho.

Além de um balneário de água quente, com duas secções (masculina e feminina) a Piscina de Espinho possui numerosas *cabines* individuais e colectivas, uma excelente tôrre de saltos com três pranchas género trampolim, chuveiros, ginásio, *cabine* de filtros e esterilizador de água, altos-falantes, mastro de vigia, *bar*, restaurante e telefones. No mesmo recinto construíu-se uma piscina infantil — a «Espuma do Mar» — com lava-pés, solário piscatório, etc. A água — do mar e filtrada — é renovada permanentemente.

Inaugurou-se também, no mesmo centro de turismo, um amplo e bem apetrechado *Parque Infantil*.

PANORAMA assinala com regosijo êstes acontecimentos, cuja realização se deve à arrojada iniciativa da Emprêsa de Melhoramentos de Espinho e à compreensiva assistência do Município local.

As festas da Agonia em Viana do Castelo

Além das suas características tradicionais, que sempre fazem afluir, em Agôsto, a esta cidade, grande número de forasteiros, as populares Festas da Agonia vão ser êste ano valorizadas com um programa em que a propaganda dos valores naturais, artísticos, históricos e económicos da região terá lugar de relêvo.

Realizar-se-ão exposições de documentos forais, iconografia vianense, de etnografia, de cerâmica e de artistas-pintores de Viana, ou de trabalhos sôbre assuntos vianenses.

Os *Jogos Florais*, organizados com o patrocínio do Município, encerrar-se-ão com uma festa no cláustro do antigo Convento de Santana, no dia 19 de Agôsto.

"Conheça a Sua Terra"

A Agência de Turismo do S. P. N. continua a organizar, tôdas as semanas, visitas culturais que o programa radiofónico «Conheça a sua terra» anuncia às sextas-feiras. À lista que vimos publicando, acrescentamos as seguintes visitas ùltimamente realizadas:

À *7.ª Exposição de Arte Moderna* (no estúdio do S. P. N.) com Carlos Queiroz; ao *Museu Militar*, com o seu director, Coronel João Tomás Rodrigues; ao *Museu de Arte Contemporânea*, com o prof. Armando de Lucena; ao *Panteão de S. Vicente de Fora*, com Matos Sequeira; ao *Instituto de Orientação Profissional*, com o seu director, prof. Oliveira Guimarãis; ao *Instituto Superior Técnico*, com o seu director, prof. Belard da Fonseca; à *Sé de Lisboa*, com o arquitecto António Couto; aos *Estúdios da Emissora Nacional*, com o Eng.º Vítor Veres e outros funcionários superiores; à *Assembleia Nacional*, com o secretário geral, sr. Joaquim Leitão; à *Central-Tejo*, com o Eng.º-chefe Mariz Simões e Eng.º Pedro Álvares; ao *Castelo de S. Jorge*, com Matos Sequeira; ao *Mosteiro dos Jerónimos*, com o prof. Armando de Lucena; à *Câmara Municipal de Lisboa*, com o sr. Ferreira de Andrade, secretário do Presidente do Município, Eng.º Rodigues de Carvalho; novamente ao *Palácio de Queluz*, com Ventura Porfírio; à *Igreja da Madre de Deus;* à *Fábrica de Cerveja «Estrêla»;* à *Tapada da Ajuda*, com o Eng.º Francisco Caldeira Cabral; novamente ao *Instituto de Orientação Profissional;* à *Igreja de S. Roque e Museu de Arte Sacra*, com Armando de Lucena; à *Fábrica de Lâmpadas «Lumiar»;* às *imagens de Santo António*, na Sé de Lisboa, com uma palestra por Pedro Correia Marques; à nova *Gare Marítima*, com o arquitecto Pardal Monteiro; ao *Jardim Zoológico*, com o Dr. António Emídio da Silva; à *Fábrica «Lusalite»;* e ao *Teatro Nacional de S. Carlos*, com Mário de Sampaio Ribeiro.

Concurso de monografias sôbre a Figueira da Foz

Outra interessante iniciativa no campo da propaganda regional e, portanto, de alcance turístico, é a que tomou a Comissão Municipal de Turismo desta admirável estância de veraneio, abrindo entre os escritores portugueses um concurso de monografias, cujo regulamento vem publicado no n.º 9 do seu *Boletim*.

O prémio a conferir ao trabalho premiado é de 3 mil escudos.

Concursos do S. P. N.

O júri do concurso anual das *Estações Floridas* inaugurou as suas visitas de inspecção às localidades concorrentes, para a adjudicação dos prémios de 1943 — 3.º ano desta iniciativa — tendo observado grande progresso na ornamentação floral de diversas estações.

Está aberto o *Concurso de Monografias Regionais*, 3.ª Zona (1943), abrangendo o *Alto-Alentejo, Alentejo* e *Algarve*.

Os trabalhos devem ser enviados para os Serviços de Turismo, até 15 de Setembro próximo.

"Panorama" regista

★ O êxito que obtiveram em Espanha a Companhia de bailados *Verde-Gaio* e a *Exposição de Arte Popular Portuguesa.*

★ A *1.ª Exposição Bibliográfica de Turismo e Propaganda de Portugal*, realizada no Ateneu Comercial de Lisboa — à qual dedicaremos, no próximo número, algumas páginas ilustradas.

★ O brilho e animação com que decorreram a *Feira de S. João*, em Évora, e a *Romaria de S. Torcato*, em Guimarãis.

★ A inauguração nas Caldas da Rainha das novas instalações do *Pôsto de Turismo* (S. P. N.).

★ A *Exposição Nacional de Campismo*, efectuada na Casa do Alentejo.

★ A inauguração da *Praia Fluvial* em Coimbra.

★ A notícia de que principiaram, finalmente, as obras da nova estação de caminho de ferro da Curia.

★ O relêvo que a Imprensa diária do país tem dado, ùltimamente, aos melhoramentos públicos, iniciativas e aspirações regionais.

★ A amável cedência pelo Dr. Jorge de Faria dos valiosos documentos iconográficos que ilustram o artigo sôbre o Teatro de S. Carlos.

CONCURSO DA

«CASA PANORAMA»

AS CONDIÇÕES DESTE CONCURSO, PUBLICADAS NO NOSSO NÚMERO ANTERIOR, ACRESCENTAMOS OS SEGUINTES PORMENORES: 1.º — A CASA PODE TER DOIS PISOS; 2.º — O CORTE, A PLANTA E O ALÇADO DO ANTE-PROJECTO DEVEM SER REALIZADOS NA ESCALA DE 1:50; 3.º — O DESENHO DE IMPLANTAÇÃO, NA ESCALA DE 1:200. — O PRAZO DE ENTREGA DOS TRABALHOS TERMINA NO DIA 15 DE OUTUBRO.

O TEATRO NACIONAL
DE S. CARLOS

(Continuação da pág. 11)

« A sala de espectáculo é de forma elíptica, por tal arte disposta a platéia em conveniente declive e em relação ao tablado que ao centro é um esplêndido ponto óptico» onde os espectadores continuam a gozar «cabalmente, de qualquer lado, tôdas as vistas».

«Contém cinco ordens de camarotes, por banda»; mas já não estão forrados do feio papel vermelho que os revestia, antes por damasco «beije», e cortinas de rosa-velho, tal como o veludo que forra a platéia e as cortinas de brocado da tribuna, esta desafogada das duas frizas que havia em baixo e não pertenciam ao primeiro traçado da sala.

«Ilumina», ainda, «largamente a vasta sala um lustre rico de acabado gôsto que em seus cristais reflecte a claridade de cem lumes». Mas os candeeiros e luzes dos camarotes e frizas foram todos substituídos, com a riqueza que exigia o condizer com o deslumbramento dos estofos e panejamentos italianos.

As escadas e pavimentos interiores do teatro, beneficiaram de profunda modificação. O antigo caracol que subia até às torrinhas, e deixava os espectadores perdidos à menor distracção, até chegar o auxílio providencial do primeiro empregado, foi resolvido por Guilherme Rebêlo de Andrade da maneira mais inteligente. Desenvolvida numa planta quadrangular, em lanços nobres, com degraus de pedra polida, terminados em patins que correspondem às várias ordens de camarotes. Borda-a um artístico corrimão de ferro forjado com aplicações de artísticos bronzes. Além desta escadaria, servem, ainda o movimento do teatro um ascensor e duas escadas pequenas, ligadas ao fim dos corredores de cada uma das ordens.

O palco foi, no entanto, onde se efectuaram as mais profundas modificações, nas obras que precederam a reabertura de «S. Carlos». Reforçou-se completamente a estrutura, construíram-se novas dependências para os principais actores, levantou-se o gigantesco ciclorama de quatrocentos metros quadrados de superfície e movimento vertical.

Romperam-se comunicações com o edifício anexo, o grande prédio onde antigamente estava instalada a Polícia do Estado, do qual só se conservaram as paredes mestras. Tôda a estrutura interior foi modificada: e construíram-se gabinetes, camarins, salas de ensaio, de música e de bailado.

Em três anos, a vida artística e social de Lisboa sentiu profundamente as exigências que «S. Carlos» lhe impôs. Orquestras, cantores e bailarinos de Portugal e do mundo voltaram a animar a sala, em tempo adormecida. Com o renascer de «S. Carlos», renasceu o culto pela música e pelos espectáculos de ópera, as noites de concêrto quási completamente ignoradas por duas gerações, quási completamente esquecidas pelas outras. E isso, e o deslumbramento da presença com que se impõe, numa noite de festa, a sala do nosso primeiro teatro, falam mais claro que tudo, da projecção e do valor da iniciativa em boa hora empreendida no ano dos Centenários.

FERNANDO GARCIA

DESENHOS DE ARTISTAS PORTUGUESES NA BIBLIOTECA DE ÉVORA

(Continuação da pág. 35)

Quem fixar os números oitenta e um e oitenta e dois da colecção, encontrará reproduções de Palma Vecchio, feitas, porventura, por Domingos Nunes. Elas mostram as mesmas sombras profundas e interferência de côres que há na Santa Bárbara, de Veneza, obra do estranho artista do quinhentismo italiano.

Esta breve nota pretende só aguçar a curiosidade aos amigos de coisas de Arte que visitem Évora, a darem uma saltada à Biblioteca, para folhearem a *nova* colecção de desenhos do século XVIII.

Se tiverem interêsse e tempo, peçam também para ver algumas maravilhosas iluminuras que se guardam no recheio de manuscritos, e as típicas aguarelas do Livro de Bocarro.

Talvez, até, um dia voltemos a aproveitar o *Panorama* para mostrar um ou outro dêsses monumentos bibliográficos, que são glória do património artístico de Portugal — regalo dos olhos e maravilha para os investigadores.

LUÍS SILVEIRA
(Director da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora)

MONTE REAL

(Continuação da pág. 45)

Ali a ia ver e amar o Rei Trovador, voltando, por vezes, já noite alta. Numa dessas noites, porém, quando subia a encosta do monte em que se achavam os seus Paços, deu que o esperavam no caminho, com archotes e lanternas, grande número de escudeiros, que a Rainha Santa dirigia. Surpreendido e suspeitoso pediu o Rei a explicação de tal cuidado. E a Rainha lhe disse que mandara alumiar o caminho, porque, decerto êle vinha cego de amor. E ao lugar onde vivia a moça, que hoje é uma pitoresca aldeia, ficou o nome de «Amor» e aquêle onde se encontraram, pequena povoação agora, o nome de «Cegovindes».

Ali paira ainda a lenda saborosa; mas, vendo passar as moças esbeltas de Cegovindes e Amor, outras evocações poéticas nos sugerem, outras imagens visionamos nas suas figuras desenvoltas e ladinas: Violante, Leonor, a que «tanta graça tem», a «formosa e não segura», a que «descalça vai para a fonte», a que «vai a ver o gado», perpassam, enquanto Lereno, escondido numa volta de caminho, as observa e segue, amorosamente, nos seus grandes e idílicos anseios.

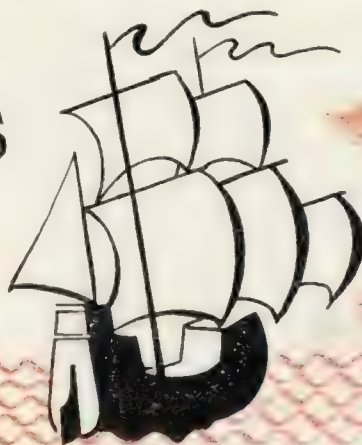
E o ar, a luz, a paisagem embebem-se e irradiam a lírica inspiração de Rodrigues Lôbo, «pastor peregrino» dêstes seus lugares de égloga, onde ainda o seu espírito nos visita e conduz.

Apenas, para além, dissimulada entre altos arvoredos, encontramos a povoação das «Termas», a desenhar-se na arrumação urbana de casas modernas que para trás já estão no campo, até ao «Grande Hotel», que já está na floresta.

Em redor, para todos os lados, o fundo é de pinhais verde-negros; e, vindo até mais perto, «o Pinhal do Rei», o Pinhal de El-Rei D. Denis, desce depois até ao mar que se adivinha à proximidade dos areais, dunas e «alvas», reluzentes.

Ao pôr do sol, de novo escutamos os estranhos cânticos da terra, das coisas, da paisagem; e ouvimos, não longe, o mar e o ramalhar dos altos pinheiros à leve brisa.

Recolhem do trabalho os gados e a gente, e voltam a subir no ar, mais leves e esbatidos, os fumos dos casais.

Sob o luar nascente, tôda a vida adormece, e apenas pela noite murmuram águas do rio, de fontes e ribeiros, que parece ainda segredarem, baixinho: «Atenção! Silêncio! Aqui vive a Égloga!»

ACÁCIO LEITÃO

Camisas do mais fino corte e das melhores qualidades, já feitas ou por medida

POSSUI O MELHOR CAMISEIRO

RUA AUGUSTA, 238 — LISBOA

Largo do Regedor, 7 — Lisboa

SERRA DA BOA VIAGEM

(Continuação da pág. 38)

Mais em baixo, junto à enseada, o casario policromo da Figueira espalha-se em meia-lua para ir somar-se ao de Buarcos, povoação de pescadores a espreguiçar-se no sopé da encosta, apertada de encontro ao mar. E quilómetros e quilómetros de praia se vão desenrolando junto à costa, rematada lá muito ao fim pelo castelo de Leiria, que num dia claro podemos perceber sem outro auxílio que dos nossos olhos. Uma traineira demanda a Barra deixando uma esteira de espuma ao seu rasto, dois penachitos de fumo e a estridência sincopada de seu apito roufenho.

Anda no ar o sussurro das ondas quando chegas ao varandim da Vela.

Ficaste boquiaberto.

Lá em baixo o mar bate de encontro aos rochedos e vai longe, longe, muito azul e redondo até à base da linha do céu. Sentes-te grão de areia ante a imensidão de tanta água nervosamente a tremer, esplendentemente a rebrilhar à luz do sol em mil partículas, em mil escamas. E cansados os olhos do cansaço surpreendente de tão vasta toalha de água, sempre a veres quando se te emergem na fímbria convexa da distância os Açores, o Brasil ou essa Atlântida lendária, pões-te, alfim, a escorregar os olhos pelas encostas ribeirinhas.

As arribas, nuas e escalavradas, rolam em catadupa e despenham-se no mar. Há arestas e anfractuosidades estratificadas, cinzeas, sem vegetação, que esperam não se sabe o quê — talvez as nossas caravelas que um dia, por aquêle mesmo mar, partiram de longada ou um novo Adamastor de dentes amarelos e voz tonitroante...

Porque certamente aproveitaste as horas da tarde para dares êste passeio, a luz morre agora aos poucos no quieto silêncio do anoitecer. Nem deste pelo tempo que passou!

A luz, de branca, transmudou-se em marcha loira — e deixa na película das águas um enorme rastro coruscante, enquanto entre castelos de nuvens o sol sangra e se afunda no poente em fogo.

Não olhes por mais tempo: se és poeta, não resistirás ao arrebatamento e terás de fazer um verso; se o não és, experimentarás uma nósia inexplicável, misto de deleite e mal-estar, como se cansado da beleza dessa luz de sonho que anda por tôda a parte — a luz da praia da Claridade.

Desce, pois, até ao Farol Novo. Ali mais, onde a terra é negrusca e chaminés vomitam fumo, são as Minas do Cabo Mondego.

Lança lá para cima, para os pendores ásperos e a pique, o teu derradeiro olhar. E, momentos depois, terás pela frente a silhueta parda do Forte de Buarcos a esbater-se na meia luz do crepúsculo.

Além mais, na ponta da outra banda, o Farol pestanejá melancòlicamente. Um sino lança para o infinito as badaladas plángentes do «Angelus». Tira o teu chapéu; recolhe-te dentro de ti mesmo; e junta a tua oração às orações dessa boa gente de Buarcos, incansáveis trabalhadores do mar, a quem êsse mesmo mar tem roubado tantas vidas.

Janta, não te faltará apetite. Vai depois até ao Casino, ao cinema, aos cafés, ao «picadeiro». A música, a policromia dos vestidos, o estalar das conversas, o frufru das sêdas, o ritmo das valsas hão-de tentar fazer-te esquecer as belezas naturais que viste há horas. Não o conseguirão. Êsse memorável passeio jamais te sairá da memória — isso constitui o grande segrêdo da Serra da Boa Viagem, dessa luz de magia que só encontras na Praia da Claridade...

FOLGADO DA SILVEIRA

LUSO E BUÇACO

(Continuação da pág 40)

Testemunha irrefutável desta verdade, é que estiveram êste ano no Luso para cima de 2 500 pessoas. Umas procuram nas águas alívio para os seus males físicos; outras lavam os pulmões da intoxicação dos grandes centros com os bons ares da serra e das florestas. No Luso, con- considerada hoje uma das grandes estâncias termais da Europa, no centro de uma das mais lindas zonas de turismo de Portugal — matas frondosas, águas abundantíssimas, magnífica rêde de estradas, excepcional situação climática a 250 metros de altitude e 40 quilómetros do mar — esquecem-se, com facilidade, as famosas estâncias de Carlsbad, Vichy, Évian, Wittel para nos podermos confessar orgulhosos em possuir, entre tanta coisa boa, uma que, sem favor, se pode considerar excelente. Excelente por tôdas as razões apontadas e até porque possui um Hotel inaugurado há dois anos com todo o confôrto que a civilização moderna não dispensa nos seus mais simples pormenores. Nesse palácio, que uma emprêsa audaciosa e um arquitecto inteligente souberam fazer erguer no melhor local do Luso, a dois passos das termas, tudo se encontra, nada falta. Até uma piscina que não lhe bastava ser a maior de Portugal, porque é, também, a mais bem construída e a mais espaçosa da Península. Buçaco e Luso constituem uma das mais belas, senão a mais bela estância de turismo dos Pirenéus para baixo. Na primeira, onde o génio de um hoteleiro inteligente realizou um sonho, um sonho de Sheherazade, a gente sente-se grande e forte pela fôrça da Natureza; grande pela protecção de árvores centenárias, testemunhas do nascimento e crescimento de Portugal, e grande, ainda, pela fôrça histórica de uma página imortal, escrita com sangue, há 13? anos.

No Luso, é o encanto suave do murmurar das águas que serpenteiam entre o verde-verde dos milheirais e que vêm de tombar em queixumes líricos da serra atapetada de musgos e liquenes. Nessas águas, que as meninas dos nossos olhos nunca se cansam de namorar e que nascem, ali, aos nossos pés, vem a vida, generosamente dada sem avareza, a vida que todos querem prolongar, aleluia festiva de uma Primavera eterna, onde só se ouvem os cânticos dos anjos no céu e o gorgeio das aves na terra.

ARMANDO DE AGUIAR

COVINA

(Continuação da pág. 61)

Sim. Tôdas estas coisas, contadas por miúdos, nos seriam perdoadas e até — não o duvidamos — dariam agrado a quem as lesse, quando fôsse fito nosso descrever o fabrico do vidro em chapa, ou inscrever a fábrica da Covina, por um artigo de publicidade, em rol de anunciantes.

Sucede, porém, não ser êsse o nosso intento. E se, no caminho do Pôrto, deixado atrás Sacavém, à porta da Covina paramos, e um pouco dentro de seus muros nos demoramos, foi simplesmente porque vimos da estrada, em tôrno dos edifícios daquela fábrica, tufos de arbustos, de hortênsias, de cravos e de rosas, envolvendo-os num singular abraço de beleza. E se de estranheza foi o nosso primeiro reparo (é tão raro cercar de canteiros de flores as paredes grisalhas de uma fábrica!) já de tanto espanto não foi o que, entrando, viemos a ver e, principalmente, a saber. Aquêles jardins — primaveris, sempre — da Covina, mal enxergados, logo nos tinham dito um pouco do muito que, em breve, nos foi mostrado e explicado, e se resume, simplesmente, em mocidade, entusiasmo, confiança no futuro, seguro olhar a distância, olhando com lúcida visão vindoiras madrugadas, sonhando florir mais ainda, não só de rosas, mas de harmoniosas e novas realizações e realidades, a terra que à roda daquelas chaminés se estende e alteia. Porque, se tudo quanto nos foi apontado e ensinado, na curta visita à Covina, deixou em nosso espírito a assombrosa impressão de uma actividade fulgurante, como os fogos febris das suas fornalhas, a admiração maior, essa, veio-nos sòmente no fim e no gabinete sóbrio da sua direcção: Quando o seu director e grande animador de tão grande emprêsa, desenrolou diante de nós um rôlo de papel desenhado e se pôs a apontar os planos de uma povoação em projecto, futura povoação a erguer pela colina cheia de olivedos — com casas maneirinhas, rodeadas também de roseiras; praças, fontenários, escola, campos de jogos, uma igreja, uma aldeia para os seus 400 operários; uma vila, mais tarde, quando forem (porque hão-de ser!) mil, ou mais; uma cidade, talvez... E os seus olhos de sonhador e de realizador, na sua claridade reflectindo tôda a esperança e confiança, percorriam, enamorados, o rôlo do papel onde tudo traçara e marcara... Donde tudo surgia, claro como o vidro da Covina, de fina, cristalina transparência. Donde tudo surgia certo, na certeza de alguém que, sendo capaz de fundar e alentar emprêsas poderosas, é capaz também de plantar canteiros de rosas e de cravos. E é capacíssimo, por conseqüência — o que desejamos, aqui, essencialmente notar e arquivar — de erguer para o dia de amanhã, ao encontro das aspirações dos homens de amanhã, um florido, feliz e modelar povoado de trabalho e de paz.

A. P.